

**CAROLINA CARVALHO DE FREITAS**

**A CAMPANHA DO GENERAL HUMBERTO  
DELGADO PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS  
DE 1958 NA VILA DE GOUVEIA**

**Orientador: Professor Doutor Nuno Estevão Ferreira**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Lisboa**

**2017**

**CAROLINA CARVALHO DE FREITAS**

**A CAMPANHA DO GENERAL HUMBERTO  
DELGADO PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS  
DE 1958 NA VILA DE GOUVEIA**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção de Mestre no Mestrado em Jornalismo, Política e História Contemporânea, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o Despacho de Nomeação de Júri nº 79/2017 com a seguinte composição:

Presidente- Professora Doutora Carla Isabel Agostinho Martins

Arguente- Professora Doutora Maria Inácia Clemente Rezola

Orientador: Professor Doutor Nuno Estevão Ferreira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Lisboa**

**2017**

J'écris ton nom

Et par le pouvoir d'un mot

Je recommence ma vie

Je suis né pour te connaître

Pour te nommer

Liberté.

**Paul Eluard**

Aos ciclos que se encerram e aos novos que se iniciam.  
Ao meu pai que, de várias formas, inspirou e prolongou esta dissertação.  
Ao meu avô, sempre!

## Agradecimentos

Embora um trabalho individual a presente dissertação contou com a colaboração e o apoio de várias pessoas e instituições.

Em primeiro lugar o meu agradecimento à minha avó, Maria Gabriela de Jesus Saúde Saraiva de Carvalho, pela preciosa ajuda, não só na escolha do tema, como também na realização da pesquisa, tendo-me sempre sabido guiar pelos caminhos da memória e indicado as pessoas certas para me auxiliar na elaboração desta dissertação. Sem o seu precioso contributo este trabalho não teria sido possível.

Precioso foi também o contributo da minha prima, Maria Ofélia Carvalho Sousa Jerónimo Marques e Silva, por igualmente me ter indicado o caminho e ter partilhado comigo material crucial para a elaboração da presente dissertação.

Agradeço à minha mãe, Maria Cristina Saúde Saraiva de Carvalho, pela ajuda, pela força e, principalmente, pela enorme paciência demonstrada durante todo este percurso.

À amiga da minha vida, Maria João Ganhitas, por me ajudar sempre a ter esperança e confiança, pela amizade, pelo carinho, pela paciência e pelo abraço sempre disponível, mesmo a 2000km de distância.

Ao Kjell Hellman por compreender todas as minhas dúvidas e pelo exemplo de coragem que demonstra sempre perante a vida. À Alexandra Andrade pela ajuda na parte jurídica, pelo ânimo e pela força. A Arlinda Mata, Benedita Pereira, Cecília Carvalho, Daniel Abreu Cação, Daniel Sousa, Fernando Sousa, Filipe Ferreira, Mariana Ferreira, Margarida Ferreira, Rita Parreira e a todos os outros amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para esta dissertação.

O meu sincero agradecimento ao Professor Doutor Frederico Delgado Rosa e à Dr.<sup>a</sup> Iva Delgado pela enorme disponibilidade, ajuda e pelas imprescindíveis contribuições.

Ao Dr. Alípio de Melo pela entrevista concedida, pelo estabelecimento de pontes com tantas pessoas dispostas a contribuir e, principalmente, pela ajuda e amizade: muito obrigada!

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Nuno Estevão Ferreira, e aos colegas de mestrado, Ana Francês, André Bernardo, António Reis, Gabriel Pondé, Fernando Realinho e Rui Pêgo.

Indispensável foi também a ajuda do Dr. João Rebocho, da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, e do Dr. Paulo Prata, do Notícias de Gouveia. O meu agradecimento também a António Rodrigues, Carlos Trindade, Casimiro Nogueira, Joaquim Fernandes, José Saraiva, Luís Fonseca, Virgínia Rebelo e Vítor Ferreira.

Os meus sinceros agradecimentos à Câmara Municipal de Gouveia, Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, Biblioteca Nacional de Portugal e Hemeroteca Municipal de Lisboa.

A todos o meu muito obrigada e bem hajam!

## **Resumo**

A presente dissertação pretende analisar o impacto da passagem de Humberto Delgado pela cidade de Gouveia durante a campanha presidencial de 1958 e como o mesmo foi tratado na imprensa escrita. Foram analisados artigos de quatro jornais nacionais, dois regionais e um local, de modo a compreender qual a influência sobre o tratamento noticioso da Censura, filiação política e condicionamentos sociais, demográficos, económicos e políticos da vila de Gouveia.

O objetivo da presente dissertação é compreender a importância da campanha presidencial e da figura de Humberto Delgado em Portugal e em Gouveia, pois apesar da extensa obra publicada no âmbito da temática da campanha de 1958 e da figura do General Humberto Delgado a nível nacional, existe ainda hoje pouca informação acerca do impacto dos mesmos a nível regional e local, à semelhança de tantos outros capítulos da história contemporânea.

Conhecer a história contemporânea local é fundamental para a preservação de memórias e identidades socioculturais.

É ainda objetivo da presente dissertação analisar a campanha do General Humberto Delgado em Gouveia, que, consideramos, espelha o que foi vivido por todo o país.

### **Palavras-chave:**

Eleições de 1958; Gouveia; Humberto Delgado; História Contemporânea; Censura

## **Abstract**

The present dissertation aims to analyse the impact of Humberto Delgado's passage through Gouveia during the campaign that preceded the presidential elections of 1958 and how that impact translated in to the written press.

Articles from four national, two regional and one local newspaper were analysed to understand how news treatment was influenced by censorship, political affiliation and social, demographic, economic and political constrains of the town of Gouveia.

This dissertation's goal is to understand the importance of the presidential campaign and of Humberto Delgado in Portugal and in Gouveia, for although there is extensive work published about the campaign of 1958 and General Humberto Delgado's role nationally there is little information about their impact regionally and locally, like with so many other contemporary history chapters.

Knowing our contemporary local history is fundamental in the preservation of sociocultural memories and identities.

Furthermore, it is the purpose of this dissertation to tell and remember the history of General Humberto Delgado's campaign in Gouveia, considered by us to mirror what was experienced throughout the country.

### **Key words:**

1958 Elections; Gouveia; Humberto Delgado; Contemporary History; Censorship

ABPG – Associação de Beneficência Popular de Gouveia

CTT – Correios, Telégrafos e Telefones

FPLN – Frente Patriótica de Libertação Nacional

GNR – Guarda Nacional Republicana

LP – Legião Portuguesa

MNI – Movimento Nacional Independente

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico do Norte

PCP – Partido Comunista Português

PIDE – Polícia de Investigação e Defesa do Estado

PSP – Polícia de Segurança Pública

SNI – Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, vulgarmente conhecido por Secretariado Nacional de Informação

TAP – Transportes Aéreos Portugueses

UN – União Nacional

## ÍNDICE

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>1. Contextualização Histórica .....</b>	<b>19</b>
1.1. Portugal e a ditadura .....	19
1.2. A censura em Portugal .....	24
1.3. A Vila de Gouveia .....	27
<b>3. Identificação do acontecimento .....</b>	<b>37</b>
3.1- A figura de Delgado .....	37
3.2. A campanha de Delgado .....	42
3.3. A passagem do general Humberto Delgado em Gouveia .....	45
<b>4. Cobertura Jornalística .....</b>	<b>53</b>
4.1 Imprensa Nacional .....	53
4.2 Imprensa Regional .....	62
4.3 Imprensa Local .....	67
<b>Conclusão .....</b>	<b>74</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>79</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>I</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>V</b>

## Índice de Quadros

**Quadro 1:** Evolução da população de Gouveia.....26

**Quadro 2:** Resultados das eleições presidenciais de 1958 no concelho de Gouveia e freguesias urbanas.....51

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Edifício da Associação de Socorros Mútuos e do Centro Republicano Pedro Botto Machado.....	29
<b>Figura 2:</b> Fachada do Centro Republicano Pedro Botto Machado.....	30
<b>Figura 3:</b> Fachada da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas e Operários de Gouveia.....	31
<b>Figura 4:</b> Capa da brochura de propaganda da candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República, editada pelos serviços de candidatura do Porto.....	42
<b>Figura 5:</b> General Humberto Delgado à chegada ao Centro Republicano Pedro Botto Machado.....	45

**Figura 6:** Lápide alusiva ao 50º aniversário da passagem do general Humberto Delgado por Gouveia.....49

**Figura 7:** Multidão aguardando a passagem do general Humberto Delgado junto ao Cine-Teatro Império na vila de Gouveia..... 68

## **Introdução**

A presente dissertação pretende analisar o impacto da passagem de Humberto Delgado pela cidade de Gouveia durante a campanha presidencial de 1958. A campanha de 1958 antecedeu a primeira vez que um candidato da oposição se apresentou às urnas, desde 1926, aquando da implantação do regime ditatorial que vigorou em Portugal até 1974. Com esse intuito recorreremos a quatro jornais nacionais, dois regionais e um local, por ser este o único existente na vila de Gouveia no período em análise, a fim de comparar aquilo que foi publicado nos diversos meios de comunicação portugueses da época, tentando, através da contextualização das diversas notícias e dos diversos jornais, analisar também de que forma estas notícias foram influenciadas e condicionadas pela Censura prévia que então vigorava em Portugal, pela filiação política e pelos condicionamentos sociais, demográficos, económicos e políticos da vila de Gouveia, inserida na região da Serra da Estrela.

O objetivo da presente dissertação é compreender a importância, não só da campanha presidencial, como da figura de Humberto Delgado em Portugal e na então vila de Gouveia, assim como do dia 31 de maio de 1958, data em que este candidato esteve nesta vila que foi no dia seguinte descrita, nas palavras de Fernando Rebelo, membro da Comissão Concelhia de Gouveia da Candidatura do general Humberto Delgado, como “terra de gente que ama a liberdade” (Notícias de Gouveia, 8 de junho de 1958, p. 6).

Assim, e para a investigação efetuada foram utilizadas, juntamente com a extensa bibliografia, cujo destaque vai claramente para os periódicos consultados, algumas entrevistas semiestruturadas a testemunhas e intervenientes no momento em análise. Relativamente às citações utilizadas as mesmas foram apresentadas recorrendo à norma APA, da American Psychology Association, conforme recomendado pelo regulamento em vigor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Esta dissertação segue uma metodologia de estudo de caso e a análise de dados faz-se cruzando informação proveniente de diferentes fontes e diferentes instrumentos: análise de artigos de comunicação social, documentos produzidos durante a campanha, fotografias, entrevistas semidirigidas e observação participante.

Sendo este um tema complexo a abordagem que nos parece mais prática é a interdisciplinar, uma vez que só analisando a temática à luz da sociologia da comunicação e da história contemporânea podemos compreender o acontecimento na sua totalidade.

Apesar da extensa obra publicada e das inúmeras pesquisas efetuadas no âmbito da temática da campanha de 1958 e da figura do general Humberto Delgado a nível nacional, existe ainda hoje em dia muito pouca informação acerca do impacto dos mesmos a nível local e regional, à semelhança do que se passa com tantos outros capítulos da história contemporânea. Muitas vezes a primazia é dada à história mundial e nacional, deixando de lado a não menos importante história local. Conhecer a história contemporânea local/regional torna-se especialmente importante hoje em dia, considerando que a cidade de Gouveia, universo onde decorreu o principal momento aqui analisado, é a mais envelhecida cidade portuguesa (Instituto Nacional de Estatística , 2011), continuando a perder população e, conseqüentemente, perdendo também importantes memórias e identidades socioculturais.

Pretende-se com esta dissertação analisar se a visita de Humberto Delgado a Gouveia, durante a campanha presidencial de 1958, teve impacto na vila e, se sim, qual e em que se traduz este impacto.

Como campanha em Gouveia entendemos dois momentos: a visita do GHD a 30 de maio de 58 e a posterior sessão de propaganda e apoio à campanha do mesmo, realizada na vila no terceiro dia de junho do mesmo ano e que foi presidida por acácio gouveia e organizada pela comissão concelhia de apoio à candidatura do general.

No âmbito da pesquisa efetuada para a realização da presente dissertação foram consultados o *Diário da Manhã*, o *Diário de Lisboa*, *O Século*, o *República*, o *Diário de Coimbra*, o *Correio da Beira* e o *Notícias de Gouveia*. Ao consultar e analisar estes sete jornais pretendemos melhor compreender a imprensa portuguesa da altura e a sua posição relativamente aos três candidatos e, em particular, aos dois candidatos que se apresentaram às urnas no dia 8 de junho de 1958.

Efetuaremos uma análise comparativa dos artigos referentes à campanha do general Humberto Delgado, de modo a compreendermos o alinhamento editorial dos periódicos analisados.

Para além da análise dos referidos artigos e comparação dos mesmos, analisaremos também os artigos referentes aos outros dois candidatos, Arlindo Vicente, candidato do Partido Comunista Português (PCP) e que acabaria por abdicar da sua candidatura em favor da de Humberto Delgado, e o contra-almirante Américo Tomás, candidato da União Nacional e que viria a ser eleito Presidente da República, e o espaço, frequência e importância atribuídos a estas notícias relativamente ao espaço, frequência e importância atribuídos às notícias referentes ao general Humberto Delgado.

Instalado que estavam o medo e a subserviência na sociedade portuguesa dos anos 50 e numa vila onde, quer pelas suas dimensões, quer pela sua situação económico-social, entre a agricultura e a indústria, entre a ruralidade e o urbanismo, entre passado e futuro, as desigualdades existentes, as mesmas que no resto da população portuguesa, estão bem visíveis, consideramos de grande interesse analisar qual a reação popular à passagem do general e, de certa forma, comparar a mesma com a reação a nível nacional.

Apesar de a década de 50 ser de aparente calma e estabilidade para o regime do Estado Novo, na verdade, esta foi uma época de profundas mudanças socioeconómicas.

É sabido que a industrialização dos anos 50 e 60 nunca dispensará uma forte e constante intervenção do Estado, directa e indirectamente, a nível de financiamentos e de múltiplas protecções económicas e políticas a todos os níveis. (Rosas, O Estado Novo, 1994)

Os anos 50 foram uma época de transição entre os períodos de guerras da primeira metade do século XX e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade. Foi a época da chegada da televisão a Portugal e uma era de importantes avanços científicos e sociais a nível mundial. Na década de 1950 verifica-se em Portugal um desenvolvimento social e económico, à semelhança do verificado no resto da Europa nas décadas que se seguiram ao pós Segunda Guerra Mundial, que resultará em “mudanças estruturais significativas, não obstante a existência de poderosos fatores sociais e políticos de resistência que, subsistindo, condicionaram negativamente o ritmo e o alcance das transformações modernizadoras” (Rollo, 2007).

O processo de industrialização português marca esta década, estando intrinsecamente ligado à industrialização do país, que foi possibilitada pelos movimentos migratórios (êxodo rural) que aumentaram a mão de obra disponível nos centros urbanos.

Paradoxalmente, e apesar desta estreita ligação entre urbanização e industrialização, assistimos também a um enorme aumento do setor terciário, principalmente nas cidades.

No seio da população portuguesa que se via «encurralada» entre um mundo em permanente mudança e um país aparentemente estático, à semelhança do regime que o comandava, acumulavam-se tensões (Rosas, 1994).

Pretendemos com o presente trabalho analisar se a visita do general Humberto Delgado a Gouveia, no dia 31 de maio de 1958, durante a campanha presidencial do mesmo ano, teve impacto na vila e, se existiu esse impacto, em que se traduziu o mesmo.

“Nos banhos de multidão que pontuaram praticamente todas as suas deslocações, Delgado era acolhido como um furacão.” (Memórias de Delgado, 2015)

No presente trabalho interessa-nos entender como a imprensa portuguesa da altura, dominada que estava pela censura, no quadro de uma sociedade inserida num regime ditatorial, tratou a campanha do general Humberto Delgado, em particular a sua visita à vila de Gouveia. Terá sido o tema tratado com a imparcialidade exigida ao jornalismo como o entendemos? Teria a imprensa deliberadamente tentado manipular a opinião pública, alinhando com o Estado Novo? E qual teria sido o destaque dado pela imprensa local à campanha de Humberto Delgado em Gouveia?

Certamente que a Censura, assim como a autocensura, terá existido pois, apesar de este período eleitoral poder ser caracterizado como “de exceção” (Alexandra, 1998), uma vez que o regime de Salazar, cuja imagem internacional havia sido abalada após a Segunda Guerra Mundial, estava interessado em com estas eleições presidenciais projetar uma imagem democrática e de legalidade num mundo polarizado e em plena Guerra Fria (Cunha, 2014), preocupação essa que apenas havia aumentado após a Segunda Guerra. Como tal teria obviamente de abrir algum espaço e permitir “um relativo abrandamento da vigilância sobre a crítica” (Alexandra, 1998). No entanto, esta aparente liberalização da imprensa portuguesa, em particular da «oposicionista» foi apenas uma ilusão criada pelo governo para projetar uma imagem de legalidade democrática, tal como as supostas iguais circunstâncias e direitos das candidaturas à Presidência (Cunha, 2014).

Tendo em conta o regime ditatorial que vigorava em Portugal em 1958, que se alicerçava, conforme analisado anteriormente, na Censura, incorporada no SNI, e na polícia política e seus informantes, parece-nos já improvável que a cobertura dada à campanha de Humberto Delgado fosse isenta e imparcial. De facto, os jornalistas portugueses da década de 50 viviam e trabalhavam num meio estreito e constantemente pressionado pela censura, de que estavam dependentes todas as suas publicações. Para além da censura prévia, os próprios jornalistas, condicionados que estavam, autocensuravam-se, impedindo-se de escrever textos que na sua ótica pudessem ser visados pela censura, como, suponhamos, propaganda a um candidato da oposição, mesmo em tempo de campanha eleitoral.

Naturalmente, dado o contexto sociopolítico, todos os jornais analisados no âmbito da presente dissertação provavelmente dedicaram à campanha presidencial de 1958 uma cobertura parcial e de apoio ao Estado Novo, com a possível exceção do *República*, que, para além de não alinhado com a situação, se mantinha de certa forma mais fiel ao princípio da objetividade e à defesa da independência dos jornalistas e da Imprensa, conforme definido nos Estatutos do Sindicato Nacional dos Jornalistas, aprovados em 1934 e em vigor em 1958.

Interessa-nos entender se a visita do «general sem medo» teve impacto nas gentes da vila e como se traduziu esse impacto na memória da população e na própria cidade. Existe memória institucional e física? Passados quase sessenta anos desde o dia 31 de maio de 1958, foram efetuadas algumas homenagens? Ou terá sido este momento da história recente de Gouveia esquecido pela população e pelo poder institucional?

De modo a melhor compreender o momento em análise, considerámos pertinente o estabelecimento de alguns objetivos que nos permitam seguir um fio condutor que nos leve até à resposta pretendida. A nível estrutural, a presente dissertação está dividida em três capítulos e respetivos subcapítulos: contextualização histórica, identificação do acontecimento e cobertura jornalística.

O primeiro capítulo, intitulado contextualização histórica, divide-se em três subcapítulos e tem como objetivos principais caracterizar o Portugal de 1958, o regime ditatorial que então vigorava no país e os meios repressivos através dos quais exercia a censura prévia na sociedade portuguesa em geral e nos meios de comunicação em

particular. É ainda objetivo deste capítulo caracterizar a então vila, atual cidade de Gouveia, não só durante a campanha presidencial de 1958, como, de modo mais geral, ao longo da sua história e evolução. Para este capítulo os autores de referência serão Fernando Rosas, Graça Franco, Maria Lúcia de Brito Moura e José Guerrinha.

No segundo capítulo, novamente dividido em três subcapítulos, e dedicado à identificação do acontecimento, analisaremos e descreveremos a figura do general Humberto Delgado, assim como a campanha eleitoral para as eleições para a Presidência da República de 1958, nas quais o general foi candidato. Esta análise servirá para melhor compreendermos o momento em análise que é a passagem de Humberto Delgado pela vila de Gouveia, a 31 de maio de 1958, tendo como referência novamente Fernando Rosas, assim como os autores Iva Delgado e Frederico Delgado Rosa, e ainda os jornais da época consultados no âmbito da pesquisa efetuada para a elaboração desta dissertação.

Estes capítulos conduzem-nos ao capítulo final, intitulado Cobertura Jornalística, onde analisaremos pormenorizadamente a importância e cobertura dadas por cada um dos sete periódicos em análise à campanha de Humberto Delgado em Gouveia, ou seja, à sessão de propaganda e à passagem do candidato pela vila, e de forma mais superficial compararemos o relevo atribuído aos três candidatos que inicialmente se apresentaram.

Por fim chegaremos à conclusão onde retomaremos o problema inicial e tentaremos responder às questões até aqui então colocadas, revendo os resultados obtidos durante a pesquisa efetuada e avaliando se as hipóteses colocadas se confirmam ou não.

Conforme já foi referido, o objetivo da presente dissertação é compreender qual a importância, não só da campanha como da figura de Humberto Delgado, no país, em particular na vila de Gouveia.

## **1. Contextualização Histórica**

### **1.1. Portugal e a ditadura**

Após a implantação da República Portuguesa em 5 de outubro de 1910, seguir-se-ia mais de uma década de instabilidade política, económica e social. De facto, a instabilidade era tal que em quinze anos de vigência da Constituição de 1911, sucederam-se 44 governos e 8 presidentes.

A 28 de maio de 1926, o Marechal Gomes da Costa liderou um levantamento militar, que terminou com a Primeira República, instaurou um regime autoritário, uma ditadura militar e que concentrava na figura do chefe de governo, o Presidente do Conselho de Ministros, os poderes que até então estavam distribuídos pelo Parlamento e diversos ministérios, ou seja, atribuía ao executivo poderes legislativos e, subordinava os restantes poderes ao mesmo. Este golpe viria assim a dar origem ao Estado Novo, cuja Constituição, conforme veremos, consagrava o chefe de governo como responsável apenas perante o Presidente da República e este apenas perante a Nação portuguesa, que o elegia através de sufrágio direto (Caetano, 1968).

Após a eleição por sufrágio direto do marechal Óscar Carmona, e sucessivas tentativas falhadas de diversos dirigentes de conseguirem equilibrar a situação financeira e as contas públicas portuguesas, António de Oliveira Salazar, antigo professor da Universidade de Coimbra, assume novamente a pasta das finanças, de que havia sido detentor em 1926, exigindo o controlo sobre as receitas e despesas de todos os ministérios portugueses. Salazar imporia um rigoroso controlo sobre as contas públicas, assim como uma forte austeridade, que resultariam no chamado «milagre financeiro», com o equilíbrio das contas públicas e a estabilidade da moeda. Tal feito, teria como consequência o seu fortalecimento na elite política nacional e progressivamente, Salazar ganharia terreno na estrutura política e militar do regime, que viria a dominar, culminando na sua nomeação como Presidente do Conselho de Ministros, em 1932. Esta nomeação surgiria num contexto europeu de crescente autoritarismo e nacionalismo e teria como consequência a estabilização e o fortalecimento do regime, que se tornaria assim mais autoritário e

repressivo, com a aprovação da nova Constituição em 1933 e a instauração formal do Estado Novo.

O regime ditatorial instaurado em Portugal surge num clima de descontentamento popular e de instabilidade social, à semelhança do clima vivido em Itália nos anos que antecederam a instauração do fascismo. Ambos os regimes pretendem o distanciamento do liberalismo e o fortalecimento do Estado, nas palavras de Salazar: Tudo na Nação, nada contra a Nação (Nogueira, 1977). Estes dois regimes diferem nos objetivos, uma vez que Mussolini pretendia a mobilização das massas tendo em vista a expansão territorial e Salazar, estando à frente dos destinos de uma potência colonial, detentora de vastos territórios ultramarinos, pretendia a desmobilização das massas e a organização e estruturação da sociedade em comunidades, corporações disciplinadas, tendo como objetivo o interesse geral e o cumprimento da lei. Novamente à semelhança do regime italiano, o cidadão individual dá lugar ao coletivo e o Estado passa a reger-se pela vontade das elites em oposição à vontade das massas e é instituído um sistema de regulação económica, autoritário e corporativista (Pinto, 2012).

“(…) o Estado Novo, à semelhança de outros regimes fascistas ou fascizantes da Europa, alimentou e procurou executar, a partir de órgãos do Estado especialmente criados para o efeito, um projeto totalizante de reeducação dos «espíritos», de criação de um novo tipo de portuguesas e de portugueses regenerados pelo ideário genuinamente nacional de que o regime se considerava portador”. (Rosas, 2001)

O regime português era ainda semelhante ao italiano no que diz respeito às forças policiais, a Guarda Nacional Republicana (GNR), Legião Portuguesa (LP), Polícia de Segurança Pública (PSP) e a Polícia de Investigação e Defesa do Estado (PIDE) e respetivas políticas de intimidação, de repressão e de propaganda, que passavam pela inculcação ideológica de camadas específicas da população, como a juventude na forma da Mocidade Portuguesa, à semelhança da Juventude Fascista.

Apesar da admiração e inspiração no fascismo, na génese do regime autoritário português, Salazar tenta ao mesmo tempo distinguir-se do mesmo, dando ao «seu» regime um cariz próprio: o fascismo lusitano.

A Assembleia Nacional elegia os seus deputados através de sufrágio universal e direto e tinha como principal característica a representação no seu seio não de partidos

políticos, mas sim de uma organização não partidária, obediente ao próprio Oliveira Salazar, a União Nacional (UN). Esta elaborava as listas eleitorais, propunha candidaturas e representava um restrito grupo de eleitores.

Embora sendo um sistema supostamente presidencial, centrado na figura do Presidente da República, a Constituição de 1933 atribuía ao Presidente do Conselho de Ministros, diversos poderes que, na prática, transformavam o regime num regime semipresidencial ou, como o definiu Marcello Caetano (1968), num presidencialismo bicéfalo.

Com o aumento dos poderes do Presidente do Conselho as funções de fiscalização do governo e de votação de leis foram-se tornando, na prática, irrelevantes.

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, na qual Portugal não participou, dá-se uma mudança no regime, na população e, em particular, na oposição, aumentando a contestação e o desejo de liberdade e de instauração de um regime democrático.

As pressões para a democratização do regime são tanto internas, da parte dos setores militares e do governo, como externas, da parte de parceiros internacionais, principalmente dos Aliados, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Assim, em 1945, as leis eleitorais são alteradas facilitando à oposição a hipótese de concorrer a eleições legislativas, indo de encontro às já referidas pressões internacionais e anunciando até à oposição um período de «livre» exposição das suas ideias. Na prática, este período serviria ao regime, em particular à sua polícia política, para melhor conhecer e controlar a oposição, os seus membros, ideias e rotinas.

Com o advento da Guerra Fria e consequente viragem no rumo das políticas internacionais, terminariam as mudanças no sentido da democratização do regime, tendo Salazar visto neste período uma oportunidade de ser uma «arma» na luta contra o comunismo na cena internacional, reaproximando-se dos parceiros internacionais e, a nível interno, isolando o PCP, que era o único setor organizado da oposição.

O Portugal da década de 50 é tão estático como um glaciário (Rosas, 1998), contrastando com a restante sociedade europeia e ocidental, que, marcada pela Segunda Guerra Mundial e profundas mudanças económicas e sociais consequentes, entrava agora num novo «zeitgeist». Eliminadas as ameaças ao seu monopólio do poder, António de

Oliveira Salazar, com quase setenta anos de idade e vinte à frente dos destinos do país, parece finalmente realizar a sua grande ambição de “viver habitualmente” (Vieira, 1999).

No entanto, a realidade portuguesa é marcada pela elevada mortalidade infantil, que em muito se deve à deficiente alimentação, e pelas duras condições de vida em geral, principalmente nos meios rurais que ainda dominam o país. A década de 50 é também marcada pela elevada emigração, que, apesar de funcionar com uma espécie de paliativo da sociedade portuguesa, tem como consequência óbvia a diminuição da população ativa (Vieira, 1999).

O governo de Salazar continua a não apostar na urbanização, no desenvolvimento e na abertura económica do país, mantendo-o predominantemente rural e agrícola. Também estagnada estava a vida política do país, tendo nesta década o aparelho censitário e policial atingido a sua plenitude, não existindo limite para o «lápiz azul» da censura.

“Em meados do século XX e até ao fim dos anos 60, Portugal exibia vários títulos que o distinguiam da maior parte dos países europeus ocidentais. O mais antigo e durável império colonial ultramarino, o único, aliás, ainda existente. A mais longa ditadura pessoal moderna. O país onde eram mais elevadas as taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil. A mais jovem população, com a mais elevada natalidade e a mais baixa esperança de vida à nascença. O menor número de médicos e de enfermeiros por habitante. O mais baixo rendimento por habitante. A menor produtividade por trabalhador. A maior população agrícola e a menor taxa de industrialização.” (Barreto, 2005, p. 161.)

Está instalado “o servilismo e a subserviência” (Vieira, 1999, p. 23) e o medo domina gradualmente a sociedade portuguesa, transformando-se numa espécie de cimento que consolida o poder e estabilidade do sistema.

Em 1955, no auge da Guerra Fria, Portugal é admitido na Organização das Nações Unidas (ONU) e este facto, ilustrativo da conjuntura internacional anticomunista, ajuda Salazar a garantir a complacência dos seus aliados. Na verdade, esta seria a última fase de aceitação internacional do regime, que beneficia do clima de guerra civil e da sua posição geoestratégica.

Em 1956, é criado o primeiro movimento anticolonialista oficial, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), liderado por Agostinho Neto. Durante o resto da década estes movimentos proliferariam pelos territórios africanos, à semelhança do que já havia acontecido nos territórios indianos portugueses.

Retomando a metáfora previamente utilizada, apesar de aparentemente estática, a sociedade portuguesa, tal como um glaciador que navega num mar de águas agitadas, move-se e altera-se constantemente (Rosas, 1998).

Apesar dos receios do Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, a industrialização aumenta e Salazar consciente de que um profundo desnível económico-social com a Europa provocaria “uma crise social ainda mais profunda do que os possíveis efeitos de um processo fabril” (Vieira, 1999, p. 25), tenta controlar o mesmo, através da criação e implementação dos Planos de Fomento, que tinham duração de seis anos e cujo objetivo era a modernização e industrialização do país.

A sociedade portuguesa inicia finalmente a transição de rural para moderna. No entanto, esta transição é lenta, tal como o desenvolvimento e evolução do sistema político, a abertura do regime, o aumento da participação cívica e a renovação dos quadros dirigentes. Esta década aparentaria, enganadoramente, ser calma, de ordem e estabilidade para o regime, mas seria, na verdade, palco para o acumular de tensões que deflagrariam na campanha de Humberto Delgado. A degradação da condição operária e o êxodo rural, maioritariamente feito para zonas suburbanas e com precárias condições chocava com as expectativas de melhoria financeira das novas camadas sociais, fruto do crescimento industrial e da expansão dos serviços terciários.

As eleições presidenciais de 1958 e a campanha efetuada pelo general Humberto Delgado evidenciam o contraste entre um país e um mundo em mudança e um Estado cada vez mais envelhecido. O impacto da campanha do general é forte e as consequências são graves para o regime, podendo mesmo ser este período considerado o início do fim do Estado Novo (Rosas, 1994).

As eleições de 1958 foram um importante momento na história portuguesa contemporânea, um momento-chave em que a população do país poderia ter decidido, através do seu voto, o futuro do país. No entanto, a “opressão, a censura, a violência e a fraude marcaram a campanha eleitoral e determinaram a votação, garantindo a vitória dos candidatos da situação e a derrota dos da Oposição, apesar destes terem, inequivocamente, o apoio da maioria da população.” (Ferreira, 2006, p. 1)

Com a onda de choque que o delgadismo virá a provocar nos anos seguintes inicia-se a arrastada crise final do regime, agravado ao longo dos anos 60, pela

generalização das guerras coloniais e pela divisão interna acerca dos caminhos do futuro. Se o regime se chega a recompor, tendo durado até 1974, seria, sobretudo, pela falta de entendimento entre as oposições e os críticos do regime, no entanto, a sociedade portuguesa estaria crescentemente insatisfeita (Rosas, 1994).

## **1.2. A censura em Portugal**

Salvo períodos específicos, que podemos classificar de exceção, a censura enquanto instituição tem acompanhado, ao longo da história, a vida cultural portuguesa, condicionando e dirigindo as suas linhas de desenvolvimento. Basta sublinhar que a censura interveio na produção intelectual portuguesa durante cerca de quatro dos seus cinco séculos de imprensa. Desta forma a legislação sobre a liberdade de imprensa acompanhou sempre a ideologia política dos governos no poder. (Rodrigues G. , 1980)

Historicamente, a censura apresenta-se como “barómetro da ideologia política” (Rodrigues G. , 1980, p. 51). A cada mudança de regime, seja ele liberal, absolutista, republicano ou ditatorial, corresponde a entrada em vigor de novas leis de imprensa.

A censura remonta ao Império Romano, e, com a decadência do mesmo, alicerçou-se na Igreja Católica que a utilizou no combate à heresia. Após a invenção da topografia no século XV e sua conseqüente proliferação, a própria Igreja incentiva os estados católicos a organizarem o exercício da censura. (Rodrigues G. , 1980)

Verificamos, na primeira década do século XX, uma forte perseguição à imprensa oposicionista, ou, simplesmente, não-alinhada com o governo vigente. É nesta década que a imprensa local adquire o seu cariz noticioso, mesmo a imprensa de ideologia política claramente definida.

Apesar das elevadas expectativas após a implantação da República, com a revogação de leis que condicionavam a liberdade de imprensa e com a aprovação de leis que estimulavam a criação de novos jornais, na prática a censura daria apenas uma trégua e, apesar da mudança de regime, pouco mudaria no panorama dos jornais portugueses.

A lei de imprensa da Primeira República, publicada cinco dias após a implantação do novo regime, admitia liberdade de crítica à ação governativa, limitando a censura a

assuntos de guerra e a escritos que pudessem ser considerados prejudiciais às forças militares. As comissões de censura apenas eliminariam notícias que fossem prejudiciais à defesa nacional, militar ou económica, às operações de guerra ou às notícias que fizessem propaganda contra a guerra e referidas operações.

Aumentaria o número de jornais e a tiragem dos mesmos, mas eram proibidos escritos que criticassem ou ultrajassem a República ou suas instituições, assim como a segurança do Estado, o que levaria ao encerramento de muitos jornais monárquicos e católicos e, sendo mais ou menos abrangente, a censura prévia estaria, de uma forma ou de outra, sempre presente na sociedade portuguesa até 1974. Em diversas ocasiões, os espaços previamente ocupados pelos artigos sujeitos a censura nos periódicos portugueses de início do século, eram deixados em branco.

Logo após o golpe de Estado de 1926 e implantada a Ditadura Militar, foi restabelecida a censura prévia, que viria a ser a essência do sistema, assente na repressão preventiva (Rosas, 1998).

Com a Constituição de 1933 é institucionalizada a já antiga censura, que controlava a Imprensa, todas as publicações e manifestações culturais e que se apoiava numa polícia política repressiva detentora de uma vasta rede de informadores. A liberdade de expressão era severamente limitada e condicionada e ações políticas reprimidas e punidas.

De facto, a Constituição de 1933, pese embora afirme a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão, define que as mesmas devem ser reguladas por leis especiais.

É em 1944, que a censura se torna legalmente num órgão de formação e propaganda política, ficando a Direção-Geral dos Serviços de Censura integrada no Secretariado Nacional de Informação (SNI), que, por sua vez, fica sob a dependência direta do Presidente do Conselho.

Passa a ser competência do SNI, autorizar o exercício de atividade em território nacional, de agências noticiosas, quer portuguesas, quer estrangeiras, assim como, de jornalistas não portugueses. O SNI recebe cópias de todos os jornais existentes em território nacional antes mesmo da publicação dos mesmos. Não estando os livros sujeitos a censura prévia, mas recebendo o SNI uma cópia após a impressão, qualquer edição

poderia ser apreendida após a sua publicação. Na própria Biblioteca Nacional portuguesa existia um ficheiro de Obras Proibidas de “ir à leitura” (Ferreira, 2006).

Para além disso, diversos mecanismos estavam articulados de forma a proteger a ideologia do regime, de maneira aparentemente invisível e estimulando a autocensura. (Marcos, 2004).

O controlo sobre os livros lidos ou produzidos pela população portuguesa era feito através da articulação do SNI e das diversas polícias do regime, PSP, GNR e PIDE, assim como, pelos serviços alfandegários e até pelos Correios de Portugal (CTT – Correios, Telégrafos e Telefones), que violavam a correspondência e apreendiam livros (Gomes, 2006).

A informação política era, sem dúvida, a mais censurada e, como tal, os acontecimentos mais fortemente censurados durante o período do Estado Novo foram os Congressos da Oposição Democrática em Aveiro, nos anos de 1957, 1969 e 1973, e as campanhas eleitorais de Norton de Matos e Humberto Delgado, em 1949 e 1958 respetivamente (Marcos, 2004).

Durante o período de campanha eleitoral que antecedeu as eleições presidenciais de 1958 os constantes abusos da censura foram sendo denunciados pelas duas candidaturas da oposição. Em princípio, e de acordo com as leis em vigor, os trinta dias de campanha deveriam ser vividos sem a intervenção do «lápiz azul». Tal não viria a suceder e os candidatos da oposição e membros das suas comissões, emitiriam diversos comunicados dando conta destas violações, não só da liberdade de expressão, mas consequentemente, da capacidade de efetuar uma campanha verdadeiramente livre e democrática, forma obrigatória de anteceder e garantir eleições também elas livres e democráticas. No entanto, os referidos comunicados foram sistematicamente censurados! (Delgado I. , 1998)

“Eu lembro-me uma vez falei com um militar um soldado que morava em Elvas e disse que quando abriu a porta de casa e viu um cartaz com a figura do meu pai e a palavra liberdade teve uma comoção tão forte, tão forte, tão forte que desatou a chorar. Nunca tinha visto a palavra liberdade escrita, porque era a autocensura dos jornalistas e das pessoas.” (Delgado I. , Entrevista, 2013)

### 1.3. A Vila de Gouveia

Pertencendo atualmente ao distrito da Guarda, a cidade de Gouveia é já habitada desde a Idade do Bronze, conforme comprovam os vestígios arqueológicos encontrados. Dotada de foral próprio atribuído por D. Sancho em 1186, seria elevada a cidade somente em 1986, sendo hoje em dia, e de acordo com o mais recente recenseamento da população nacional (Censos 2011), a cidade portuguesa com mais envelhecida população, tendo 246 idosos para cada 100 jovens, num universo de 4000 habitantes. A cidade é hoje sede de um concelho com 14000 habitantes e dividido em 22 freguesias. O seu expoente demográfico foi na década de 1950, conforme podemos verificar no quadro abaixo apresentado (Quadro 1).

Ano	Gouveia		Total da População de Gouveia	População do Concelho
	S. Julião	S. Pedro		
1911	1213	2281	3493	25373
1920	1336	1951	3287	23599
1930	1516	2074	3590	23724
1940	1637	2498	4135	27321
1950	1610	2709	4319	27673
1960	1993	2222	4215	25210
1970	1080	1530	2610	18305
1981	1636	2308	3944	19045

Quadro 1 Evolução da população de Gouveia; Fonte: INE

O território do concelho de Gouveia engloba uma área de cerca de 300 km<sup>2</sup> e com altitudes entre os 125 e os 1620 metros acima do nível médio do mar, situando-se uma significativa parte do mesmo, na área protegida do Parque Natural da Serra da Estrela. Apesar de se localizar na vertente Noroeste da Serra da Estrela, este concelho esteve durante um século integrado na região da Beira Baixa, após a reforma administrativa consequente da vitória das forças liberais em 1834.

Durante séculos a economia da região foi dominada pela agricultura e, principalmente, pela pastorícia e transumância, o que, eventualmente, viria a impulsionar o desenvolvimento da indústria de lanifícios e têxtil, nos séculos XIX e XX e que traria grande desenvolvimento e modernização à vila.

Em 1840, a indústria de lanifícios, já florescente em Gouveia, conhece uma nova expansão com o uso crescente da energia do vapor em lugar da força hidráulica até então empregada. Com a força do vapor a produção aumentou e diversificou-se, as instalações foram ampliadas e a população operária cresceu, assim como os lucros.

Nos finais do século XIX, em 1870, Gouveia possuía 20 dos 57 teares mecânicos no país e existiam 23 fábricas no concelho, que era o “sexto centro urbano de maior faturação industrial” (Pinheiro, 2008, p. 6).

Era evidente a desenfreada exploração dos operários fabris e, não existindo ainda horários definidos por lei, era exigido aos operários o trabalho de sol a sol, o que levava a doze horas de trabalho no verão e dez no inverno.

O progresso industrial e o aumento da população operária provocam alterações nos hábitos dos habitantes de Gouveia, onde as desigualdades sociais são marcantes. No proletariado, “os homens procuram o convívio nas tabernas que são olhadas por uns como antros de degradação moral e por outros como locais onde os assalariados” (Pires, 2001) podiam descontrair. Alguns grupos de operários mais conscientes e organizados tentariam levar as autoridades a fechar as tabernas ao domingo de modo a afastar os colegas da degradação consequente do alcoolismo. Surgia assim o Clube Recreativo, que apesar de não ter a popularidade da taberna, acolhia toda a população, ao contrário do Club Camões.

As elites dispunham do Club Camões, prestigiada associação “cuja adesão era sujeita a reserva e a fortes direitos de admissão” (Pires, 2001). Este clube tinha tal importância que a sua direção chegou a ser, em 1900, recebida pela Rainha D. Maria Pia, consorte de D. Luís. O referido clube organizava serões culturais e jogos e “proporcionava a prática do jogo de bilhar e a leitura dos jornais da época” (Pires, 2001).

A 6 de janeiro de 1902, a vila de Gouveia foi iluminada com luz elétrica, devido ao aproveitamento da força hidráulica utilizada na indústria têxtil, sendo uma das primeiras localidades portuguesas onde tal aconteceu.

Ainda em 1902 teve lugar em Gouveia um movimento grevista que viria a ter grande impacto na sociedade operária e grande cobertura jornalística a nível nacional, ficando conhecida como uma das primeiras greves operárias significativas em Portugal. Em agosto de 1902 os tecelões de lã gouveenses entraram em greve, exigindo melhores salários e condições de trabalho. Confrontados com a firmeza dos trabalhadores nas reivindicações, o patronato solicitou ao governo que enviasse tropas para a região, sendo que em setembro desse ano, numa tentativa de dispersar a multidão reunida em mais uma manifestação e de terminar a greve dois trabalhadores perderam a vida após terem sido atingidos a tiro por elementos da mesma. Duas mil pessoas acompanharam os funerais dos trabalhadores assassinados, como expressão de solidariedade, numa vila que se encontrava ainda em clima de guerra. Só em novembro desse ano viriam o patronato a ceder e concordar com as reivindicações dos trabalhadores, apenas para um mês mais tarde despedir duas dezenas de operários (Mónica, 2010).

Razões económicas, culturais, sociais, geográficas e até climatéricas têm influência na densidade populacional, o que leva a que, por norma, as regiões montanhosas sejam menos povoadas. No entanto, ao ser uma vila industrial a densidade populacional de Gouveia no início do século XX era elevada, tendo atingido o seu pico na década de 1950, altura em que a população do concelho era de 27673 habitantes (Moura, 1996). Ainda a nível demográfico, consideramos pertinente referir que no concelho analisado, se verifica uma perda de 2352 habitantes entre os Censos de 1950 e o de 1960. A título comparativo o mesmo território tem, segundo o mais recente recenseamento populacional, Censos 2011, 14046 habitantes.

Com o século XX e o desenvolvimento da indústria local, Gouveia tornou-se uma vila marcadamente operária e industrial, com uma enorme fatia da sua população a pertencer à indústria dos lanifícios. Nas primeiras décadas do século XX, Gouveia viria a tornar-se um centro urbano com uma das maiores populações operárias da indústria dos lanifícios em Portugal (Moura, 1996).

O movimento operário existente na vila crescia amparado na implantação da República e conseqüentes mudanças sociais, económicas e políticas. Gouveia teve também um papel impulsionador na implantação da República, papel esse personificado na figura de Pedro Botto Machado, um ilustre filho da terra, interveniente na Revolta do Porto de 31 de janeiro de 1891. Pedro Botto Machado teve um papel fulcral no desenvolvimento social e na dinamização da vila. Ao regressar à terra natal em 1906, após quinze anos em Angola,

adquiriu um edifício onde viria a instalar o Centro Republicano de Gouveia e onde funcionou “uma Escola de Primeiras Letras, a Associação de Socorros Mútuos dos Artistas e Operários, um Centro de Instrução e Recreio para jovens, a Sociedade Musical Gouveense, (...) Escola Primária superior, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários (Guerrinha, 1985)” entre muitos outros.

A título ilustrativo, na figura abaixo apresentada (Figura 1), podemos observar o referido edifício.



*Figura 1 - Edifício da Associação de Socorros Mútuos e do Centro Republicano Pedro Botto Machado  
Carolina Carvalho de Freitas, 5 de novembro de 2013*

Pedro Botto Machado “desenvolveu então uma acção local de propaganda republicana, estruturando o partido no concelho de Gouveia, militando em diversas associações e convertendo-se numa referência local” (Nunes, 2011, p. 274).

Foi ainda instrumental para a criação de Oficinas-Escola e, enquanto esteve à frente dos destinos da vila como seu Presidente, nos anos que antecederam a Implantação da República, iniciou a construção da atual rede de esgotos, o aumento do caudal de água, a eletrificação da vila, a criação de uma fábrica de sedas e a promoção de Gouveia e da Serra da Estrela. A este gouveense se devem também os trabalhos de abertura de uma Avenida, que viria a ter o seu nome como homenagem póstuma (Arcanjo, 2012).

O papel de Fernão Botto Machado, republicano, maçom e socialista, que viria a ser deputado na Assembleia Constituinte de 1911, pelo Circulo nº 23 de Pinhel, jornalista com

colaborações em diversos jornais, dos quais se destaca *O Século*, e diplomata no Japão e em vários países do continente americano, deve-se em parte à participação do irmão Pedro na tentativa falhada de revolta que teve lugar a 31 de janeiro na cidade do Porto e que teria como consequência a prisão e o exílio deste para colónia portuguesa de Angola.

À data da implantação da República, o Centro Republicano Pedro do Amaral Botto Machado fosse caso único no distrito da Guarda. Na verdade, a sua existência vem ilustrar “o peso do caudilhismo democrático na instalação de clubes em regiões do interior” (Ribeiro, 2011, p. 49)



*Figura 2 Fachada do Centro Republicano Pedro Botto Machado*

*Carolina Carvalho de Freitas, 5 de novembro de 2013*

Apesar de o Centro Republicano, cuja fachada apresentamos na figura acima (Figura 2), se encontrar desativado, o edifício do mesmo, que também tem o nome de Pedro Botto Machado, continua a existir e a servir a cidade, em prol da cultura e do desporto, como, aliás, a maioria da sua obra continua hoje a ser visível e a ter impacto na população gouveense, sendo sede do Clube Desportivo de Gouveia, do Rancho Folclórico Gouveense e da Sociedade Musical Gouveense e ainda um ponto de encontro para cidadãos gouveenses de todas as classes sociais e faixas etárias.



*Figura 3 Fachada da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas e Operários de Gouveia  
Carolina Carvalho de Freitas, 5 de novembro de 2013*

A já referida Associação de Socorros Mútuos dos Artistas e Operários de Gouveia, cuja fachada é apresentada acima (Figura 3), foi fundada em 1896 por Alfredo da Cunha Saraiva, proprietário de uma fábrica de balões venezianos em Gouveia, referência nos alvares do século XX pelo trabalho republicano desenvolvido nesta vila e sócio de Pedro Botto Machado numa fábrica de tecido de fio de seda (Câmara Municipal de Gouveia, 2010). Desenvolveu serviços de assistência que hoje são da responsabilidade do Estado, como a assistência em caso de doença, os subsídios de desemprego, viuvez e orfandade ou ainda as ajudas nas despesas referentes a funerais.

Existia também na década de 50 do passado século, em Gouveia, a Associação de Beneficência Popular de Gouveia (ABPG), fundada em 1880, hoje uma Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem como missão contribuir para a promoção e desenvolvimento integrado da população do Concelho nas áreas da cultura, economia e, claro está, na área social.

Indicativo da tradição associativista e fabril existente na vila é o facto de a mesma ser sede do atual Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Alta, até 1974 designado Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia e que havia sido fundado em 2 de novembro de 1937.

A ter existido, é, em geral, desconhecida a atuação política e a presença cívica da juventude da Serra da Estrela, e em particular em Gouveia, nos fins da década de cinquenta,

uma vez que, por norma, os historiadores dão ênfase aos movimentos juvenis que surgiram a partir dos anos 60.

É um facto que o Estado Novo tentou orientar a formação de toda a juventude, e consequentemente de toda a nação, num sentido ideológico. Esta tentativa de doutrinação dos jovens intensificou-se sobretudo a partir de 1936, após a criação da Mocidade Portuguesa.

No *Diário das Beiras* de 16 de outubro de 2010, encontramos um artigo intitulado “Gouveia, uma Estrela da República”. Neste artigo o autor e também diretor do referido jornal, Agostinho Franklin, cita alguns notáveis gouveenses defensores do republicanismo democrático que devem, na opinião do autor, ser recordados e referenciados. São eles Casimiro de Andrade, Manuel Lima, Mário Figueira, membros da comissão concelhia de candidatura do general do Humberto Delgado nas eleições presidenciais de 1958, conforme veremos em capítulo posterior, e Mário Pinto, Duarte Ferreira, António Cunha e António Lameiras.

O escritor e republicano, Casimiro de Andrade nasceu em Gouveia em julho de 1910. “Nasceu com a República, como lhe dizia sua mãe” (Andrade, 2010, p. 92). Tendo frequentado a Escola Primária Superior, trabalhou nas oficinas da família Botto Machado e em outras fábricas de lanifícios, primeiro como marçano, aprendiz de caixeiro, e depois como empregado de escritório e guarda-livros. Desde muito cedo colaborou nos jornais locais, *O Hermínio* e o *Notícias de Gouveia*, assim como em jornais nacionais como o *República*, tendo ainda sido dirigente de muitas coletividades locais, como o Centro Republicano e tendo participado nas diversas campanhas da Oposição. Já depois do 25 de abril de 1974, integrou a 1ª Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Gouveia, em 1988 recebeu a Medalha de Mérito Municipal e em 1993 após o seu falecimento a mesma Câmara Municipal tornou a homenageá-lo atribuindo o seu nome a uma das artérias da sua terra natal.

Mário Figueira, natural de Vila Franca da Serra, Gouveia, foi médico, cientista, republicano e lutou pela liberdade e pela defesa do serviço público. Considerado um dos “últimos grandes republicanos, socialista e laico, do concelho de Gouveia” (Pacheco, 2003), Mário Figueira, membro da comissão concelhia de Gouveia da candidatura de Humberto Delgado, cultivou sempre os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, em que acreditava convictamente e pelos quais lutou ao longo da vida, principalmente, durante o período da ditadura do Estado Novo fosse nas eleições de Norton de Matos, de Humberto Delgado, nos

congressos democráticos de Aveiro ou nas listas da oposição pelo Distrito da Guarda para a Assembleia Nacional. Tendo estudado medicina na Universidade de Coimbra, escolheu retornar à terra natal terminados os estudos, de modo a exercer a profissão na sua aldeia e nas localidades próximas da mesma, onde considerava ser necessário o seu contributo. Tendo residido durante muitos anos na aldeia de Melo, desenvolveu uma profunda amizade com o escritor Vergílio Ferreira, natural da mesma aldeia e que julgamos dispensar apresentações. Na verdade, Mário Gomes Figueira viria a ser personagem em vários livros do escritor gouveense. Escassos dias após o seu falecimento, foi inaugurada em Gouveia a Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira e esse teria sido “um momento único na vida de um grande democrata, esse encontro com o amigo Vergílio Ferreira e com a referência histórica do socialismo em liberdade que é Mário Soares. O ter sido ali evocado o seu nome e o seu exemplo foi a homenagem possível” (Pacheco, 2003). A título póstumo, o Concelho de Gouveia reconheceu o seu enorme contributo social e político, enquanto médico, cidadão e republicano resistente à ditadura e atribuiu-lhe a Medalha de Mérito Municipal.

Ainda no artigo “Gouveia, uma Estrela da República”, revela-nos o autor considerar “justo reconhecer como «Republicanos de Gouveia», sinónimo então [1926-1974] de opositores ao regime do Estado Novo” (Franklin, 2010) as pessoas mencionadas. Estas personalidades afirmavam-se “defensores do republicanismo democrático” (Franklin, 2010) e reuniam-se clandestinamente no Centro Republicano de Gouveia, sendo figuras “popularmente reconhecidas como pessoas de bem (...) porque viviam de acordo com os princípios que defendiam, exaltando o princípio da solidariedade humana. (...) Gouveia foi e será uma Estrela da República” (Franklin, 2010).

Durante a pesquisa efetuada no âmbito da presente dissertação não foi possível encontrar informações biográficas fidedignas acerca dos outros gouveenses defensores do republicanismo democrático listados no artigo anteriormente referido. Existem, no entanto, outros nomes que consideramos importante destacar.

O Presidente da Comissão Concelhia da campanha de Delgado em Gouveia era Fernando Rebelo, advogado e antigo Presidente da Associação Académica de Coimbra. Nascido em 1919 e oriundo de uma família republicana de Gouveia (Islenha, 2003), o seu percurso seria sempre distante do Estado Novo, de quem foi conhecido opositorista, tendo integrado a Comissão Democrática Eleitoral em 1969. Em agosto de 1974 foi empossado

primeiro Governador democrático da Madeira e a 10 de Junho de 1999 recebeu as insígnias de Grande Oficial da Ordem da Liberdade.

No lado oposto da barricada, ou seja, no lado da situação, existiam, claro está, também diversos cidadãos que poderíamos aqui referir, mas, parece-nos lógico para a presente dissertação destacar o nome de Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior. Apesar de ser natural da vizinha cidade de Viseu, Santos Júnior foi Presidente da Câmara Municipal de Gouveia entre 1946 e 1959, ou seja, à data da campanha e passagem do general Humberto Delgado por Gouveia era ainda este médico quem presidia os destinos da vila. Este antigo médico da Caixa de Previdência dos Lanifícios de Gouveia, que viria a abandonar as ditas funções para se dedicar exclusivamente à política, teve uma extensa carreira, tendo sido subdelegado regional da Mocidade Portuguesa em Gouveia, presidente da Comissão Distrital da Guarda da União Nacional no ano de 1952 e deputado pelo distrito da Guarda, de 1957 até 1960. No seguinte ano de 1961, chegaria a Ministro do Interior, cargo que ocupou até 1968, e onde ganhou grande visibilidade ao ser responsável pela forte repressão sobre o movimento estudantil e as manifestações operárias do 1º de maio de 1962.

Alípio de Melo, gouveense e antigo Presidente da Câmara Municipal de Gouveia, o primeiro após o 25 de abril de 1974, entrevistado no âmbito desta dissertação, afirmou que:

“Gouveia era um meio essencialmente operário e o operariado teve uma função bastante importante em várias décadas. Nos anos 40 alguns aderiram a greves, levando a solicitar a vinda de tropas com receio de que houvesse alguma alteração da ordem. Eram também baixos os salários, evidentemente, gerando muitas dificuldades” (Melo, Entrevista, 2013)

Conforme nos relata o antigo dirigente municipal, em abril de 1946, novas greves tiveram lugar em Gouveia. À semelhança do que acontecia em outras localidades industrializadas da região, como a Covilhã ou Manteigas, todas as fábricas gouveenses pararam numa greve que duraria 18 dias e em que os trabalhadores exigiam melhores condições e, principalmente, aumentos salariais. Esta greve, organizada pelo PCP, resultou em fortes medidas de repressão em que se incluiu a prisão de dezenas de operários (Pimentel, 2011).

Este notável gouveense refere ainda o importante papel da Loja Maçónica então existente na vila, a Estrela Beneficente, que, de acordo com a memória popular, distribuía, anonimamente, alguns fundos pelos operários mais carenciados (Melo, Entrevista, 2013).

A vila de Gouveia era, na década de 50, “dominada pelos senhores das fábricas e grandes proprietários, o operariado tinha também uma certa subsistência porque cultivavam o quintal ou até uma pequena quinta, para além do que davam os turnos [nas fábricas], que era pouquíssimo.” (Melo, Entrevista, 2013)

Na sociedade gouveense dos anos 50, em que só uma parte da população, a elite, tinha acesso ao conhecimento e a condições de vida dignas, a emigração, principalmente das camadas mais jovens da população é cada vez mais frequente. Tal como a nível nacional, as condições de vida começam a melhorar, ainda que lentamente, na década de 1950, com o aumento do consumo da eletricidade, vulgarização do gás canalizado, introdução de horários de trabalho fixos e de limites horários, entre outras regalias. Também o nível de instrução melhorou também, diminuindo o analfabetismo.

A vila de Gouveia mostrava na década de 50 as mesmas dicotomias que a restante sociedade portuguesa, divida entre ruralismo e urbanismo, entre desenvolvimento e tradição, com um enorme fosso entre ricos e pobres que demorava a esbater-se.

## **2. Identificação do acontecimento**

### **2.1- A figura de Delgado**

Nascido a 15 de maio de 1906 em Boquilobo, Torres Novas, Humberto Delgado, que seria um dia conhecido como «general sem medo», ingressou cedo na carreira militar, por influência de seu pai, Joaquim Delgado, que se alistara como recruta em 1893 (Rosa, 2008), provavelmente procurando apenas ter um teto e refeições asseguradas, mas que tinha feito com gosto uma longa caminhada na carreira militar, chegando a oficial do Exército.

Frequentou o Colégio Militar entre 1917 e 1922 e o Corpo de Alunos da Escola Militar, onde se formou em Artilharia em 1925, com 19 anos, sendo, como aliás durante toda a vida, o benjamin da turma em virtude de ter entrado para a escola com apenas 5 anos. A sua experiência na Escola Militar levá-lo-ia a desenvolver espírito crítico e a cimentar um conceito que sempre o acompanharia, o de compatibilidade entre a boa educação e a disciplina militar desenvolvida (Delgado H. , 1964).

Após o golpe militar de 1926, que derrubou a Primeira República, o governo da Ditadura, chefiado pelo Comandante Mendes Cabeçadas, encerrou o parlamento, considerado o principal causador da instabilidade política, suspendeu a Constituição de 1911, e as liberdades políticas e individuais. Nesta altura são convidados alguns civis para administrar determinadas pastas do Governo, entre eles Salazar que recusa o convite alegando “doença que o inibe de suportar o mais pequeno trabalho intelectual” (Rosa, 2008). De modo a recusar pessoalmente o convite, Salazar dirige-se à Amadora, onde estavam reunidas as tropas revoltosas e a ser formado o novo governo, sendo este o momento onde Humberto Delgado e António de Oliveira Salazar se cruzam pela primeira vez, visto Delgado fazer parte das mesmas. (Rosa, 2008)

A nova ditadura continuou instável porque o movimento militar não tinha projeto político consensual e não conseguia resolver os problemas económico-financeiros. Numa tentativa de resolver esta situação, o novo regime convidou António de Oliveira Salazar, Professor de Economia na Universidade de Coimbra, para Ministro das Finanças em 1928 e fez eleger presidente da República o Marechal Óscar Carmona.

Ainda em 1926, Humberto Delgado, optou pela carreira da Aeronáutica, concluindo, em 1928, o curso de oficial piloto aviador. É também nesta altura que surge a inicial admiração de Delgado pela pessoa e obra de Salazar e pelo Estado Novo em quais via muitas das características que tanto prezava: a ordem, a perseverança, o carácter, a responsabilidade, a honestidade e a transparência, notada principalmente em relação às finanças.

Em 1936 concluiu o curso de Estado-maior, que tinha iniciado sete anos antes e em 1938-39 integrou a Missão Militar às Colónias de estudo do dispositivo de defesa de Angola e Moçambique criada para o caso da existência de uma nova guerra.

No ano de 1943, Humberto Delgado participou nos acordos com Inglaterra sobre a concessão e instalação da Base Aérea das Lajes e em 1944 foi nomeado Diretor da Aviação Civil. No ano seguinte fundou a TAP (Transportes Aéreos Portugueses), à data Secção de Transportes Aéreos, parte integrante do Secretariado da Aeronáutica Civil, por si dirigido (Delgado H. , 1964).

Tendo sido nomeado para representar Portugal na Organização da Aviação Civil Internacional, Humberto Delgado passaria os anos entre 1947 e 1959 em Montreal, no Canadá, onde estava sediada esta organização.

Foi nomeado adido militar na Embaixada de Portugal em Washington em 1952 e membro do comité dos Representantes Militares da OTAN, trabalhando cinco anos no Pentágono, algo que mudaria a sua visão política e democrática. Promovido a general com 47 anos, foi o mais novo oficial daquela patente e passou de adido a Chefe da Missão Militar. Em 1956 o Governo Americano concedeu-lhe o grau de oficial da Legião de Mérito.

Os anos passados nos Estados Unidos da América alteram a sua visão da política e sociedade nacional e, aquele que tinha sido um entusiástico apoiante de Salazar e das suas políticas, vendo no Estado Novo a solução para os problemas nacionais causados pela instabilidade da Primeira República e da Monarquia Constitucional, descobre que a democracia pode ser igualmente eficiente.

Ao regressar a Portugal, foi nomeado diretor-geral da Aeronáutica Militar, o que representou uma despromoção na sua carreira, então já por razões políticas, sendo que pouco depois apresentaria a sua candidatura à Presidência da República, pela Oposição (Rosa, 2008). É, nesta altura, considerado politicamente perigoso pelas suas ideias reformistas e

democráticas, expressas abertamente e pelas suas amizades com dissidentes e opositores do regime, como era o caso de Henrique Galvão.

Aproxima-se gradualmente da ala mais liberal do regime e quando se candidata à Presidência da República surge aos olhos da população como um homem do regime, apoiando pelas Forças Armadas e pelos EUA.

Passadas as Eleições de 1958, e sendo impedido de regressar ao cargo de diretor-geral da Aviação Civil, Humberto Delgado criou o Movimento Nacional Independente (MNI) que visava manter unidas as forças da oposição que pela primeira vez em trinta e dois anos se uniram no combate à ditadura.

Assim depois de receber uma nota oficiosa que o ameaçava de medidas repressivas por fazer afirmações políticas enquanto oficial do exército e de um aviso vindo de dentro do regime de que se forjava uma manifestação à frente de sua casa com a intenção de arranjar motivos para a sua prisão, refugiou-se na Embaixada do Brasil em Lisboa a 12 de janeiro de 1959 (Rosa, 2008).

O Governo português tinha uma longa tradição de recusa do princípio do asilo político e previa-se que as negociações diplomáticas durassem anos, mas ao fim de três longos meses de asilo na embaixada do Brasil, Humberto Delgado parte para o exílio neste país.

No Brasil, Delgado teve uma recepção entusiasta por parte de exilados portugueses e emigrantes, bem como de brasileiros simpatizantes que pela primeira vez tiveram noção da verdadeira natureza repressiva do regime de Salazar. Com efeito, a propaganda do Estado Novo conseguira inculcar a imagem do «bom ditador», paternalista e benevolente. Depois do pedido de asilo político de Humberto Delgado essa imagem caiu por terra. O governo português conseguiu congrega apoios na imprensa brasileira e em certos meios políticos e diplomáticos; a própria PIDE atuava no Brasil com bastante à vontade. No entanto, estas medidas não conseguiram demover grande parte da opinião pública que desde o primeiro momento deu a sua simpatia ao asilado político, que se tornou a face visível da oposição portuguesa no estrangeiro.

Através de milhares de selos clandestinos em que se lia “Eu voltarei” em cima da foto do general e por baixo o lema por ele escolhido para a oposição “Pró pátria, pró-liberdade” (Rosa, 2008), Humberto Delgado prometeu aos portugueses que regressaria do seu

exílio e, na passagem de ano de 1961/1962, cumpriu a sua promessa, entrando disfarçado em Portugal para comandar a malograda Revolta de Beja.

Fundou a Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN) em 1964, composta por diferentes correntes ideológicas, com marcada presença comunista. No entanto, todos os seus planos de ação armada contra o governo português saíram frustrados, sobretudo devido às diferenças políticas que dividiam as várias facções de portugueses que compunham a FPLN. Em fevereiro de 1965, partiria de Argel, onde estava assente a FPLN, para a sua última viagem, uma vez que havia já começado a ser organizada pela PIDE a Operação Outono, que tinha como objetivo atrair Delgado a Portugal a fim de o neutralizar. O subdiretor da PIDE e responsável pela operação, Barbieri Cardoso, viaja várias vezes a Roma juntamente com o Inspetor Pereira de Carvalho para aliciar portugueses que se fizessem passar por exilados políticos e assim ganhassem a confiança do general (Rosa, 2008).

Em dezembro de 1964, num hotel parisiense, o subinspetor da PIDE Ernesto Lopes Ramos fazendo-se passar por advogado opositorista, é apresentado a Humberto Delgado. Aí combinam um encontro em Badajoz entre o general e o advogado e com alguns militares portugueses insatisfeitos com o regime ditatorial vigente.

13 de fevereiro de 1965 foi a data do encontro fatídico, marcado para os Correios de Badajoz, donde aliás enviou quatro postais para quatro amigos em quatro países diferentes e assinados com o nome de sua irmã - Deolinda. O objetivo do envio destes postais correspondia a um código, previamente combinado, que significava: 'estou vivo e não estou preso' (Rosa, 2008). Foi o último sinal de vida e por isso aquela data é considerada a data do seu assassinato que se pressupõe ter ocorrido perto de Olivença.

Durante dois meses de especulações e de mentiras deliberadas da imprensa portuguesa nada se soube de Humberto Delgado.

A pedido de amigos preocupados do general, a Federação Internacional dos Direitos do Homem enviou a Espanha uma delegação que foi confrontada com uma muralha de silêncio. No entanto, no dia 24 de abril de 1965, os jornais noticiavam a descoberta dos dois cadáveres numa campa rasa, perto da aldeia de Villanueva del Fresno, sendo oficialmente comunicado ao Governo Português o seu aparecimento a 26 de abril e, no dia seguinte a imprensa espanhola dá conta da possibilidade de os corpos serem os de Humberto Delgado e da sua secretária.

Mário Soares, advogado da família Delgado, pede a Salazar a divulgação da notícia da morte do general. A 29 de abril de 1965 os jornais *O Século* e *República* publicavam textos idênticos, certamente impostos pela Censura, anunciando o aparecimento de um cadáver que se supunha ser de Humberto Delgado e admitindo a possibilidade de o general ter sido executado pelos comunistas. A 3 de maio desse ano, Salazar afirma que os inquéritos a esta morte não permitiam a inculpação de nenhum cidadão português e Mário Soares chega a Badajoz, onde as autoridades se negam a prestar-lhe qualquer colaboração.

A seguinte transcrição é de um projeto elaborado por Mário Soares e 117 outros cidadãos portugueses, em março de 1966, do qual foram retiradas algumas passagens para integrar um documento por eles subscrito e entregue ao Presidente da República, Américo Tomás:

“[...] chamando a atenção a V. Ex.<sup>a</sup> para um ponto de extraordinária gravidade moral, que não há censura capaz de sufocar nas consciências portuguesas bem formadas. Referimo-nos ao bárbaro assassinio do general da Força Aérea Humberto da Silva Delgado, oficial-general português como V. Ex.<sup>a</sup> e como V. Ex.<sup>a</sup> candidato à Presidência da República nas eleições de 1958!” (Soares, 1969, p. 68)

A 27 de julho de 1981, o agente da PIDE Casimiro Monteiro é julgado à revelia e condenado pelo homicídio de Humberto Delgado e Arajaryr Campos no Segundo Tribunal Militar de Lisboa. O verdadeiro papel da PIDE enquanto instituição, do Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, o objetivo da Operação Outono, como foi intitulada a operação que havia levado elementos da Polícia de Investigação portuguesa numa missão a terras espanholas, e o modo como foram assassinados continuam, nos dias atuais, envoltos em mistério.

A 5 de outubro de 1990 os restos mortais de Humberto Delgado foram trasladados para o Panteão Nacional, sendo assim homenageado como grande figura da nação portuguesa. Por esta mesma altura foi-lhe atribuído o título de Marechal da Força Aérea.

Até aos dias de hoje multiplicam-se as homenagens àquele que ficaria conhecido como «general sem medo», considerado por muitos um herói da liberdade e que, inequivocamente, em muito contribuiu para o fim da ditadura que vigorou em Portugal durante mais de quatro décadas.

## 2.2. A campanha de Delgado

Em 1958, ano em que terminava o mandato do Presidente da República Craveiro Lopes, Salazar, que nunca havia tido uma relação de confiança com o mesmo, decide avançar com o nome do Almirante Américo Tomás para candidato do regime à presidência, que era até então Ministro da Marinha.

Algumas figuras da oposição ao regime salazarista haviam formado, após a campanha eleitoral de 1957, uma comissão informal com vista à escolha de um candidato capaz de se opor ao regime. Cunha Leal, antigo ministro da Primeira República é um dos nomes propostos acabando, no entanto, por não gerar consenso.

É então que o General Humberto Delgado, numa visita ao amigo Henrique Galvão, preso no Forte de Peniche, é por este convencido a lançar a sua candidatura à Presidência da República, enquanto candidato da oposição.

Lançada por diversas personalidades da oposição conservadora, a candidatura independente do General Humberto Delgado às eleições presidenciais de 1958 despoletou tensões silenciosamente acumuladas. O carisma de Delgado, a sua coragem e o seu “obviamente demito-o!” lançado contra Salazar, incendiaram o país de norte a sul num movimento de protesto sem precedentes, levando até a candidatura de Arlindo Vicente, apoiada pelo PCP, a desistir em seu favor. A 30 de maio, o jornal *República* dá a notícia do apoio de Arlindo Vicente à candidatura de Humberto Delgado: "Existe, de ora avante um único candidato da oposição: o general Humberto Delgado". O jornal publica ainda um comunicado da candidatura em que é vincado o carácter independente da mesma, esclarecendo que diversos partidos podem apoiar o general, mas tal não significa que o mesmo se «ate» a eles. A campanha ganha novo ânimo, seguindo-se inúmeras manifestações de apoio popular.

O programa da campanha de Humberto Delgado incluía a pacificação da família portuguesa, pela execução de medidas concretas como a reintegração de funcionários afastados, amnistia a todos os presos políticos ou indivíduos abrangidos por medidas de segurança; a revogação dos decretos que suspendem o artigo 8º. da Constituição, referente aos direitos e garantias individuais dos cidadãos portugueses, a promulgação de nova lei eleitoral e a organização de um novo recenseamento, de modo a serem realizadas a curto prazo

eleições gerais; e, finalmente, a moralização dos costumes políticos e da administração pública.

Em 1958, aceitando o convite da oposição democrática, o general Humberto Delgado, apresentou-se como candidato independente às eleições presidenciais. O mote da campanha eleitoral seria lançado pela célebre frase “obviamente demito-o”, proferida numa conferência de imprensa no Café Chave D’Ouro em Lisboa, a 10 de maio de 1958, em resposta a um jornalista da France Press, Lindorf Pinto Basto, que questiona o general sobre o destino que daria a Salazar no caso de ganhar as eleições. Na figura abaixo (Figura 4)



*Figura 4 Capa da brochura de propaganda da candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República, editada pelos serviços de candidatura do Porto. Arquivo de Alípio de Melo, maio de 1958.*

apresentamos a capa da proclamação do general Humberto Delgado à Presidência da República.

A vasta movimentação popular que se seguiu permitiu criar unidade na oposição contra o regime salazarista. O carisma do general surgiu como um fenómeno inesperado que fez entrar em erupção as massas e o candidato anunciou o então facto inédito de não desistir da ida às urnas, como havia sido praticado até então pela oposição, especificamente pelo general Norton de Matos, candidato das penúltimas eleições presidenciais que haviam decorrido em 1949 e que havia conseguido também unir a oposição em torno da sua candidatura (Ferreira, 2006).

O povo nortenho português concentrou-se numa gigantesca manifestação no Porto, a fim de receber Humberto Delgado poucos dias após a sua declaração contra o ditador. Foi, assim, recebido nessa cidade na Praça da Liberdade onde muitos anos antes, quando era apenas uma criança, tinha aclamado a Implantação da República.

Surpreendido pelo entusiasmo popular por todo o país, o regime tomou medidas de emergência destinadas a evitar mais demonstrações em Lisboa. Assim, após a chegada de Delgado à estação de Santa Apolónia a 16 de maio de 1958 as forças da Guarda Nacional Republicana e os agentes da PIDE reprimiram a população lisboeta que tinha vindo receber Delgado e desviaram a sua comitiva de modo a que este não se encontrasse com o povo que o esperava. As notícias dos tumultos e dos ataques contra a população de Lisboa apareceram na imprensa internacional que começou a dedicar mais atenção a Portugal, país habitualmente «pacato».

“Após os incidentes e tumultos ocorridos no Porto e em Lisboa, a 14 e 16 de maio, a PIDE aumentou a repressão contra a população que participava espontaneamente na campanha apelidada de «subversiva» pela imprensa controlada” (Fundação Humberto Delgado, 2012).

Apesar do mecanismo eleitoral ser manipulado desde o recenseamento, das dificuldades intransponíveis na cópia dos cadernos eleitorais e na distribuição por parte da oposição dos boletins de voto, ainda assim o Estado Novo, temendo um enorme desaire eleitoral, decretou a proibição da fiscalização do escrutínio por parte da oposição. A fraude eleitoral de 8 de junho de 1958, apesar de prevista, teve grande impacto sobre todos aqueles que por um momento acreditaram. O general Humberto Delgado foi vencido nas urnas por

manifesta fraude eleitoral, com 23,6% dos votos contra 75,8% de votos para o almirante Américo Tomás (Rosa, 2008). Os protestos populares e a agitação política, no entanto, prolongaram-se em ondas de choque pelos anos seguintes, sendo que não é possível ainda hoje apurar os resultados reais dada a amplitude da fraude.

O medo causado no governo e principalmente no seu líder, Salazar, refletiu-se numa revisão constitucional em agosto de 1959. Nesta revisão foi suprimido o sufrágio direto sendo substituído por sufrágio indireto proporcionado por um colégio eleitoral de total confiança do Governo.

### **2.3. A passagem do general Humberto Delgado em Gouveia**

Conforme verificado em capítulo anterior, Gouveia, cidade da Serra Estrela, era em 1958 uma vila com mais de 4000 habitantes, num Concelho com uma população total de 27673, tendo estes sido os expoentes demográficos das mesmas.

Como ainda hoje se verifica, apesar das inúmeras iniciativas culturais na região, existiam na altura poucos jornais na Serra da Estrela, sendo que a cidade de Gouveia possuía desde 1914 um importante semanário: o *Notícias de Gouveia*. Existiam diversas outras publicações, mas eram na sua maioria esporádicas, efémeras e, normalmente, focadas num ou noutro assunto, como por exemplo a publicação *A Neve*, da vizinha freguesia de Loriga, cuja primeira edição data de maio de 1958 e que mais não era do que um boletim paroquial.

Durante a campanha presidencial de 1958, o general Humberto Delgado passaria nesta vila, a 31 de maio de 1958 e apesar de a sua passagem não ter sido devidamente noticiada e anunciada, certamente a informação foi passada pessoalmente, uma vez que teve grande afluência, conforme podemos verificar pela figura abaixo apresentada (Figura 5).



*Figura 5 Multidão aguardando a passagem do General Humberto Delgado junto ao Cine-Teatro Império na vila de Gouveia, Arquivo de Alípio de Melo, 31 de maio de 1958*

Nesta fotografia, da autoria de Alípio de Melo, podemos observar, para além da multidão expectante e suas bandeiras, um membro da PSP precisamente no meio da estrada por onde seguiria o general minutos depois.

Iva Humberta da Silva Delgado, filha do general Humberto Delgado, que acompanhou em diversos momentos da sua campanha presidencial, entrevistada no âmbito da presente dissertação conta-nos que a própria aparição do general retirava o medo à população e, segundo a própria o mesmo teria afirmado por diversas vezes que o medo estava agora a passar para o «lado» da situação.

“Gouveia não foi diferente. Houve alguma repressão e houve a coragem do povo em ir para as ruas. Nas terras não tão grandes como Lisboa isso às vezes é mais difícil porque se conhecem todos e sabe-se quem vai e quem não vai. Portanto o medo estava a ser vencido porque julgavam que ia cair [o regime] e eu também julgava que o regime ia cair.” (Delgado I. , Entrevista, 2013)

Conforme nos relatou Iva Delgado, em localidades de dimensão reduzida é, por norma, pública a posição ideológica de cada um, o que reveste a participação popular nestes momentos de campanha de uma especial importância e, podemos afirmar, de uma especial

coragem em afrontar a situação e o regime ditatorial vigente, tendo a plena consciência das possíveis represálias consequentes da mesma.

A vila de Gouveia não teve, talvez, mais do que um papel ordinário no contexto nacional da campanha presidencial de 1958, mas isso não diminuiu o impacto que a mesma teve nesta localidade e nas vidas das diversas personalidades que nela participaram, quer pela sua participação enquanto «massa popular», como pela participação ativa na campanha e na militância da oposição.

No âmbito da presente dissertação, e dada a proximidade geográfica e sócio-cultural do concelho em análise com o Norte do país, situado que está num distrito que se encontra na Beira Interior Norte, foi consultada e extensivamente analisada a obra “As Eleições de 1958 – Humberto Delgado na Campanha do Norte”, de autoria de Teresa Henrique e Miguel Ramalho. Este livro apresenta-nos um conjunto de fotografias dos vários momentos de campanha do general em diversas cidades do interior Norte do país, como Viseu ou Castro Daire, situadas, respetivamente, a 40 e 70 km de Gouveia, e respetiva legenda. As referidas fotografias foram doadas pela Fundação Humberto Delgado, no caso das fotografias de Viseu, e por particulares que durante cinquenta anos guardaram as mesmas.

Os resultados da análise destas fotografias vão de encontro ao que foi por nós analisado e descoberto em relação aos momentos de campanha efetuados na vila de Gouveia. As quatro fotografias tiradas em Castro Daire mostram o general recém-saído do carro, rodeado de populares que se haviam reunido para o saudar. A meia centena de fotografias do general Humberto Delgado em Viseu mostram a mesma situação de entusiasmo e significativa receção popular, claramente de maiores dimensões não fosse Viseu uma cidade com uma população bem superior à da vila de Gouveia ou de Castro Daire, de 76816 habitantes (Instituto Nacional de Estatística, 1950).

Para além da referida e importante legenda e fotografias, a obra anteriormente referida, apresenta ainda um prefácio, assinado pelos autores do livro e por Iva Delgado, autora já citada, que considerámos bastante relevante para a leitura da restante obra e para a análise nesta dissertação efetuada, tanto por fugir ao habitual eixo Lisboa-Porto, já bastante estudado, como, principalmente, por se focar em localidades cujo contexto político, social, geográfico e económico se aproximam em muito da localidade aqui analisada. Neste prefácio afirmam os autores que a campanha presidencial de 1958, representada na figura de Humberto

Delgado, “fez encher ruas e praças das cidades do interior Norte, provando que nem a censura, nem a polícia política conseguiram reprimir o indomável voluntarismo dos seus habitantes.” (Henrique & Ramalho, 2008, p. 15)

Humberto Delgado visitaria Gouveia a propósito do seu quinto périplo durante a campanha presidencial de 1958. Esta viagem que começaria a 30 de maio e terminaria a 02 de junho, acabando e terminando em Lisboa, levaria o candidato não só a Gouveia, momento aqui em análise, mas também a Santarém, Covilhã e Guarda, considerados por Frederico Delgado Rosa como alguns dos principais momentos da campanha do general (Rosa, 2008).

Frederico Delgado Rosa, autor da mais completa biografia sobre o general Humberto Delgado e neto do mesmo, relata-nos, que no dia 31 de maio, dia da visita à vila de Gouveia se abateu “uma carga de água, mas reinava enorme alegria na Guarda, mais exatamente diante do Hotel de Turismo, à varanda do qual Humberto Delgado assomou com a mulher e a filha” (Rosa, 2008, p. 696) Iva Delgado, tendo sido brindados com um banho de multidão.

Acerca do momento de campanha em Gouveia, afirma ainda Delgado Rosa:

“O tempo clareou na travessia das terras beirãs, por exemplo, Gouveia, a Princesa da Serra, que viveu nesse dia uma experiência inédita na sua História, como sucedeu a tantas outras localidades comumente apartadas do epicentro político nacional. Havia gente de todas as classes sociais para receber Humberto Delgado, mas sobressaíam muitos operários das fábricas têxteis que ousaram escapulir-se uma hora nesse dia, apesar de receberem salários de miséria por um trabalho que os alienava da pacatez granítica da Estrela, ao ritmo implacável e ensurdecido das máquinas de tecelagem industrial da época. Desde São Lázaro até ao Centro Republicano, «a vila viveu horas de fervor antifascista como nunca vivera», recordaria um dos presentes.” (Rosa, 2008, p. 697)

Para melhor avaliarmos o impacto da campanha presidencial na vila de Gouveia, consultámos todas as edições do *Notícias de Gouveia* até ao presente e neles encontramos diversas referências à passagem do general pela vila.

No quadragésimo aniversário da passagem do general pela vila, o *Notícias de Gouveia* publica, na décima primeira página, um artigo em que é exaltada a referida passagem e o efeito que a mesma teve na população local, informando-nos da grandeza da manifestação e do enorme entusiasmo político sentido na vila, de tal modo que, segundo o mesmo, o relatório oficial da campanha a teria considerado uma das mais consideráveis no contexto de

“uma propaganda que mobilizou o país de Norte a Sul”. O autor do artigo, Fernando Rebelo, considera a passagem do general Humberto Delgado por Gouveia, a 31 de maio de 1958, um “facto histórico para a cidade, importante e ainda memorado por muitos”.

À semelhança de muitas outras localidades, também Gouveia tem presente na sua toponímia uma Avenida Humberto Delgado, assim rebatizada após o 25 de abril de 1974 e deixando adivinhar já algum apreço da população gouveense, ou pelo menos das suas elites administrativas, pelo general mesmo após quase duas décadas.

Dez anos depois encontramos novamente um artigo que comemora os momentos de campanha do general na vila de Gouveia, em particular, o momento em que a caravana da campanha de Humberto Delgado e que transportava o general passou pela vila, o pequeno «passeio» que o mesmo efetuou e a sessão de propaganda realizada no dia seguinte, sendo transcrito o discurso de Fernando Rebelo, entretanto falecido, 50 anos após ter sido proferido.

Ainda neste artigo é anunciada a homenagem da cidade de Gouveia a Humberto Delgado, realizada nessa data, que se traduziu na colocação de uma lápide comemorativa em frente ao Centro Republicano, da varanda do qual o general acenou à multidão gouveense, e em vários eventos culturais alusivos ao tema, como a apresentação da biografia do general pelo autor na Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira.

Esta homenagem ao general Humberto Delgado, no quinquagésimo aniversário da campanha presidencial de 1958, foi efetuada por diversas personalidades e associações locais, destaque para a Associação Cultural Mário Gomes Figueira e a Editorial Moura Pinto, com o apoio institucional da Câmara Municipal de Gouveia e das Juntas de Freguesia de S. Pedro e S. Julião de Gouveia, e como complemento, foram publicados 1000 exemplares gratuitos de um jornal comemorativo cujo título é, precisamente, “Homenagem a Humberto Delgado”(Anexo 1). Este jornal com data de 31 de maio de 2008 teve ainda o apoio da Fundação Humberto Delgado, da Junta de Freguesia de Vila Nova de Tazem, da Associação de Socorros dos Artistas e Operários de Gouveia e da Granigouveia.

Logo na capa deste jornal de homenagem temos um artigo que descreve o entusiasmo sentido na vila e o acolhimento dado ao general.

“Gouveia não foge à onda avassaladora de entusiasmo e acolhe com grande fervor patriótico a passagem do General pelas suas ruas.

Quem não se lembra da multidão que desde a zona do Teatro- Cine acompanhou o General Sem Medo até ao Centro Republicano, tudo na melhor ordem?” (Anexo I).

Com esta questão retórica, podemos ter uma ideia da marca deixada na memória coletiva da vila. Numa localidade normalmente afastada dos acontecimentos sociopolíticos da época e onde as notícias demoravam a chegar, a passagem de um candidato à Presidência da República seria sempre um acontecimento memorável. A passagem de Humberto Delgado foi ainda mais marcante por ser este um candidato da oposição, popular, carismático e polémico, como era o general, ligado ao ideal republicano que tão popular era em Gouveia.

Na segunda página deste pequeno jornal comemorativo, encontramos o programa da homenagem feita ao general Humberto Delgado pela cidade de Gouveia a 31 de maio de 2008.

Esta homenagem consistiu num pequeno passeio pelas ruas percorridas pelo general, no descerramento da já referida lápide alusiva à passagem de Humberto Delgado, apresentada na figura abaixo (Figura 6), na exibição de um documentário sobre o candidato e, finalmente, na apresentação do livro “Humberto Delgado - Biografia do General Sem Medo”.



Figura 6- Lápide alusiva ao 50º aniversário da passagem do General Humberto Delgado por Gouveia

Carolina Carvalho de Freitas, 5 de novembro de 2013

Nesta mesma página é ainda apresentada uma lista completa da Comissão Concelhia de Gouveia e uma transcrição completa do discurso de Fernando Rebelo.

De destacar, ainda na segunda página, é o pequeno artigo intitulado “Sessão memorável”. Neste artigo que não está assinado, é descrito como o Cine-Teatro Império esteve superlotado na sessão de apoio à Candidatura do general Humberto Delgado, como na mesa estavam representantes das comissões concelhias de Gouveia, Seia e Fornos de Algodres e das comissões distritais de Guarda e Viseu, sendo que o representante da Guarda terá exaltado a receção que Gouveia dispensou ao general. Ainda no mesmo artigo são relatados os inúmeros aplausos e «vivas» ao país, “à Liberdade, à República e ao General Humberto Delgado”. O artigo “Sessão Memorável” termina afirmando que “muitos gouveenses, por certo ainda hoje se lembram do tom vibrante desta”.

Na terceira página do jornal de “Homenagem a Humberto Delgado”, para além de uma tabela com a reprodução dos resultados oficiais das eleições de 1958 no Concelho de Gouveia e de uma credencial a mandar alguns delegados da freguesia do Arcozelo para em nome do general fiscalizarem a votação, temos também um artigo referente à fundação do Sport Gouveia e Benfica, que, por ter tido lugar no mês de abril de 1958, e por nos seus membros se incluírem muitos opositoristas e apoiantes de Delgado, ficaria para sempre associado às presidenciais de 1958 na memória coletiva da cidade.

Finalmente na quarta e última página, podemos observar um pequeno artigo sobre o documentário “Obviamente demito-o”, de Lauro António, e que seria exibido na Biblioteca Vergílio Ferreira no dia da publicação deste jornal. O resto da página é dedicado ao já referido livro “Humberto Delgado - Biografia do General Sem Medo”, com um artigo intitulado “Um livro fascinante” onde o mesmo é resumidamente descrito e um outro artigo com um excerto do livro referente à passagem do general pela vila e que já foi aqui anteriormente reproduzido.

À distância de quase seis décadas, quatro das quais decorridas num país de plena liberdade de expressão, ancorada numa democracia representativa, talvez nos seja difícil imaginar a importância e dimensão que a campanha de Humberto Delgado, e, principalmente, a passagem do mesmo, teria tido para a vila de Gouveia, não só dado o contexto político e social da época, como tendo em conta o afastamento geográfico que normalmente a mesma tinha dos grandes centros de decisão, e, conseqüentemente, dos grandes acontecimentos quer a nível internacional como, e, talvez, de modo mais significativo, a nível nacional. Os

diversos testemunhos mostram que, apesar de a passagem do general não ter sido oficialmente anunciada, a mesma tornou-se conhecida, tendo levado uma significativa fatia da população da vila para as ruas, população essa que viria a marcar novamente a sua presença no dia seguinte, na sessão de propaganda do general, decorrida num Cine-Teatro apinhado, e que, muitas décadas depois continua esporadicamente a demonstrar o seu apreço pela figura do general e pelo momento de campanha vivido a 31 de maio de 1958.

Apenas podemos supor qual terá sido o sentimento nas gentes da terra após os resultados das eleições de 1958, que conforme sabemos e já referimos, foram resultado de manifesta fraude eleitoral. Os resultados eleitorais no concelho de Gouveia e nas freguesias urbanas que constituíam a vila, são apresentados, a título meramente ilustrativo, no quadro abaixo (Quadro 2).

Freguesias	Eleitores inscritos	Total de votantes	Américo Tomás		Humberto Delgado	
			Votos	%	Votos	%
Gouveia (S. Pedro e S. Julião)	742	631	326	51,6%	305	48,3%
<b>Total</b>	<b>4904</b>	<b>3923</b>	<b>2570</b>	<b>65%</b>	<b>1353</b>	<b>35%</b>

Tabela 2 Resultados das eleições presidenciais de 1958 no concelho de Gouveia e freguesias urbanas

Fonte: Notícias de Gouveia

Apesar da já conhecida fraude, não temos registo ou conhecimento de quaisquer desacatos ou manifestações populares de apoio ou oposição após as eleições.

A inclusão da vila de Gouveia no périplo da campanha eleitoral do general Humberto Delgado significou a participação direta das “gentes serranas num momento maior da História de Portugal do século XX, que foi aí vivido com uma intensidade e um entusiasmo partilhados entre a sua pessoa carismática e todos aqueles que acreditaram que o fim da ditadura se jogava naquelas eleições, abrindo caminho a uma vida melhor” (Rosa, Comunicação pessoal, 2013).

Conforme já foi referido, a vila de Gouveia da década de 1950, era a nível socioeconómico bastante heterogênea, mas o candidato da Oposição às eleições presidenciais de 1958, “conseguiu que a sua pessoa estivesse na boca de toda a gente, como adversário

assumido de Oliveira Salazar, pelo que Gouveia ficou também dessa forma ligada ao primeiro dia do fim da ditadura” (Rosa, Comunicação pessoal, 2013).

#### **4. Cobertura Jornalística**

No âmbito da presente dissertação foram consultados quatro jornais nacionais, o *Diário da Manhã*, o *República*, *O Século*, o *Diário de Lisboa*, dois regionais, o *Diário de Coimbra* que cobria a zona centro e o *Correio da Beira*, sediado na cidade da Guarda e que noticiava os acontecimentos da região das Beiras e, finalmente, um jornal local, o *Notícias de Gouveia*, previamente referido, e que era o único jornal noticioso na vila de Gouveia, onde decorreu o acontecimento aqui em análise. Os referidos jornais foram consultados de 9 de maio, a 9 de junho de 1958, com exceção do *Notícias de Gouveia* e do *Correio da Beira* que, pela sua periodicidade semanal foram analisados até à edição seguinte às eleições de 8 de junho de 1958. Neste capítulo são analisados os artigos considerados pertinentes para a realização da presente dissertação.

Após extensa análise dos jornais *Diário da Manhã*, *Diário de Lisboa* e *Diário de Coimbra*, não nos foi possível encontrar referência à passagem de Humberto Delgado por Gouveia, com exceção da menção da sua futura passagem a caminho de outras terras próximas com maior expressão eleitoral, como era o caso de Coimbra ou da Covilhã.

##### **4.1 Imprensa Nacional**

O jornal *Diário da Manhã*, a voz oficiosa do Estado Novo português, refere o troço de campanha do general que haveria de passar por Gouveia, durante a campanha Lisboa – Guarda – Coimbra - Lisboa, que se desenrolou entre 30 de maio e 02 de junho de 1958. Faz referência à passagem do candidato da oposição pela cidade da Guarda, não existindo qualquer referência a Gouveia. As notícias dadas pelo *Diário da Manhã*, que como já referido era a voz do regime, são marcadas pela parcialidade. Assim, após as grandes aclamações e a manifestações populares que tiveram lugar aquando da passagem pelo Porto e da chegada a Lisboa, podia ler-se no dia 19 de maio uma notícia cujo título era “Há duas candidaturas da oposição, mas há ainda uma terceira e inoportuna presença – afirma-se num comunicado da U.N.” e na mesma lê-se que:

“Os comunistas têm de ser postos à margem de uma questão que é nacional. Os incidentes que se deram no Porto e em Lisboa surgiram no pleno da propaganda do candidato «independente», mas não eram os seus partidários que formavam os grupos de choque integrados na técnica em que os comunistas adquiriram incontestável maestria.”

Como é visível na quase totalidade das notícias referentes a Humberto Delgado ou à sua candidatura, o *Diário da Manhã*, à semelhança do regime, tentava associar a campanha independente de Delgado a diversos partidos da oposição e à desordem e confusão, de modo a desmoralizar a mesma.

É de recordar que após ser aclamado por 200 mil pessoas na cidade do Porto, e de assim lançar o fenómeno “furacão Delgado” (Rosa, 2008), o general Humberto Delgado chegou a Lisboa, à estação de Santa Apolónia, a 16 de maio de 1958. Era esperado não só por uma enorme multidão, mas também pela PIDE que atacou brutalmente milhares de pessoas que esperavam o candidato, desviou o percurso da sua caravana para artérias menos movimentadas e tentou deter o general. O governo de António de Oliveira Salazar ocultou habilmente o número de feridos e de mortos, tendo inclusive emitido notas publicadas nos principais jornais em que era categoricamente negado o facto de existirem vítimas dos episódios em questão, mas mesmo assim este dia ficaria na história com um dos mais violentos episódios da história de Lisboa.

No dia 20 de maio o *Diário da Manhã* refere a apresentação da candidatura do Almirante Américo Tomás na cidade da Guarda, referindo que “também o povo da Guarda responde – Presente!”. Novamente as referências a Delgado são depreciativas, sendo possível encontrar na quinta página uma notícia que dava conta de que o candidato não seria nunca “eleito pelo povo de Portugal para ocupar a mais alta magistratura da Nação” visto ser ele um “traidor deslumbrado que entrou na Praça de São Bento aos ombros da população como qualquer matador afamado depois de dar três «vueltas al ruedo»”.

Já no dia 22 de maio o *Diário da Manhã* apresenta excertos da obra de Humberto Delgado “Da pulhice do Homo Sapiens”, utilizando-os contra o seu autor, que aquando da publicação do livro era fervoroso apoiante do regime salazarista.

Presentes em todas as edições do *Diário da Manhã* consultadas no âmbito deste trabalho, de 9 de maio de 1958 a 9 de junho de 1958, estão as constantes mensagens de apoio a Salazar, apresentadas no contexto de “notícias” que davam conta dos largos milhares de mensagens supostamente recebidas por Salazar diariamente e em que os portugueses se

mostrariam indignados com as afirmações proferidas pelos candidatos da oposição considerando-as como ofensas à pessoa e obra de Salazar. Como exemplo temos a notícia de capa do dia 23 de maio cujo título, bastante revelador, era: “Atinge muitos milhares o número de mensagens de apoio dirigidas à obra e à figura de Salazar e contra as intenções [de modificar constitucionalmente o regime] do general Humberto Delgado”.

Também indicativas da parcialidade deste jornal, eram as inúmeras faixas em rodapé com dizeres de apoio a Salazar, como a encontrada na capa da edição de dia 31 de maio, dia da sua visita a Gouveia, e que dizia:” Só quem votar pelo Almirante Américo Tomás vota por Portugal”.

Podemos desde já afirmar que a projeção mediática da campanha de Humberto Delgado foi manipulada pelo regime salazarista, pois se o jornal do regime era tão claramente oposto à candidatura da oposição e se as notícias divulgadas pelo mesmo eram tão parciais, claramente a censura efetuada às notícias dadas pelos outros jornais acerca do mesmo assunto seria certamente bastante apertada.

No entanto, e se observarmos algumas outras publicações, vemos que, apesar dos cortes e modificações e de não poderem manifestar-se claramente como apoiantes da candidatura da oposição, as notícias dadas deixavam já transparecer a crescente popularidade do candidato e o crescente entusiasmo da população portuguesa.

As edições analisadas no âmbito deste trabalho do *Diário de Lisboa* mostram-nos que este jornal publicava quase diariamente notas da candidatura de Humberto Delgado, a pedido da mesma, algo que não era de todo visível no *Diário da Manhã*. Inclusive na capa da edição de 29 de maio de 1958 deste vespertino surge uma reportagem cujo título era “No lar do general Humberto Delgado a esposa e as filhas refletem a mentalidade que o candidato a Presidente desejaria à mulher portuguesa”, sendo esta acompanhada de uma foto destacada do general e da sua família, reportagem continuada na página sete e apresentando um candidato afável e familiar.

O *Diário de Lisboa* foi um diário vespertino, publicado entre 1921 e 1990. Nas primeiras décadas da sua existência o *Diário de Lisboa* distingue-se dos outros periódicos nacionais, pela independência das suas opiniões e pela elevada qualidade literária, dada a ativa participação de jovens artistas e escritores modernistas (Rodrigues E. , 1997).

Relativamente à passagem de Humberto Delgado por Gouveia, não existem novamente referências, nem antes nem depois. Existe, no entanto, uma pequena notícia, no dia 30 de maio de 1958, dia em que teve início o troço de campanha que levaria Delgado a Gouveia. Esta notícia do *Diário de Lisboa* aparece ao lado do comunicado da desistência da candidatura de Arlindo Vicente e do seu apoio à candidatura do general, sendo o seu título “O general Humberto Delgado visita hoje Santarém e Covilhã”. Neste pequeno artigo é descrita sumariamente a visita do general a Santarém e a Tomar, outra das localidades visitadas durante este que seria o penúltimo périplo eleitoral realizado pelo candidato da oposição. Não são feitas referências aos outros pontos visitados por Humberto Delgado.

Já o jornal *O Século*, apesar de bastante mais imparcial do que, por exemplo, o *Diário da Manhã*, e de noticiar as notas de campanha do general, dava nitidamente mais importância à candidatura apoiada pelo regime e menos à independente. Este diário matutino de Lisboa, que esteve nas bancas portuguesas de 1880 a 1977, data da sua suspensão, havia sido fundado pelo advogado e jornalista Sebastião de Magalhães Lima, tendo sido durante a sua existência o jornal de referência nacional. Na sua fase inicial demonstrou enorme empenho na afirmação do projeto republicano.

A edição de 27 de maio de 1958 do jornal *O Século*, apresentava uma segunda página totalmente dedicada à propaganda eleitoral, sendo de destacar os louvores ao presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar e as diversas visitas dos ministros em prol da campanha eleitoral, onde claramente a candidatura do regime é destacada e a do candidato independente, que se afigurava já mais ameaçador para o regime do que o candidato apoiado pelo Partido Comunista, é relegada para um «canto», ou, neste caso, para quatro simples linhas.

Já na sua edição de 01 de junho *O Século* noticia a passagem do general Humberto Delgado pela cidade da Guarda, fazendo uma pequena descrição daquilo que se terá passado, e que se assemelha, em termos de receção popular, ao que se passou aquando da sua passagem por Gouveia.

Assim podemos ler na segunda página desta edição a seguinte notícia:

“Vindo da Covilhã, onde presidiu a uma sessão de propaganda da sua candidatura, pernitoou nesta cidade o Sr. general Humberto Delgado, que viajava acompanhado da sua esposa e de uma filha; da Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alcina Bastos e dos srs. Rodrigo de Abreu, Teófilo Carvalho dos Santos e Joaquim Bastos.”

Afirma ainda o autor deste artigo que:

“O sr. General que foi muito aclamado, regressou ao hotel de uma das varandas do qual agradeceu as manifestações. Efetuou-se depois um almoço de homenagem a que presidiu o candidato (...) O almoço terminou com vivas ao candidato, à República, à Democracia, à Liberdade e a Portugal. Uma caravana de automóveis acompanhou o candidato ao limite do distrito de Coimbra.”

Também *O Século* noticia repetidamente a suposta chegada de manifestações de apoio ao presidente do Conselho assim como de repulsa pelas declarações proferidas pelos candidatos da oposição.

A 31 de maio *O Século* noticia na sua quarta página as sessões de propaganda do “sr. Contra-almirante Américo Tomás” e ao lado da mesma a “sessão de propaganda oposicionista” e na mesma página encontramos uma notícia cujo título era “A caminho da Covilhã o sr. General Humberto Delgado foi alvo de manifestações” e que nos falava da visita deste candidato à Serra da Estrela, referindo apenas na penúltima linha que as tais manifestações foram de apoio ao general. Neste caso particular, apenas podemos supor qual seria o título original antes de ser visado pela censura.

Finalmente, no dia 4 de junho de 1958, o jornal *O Século*, tem nas suas páginas uma peça intitulada “Uma sessão em Gouveia de propaganda da candidatura do senhor General Humberto Delgado”, com data do anterior dia 3. A referida sessão que havia decorrido a 1 de junho no “Cine-Teatro que se encontrava cheio”, foi, segundo noticia este periódico na sua oitava página, uma “sessão que decorreu nem ambiente de patriotismo e na melhor ordem”.

Nesta peça encontramos ainda referência ao discurso do Presidente da Comissão Concelhia de Gouveia, Fernando Rebelo, que nele terá evocado a “memória do grande republicano Pedro Botto Machado” e feito “uma crítica à política da UN”, no entanto, a referida crítica não é explicitada. É ainda relatado que Acácio Gouveia havia proferido o elogio do general, mas, novamente o mesmo não é transcrito nem analisado.

Ao consultarmos o livro “As eleições de 1958 e a imprensa Portuguesa - Coletânea de Documentos Censurados”, podemos analisar a peça acima mencionada na sua versão anterior ao crivo da censura e nesta, mais extensa, podemos verificar o que foi cortado pela censura e que nas anteriores peças apenas podíamos supor. Relativamente ao discurso de Fernando Rebelo na peça sem cortes podemos ler qual a crítica efetuada à UN, sendo que o advogado analisou alguns problemas da vila de Gouveia, “nomeadamente os que se prendem

com a indústria de lanifícios, operariado, lavoura, comércio e professorado primário” (Mascarenhas & Alexandra, 1998, p. 148). Nesta peça temos ainda parte do elogio feito por Acácio Gouveia ao general Humberto Delgado, que, segundo este “encarna os anseios de liberdade do povo português”. Segundo Acácio Gouveia, o candidato independente desejava ainda que os portugueses se mantivessem “firmes nas suas convicções para que, unidos hoje e amanhã” triunfassem.

Nesta análise comparativa conseguimos compreender que dado o peso da censura a tarefa dos jornalistas de reportar com imparcialidade e rigor estava claramente dificultada, não dependendo, na maioria dos casos, destes profissionais a imparcialidade inerente à sua profissão.

Também o jornal *República*, de claro alinhamento republicano e não alinhado com o regime de então, noticia a passagem do general Humberto Delgado pela vila de Gouveia.

O jornal *República*, fundado por António José de Almeida em 1911, foi um dos grandes protagonistas da luta liberal e laica da causa republicana, tendo-se evidenciado e destacado no panorama dos periódicos nacionais, juntamente com o Diário de Lisboa, na luta contra a ditadura salazarista (Faias, Guinote, & Nicolau, 1997). Este jornal, cujo cariz republicano era oposto ao regime, consegue ser talvez o mais objetivo e imparcial, transcrevendo por diversas vezes e inclusive na capa, afirmações do general e apresentando regularmente não só as suas notas de campanha como o itinerário da sua campanha eleitoral.

Excetuando a publicação da composição da Comissão Concelhia de Apoio à Candidatura do general Humberto Delgado da vila de Gouveia, não existem, no mês anterior às eleições presidenciais de 1958, referências à campanha do candidato da oposição na vila. No entanto, logo no primeiro dia do mês de junho, o jornal *República* publica na sua décima quinta página um artigo intitulado “Recepção ao general Humberto Delgado em Gouveia”, dando-nos conta da enorme recepção feita ao general. Segundo relatado telefonicamente a este jornal o general terá chegado à vila e saído da viatura que o conduzia, tendo percorrido a pé as ruas apinhadas de “muitas centenas de pessoas vindas de todas as povoações deste concelho e também de Ceia [Seia]” que o “vitoriou delirantemente”.

Ainda na referida peça do jornal *República*, de 1 de junho de 1958, e em concordância com os outros relatos que temos da passagem do general pela vila de Gouveia, é referido que “após uma breve cerimónia de recepção” no Centro Republicano Pedro Botto

Machado, o candidato da Oposição “teve de aparecer a uma das varandas para corresponder aos pedidos da multidão, que não cessava de o saudar”. Novamente é relatada a “ordem modelar” com que decorreu a referida receção.

Neste que foi o número 9855 desta publicação, é destacada a campanha presidencial de 1958 e particularmente a candidatura do general Humberto Delgado. Na capa desta edição, temos uma entrevista ao advogado e político bracarense Luíz de Almeida Braga. Almeida Braga, havia sido secretário de Paiva Couceiro durante a “Monarquia do Norte”, era um defensor da causa monárquica e um dos fundadores do “Integralismo Lusitano”, movimento de renascimento católico. O título atribuído a esta entrevistas e apresentado em letras garrafais, havia sido “O General Humberto Delgado despertou o abatido coração da Pátria”. Nesta entrevista Luíz de Almeida Braga, opositor da Primeira República e do Estado Novo e que, juntamente com Rolão Preto apoiou e promoveu a candidatura do general, faz o elogio e defesa do mesmo. É de referir que, em 1949, Luíz de Almeida Braga é expulso da causa monárquica pelo seu combate e oposição ao Estado Novo, tendo contribuído em 1957 para a constituição do Movimentos do Monárquicos Independentes. Em 1958, o advogado bracarense destaca-se pela sua defesa a Henrique Galvão e pelo seu apoio e promoção à candidatura do General Humberto Delgado.

Esta é a única referência por nós encontrada neste jornal à campanha presidencial de Humberto Delgado na vila de Gouveia. No entanto, este é o jornal que mais importância dá à campanha presidencial de 1958, destacando-a nas suas edições ao longo do referido período. A campanha presidencial e as três candidaturas existentes, estão presentes em todas as edições consultadas no âmbito do presente trabalho, ocupando, visual e espacialmente, um lugar de destaque. Para além disso o *República*, que conforme já foi referido era o jornal menos alinhado com o regime ditatorial então vigente no país, demarca-se do panorama dos restantes periódicos portugueses, pela importância dada à candidatura da oposição, traduzida no número de peças publicadas e tamanho das mesmas.

No dia 2 de junho, para além de uma extensa e destacada crítica à UN e de um pequeno artigo com uma manifestação de apoio de populares do Entroncamento à união das candidaturas da oposição, temos uma pequena caixa com indicações da parte dos serviços de candidatura do general Humberto Delgado para o ato eleitoral que se avizinhava.

O jornal *República* alia a crítica ao regime e suas políticas, principalmente na sua representação pela UN, ao uso de entrevistas a apoiantes do general e de comunicados dos serviços da sua campanha, e, esta edição é exemplo do que foi feito pelo periódico em análise, não só durante a campanha, como, de forma talvez mais moderada, durante toda a sua existência.

No terceiro dia de junho de 1958, para além de uma extensa entrevista ao Professor Doutor Barbosa de Magalhães é ainda publicada uma “Carta a um jovem eleitora” por Vasco da Gama Fernandes e em que este conhecido apoiante e membro da campanha de Humberto Delgado, ironicamente aconselha o jovem português na melhor maneira de proceder relativamente às eleições presidenciais. Vasco da Gama Fernandes era, à época, um conhecido advogado, destacado opositor do regime salazarista, várias vezes detido pela PIDE, participante nas revoltas contra a ditadura em 1931, membro da Aliança Republicana e Socialista e do Movimento de Unidade Nacional Antifascista e um dos fundadores do Movimento de Unidade Democrática e do Partido Trabalhista. Este advogado de renome, apoiou a candidatura do General Humberto Delgado em 1958, conforme havia feito em 1949 e 1951, com as candidaturas de Norton de Matos e Quintão Meireles, respetivamente.

Na referida entrevista com o Professor Doutor Barbosa e Magalhães, este antigo Bastonário da Ordem dos Advogados, faz o elogio ao candidato da Oposição, General Humberto Delgado, e declara que o mesmo merece todo o seu respeito. José Maria Barbosa de Magalhães, havia sido um dos autores da Constituição de 1911, ministro da Justiça, dos Negócios Estrangeiros e da Instrução Pública, tendo, no entanto, feito parte de uma fatia da elite política que se havia afastado do regime, tendo inclusive sido membro da comissão diretiva do MUD, que na década de 1940 fez oposição ao Estado Novo e, como consequência, sofreu severa repressão política.

No dia 4 de junho, o *República* demonstra claramente a sua orientação político-partidária. Os dois títulos apresentados na capa desta edição, “Venceremos se cumprirmos os nossos deveres de soldados da Pátria e da Liberdade” e “O General que chegou na hora própria”, aliam-se a uma enorme fotografia do candidato da oposição fardado e outra, mais pequena, em que o mesmo aparece rodeado de populares que o saúdam em frente à casa onde nasceu o aviador Sacadura Cabral em Celorico da Beira. Apesar de noticiada no dia 4 de junho de 1958, a visita a Celorico da Beira decorreu no dia 31 de maio de 1958, tendo o candidato seguido desta vila para a de Gouveia, com que fazia fronteira a sudoeste. Na mesma

capa são ainda apresentados os quatro principais pontos da campanha do general Humberto Delgado.

Comum a todas as edições do mês de campanha são os anúncios às sessões de propaganda de apoio ao general, prolongando-se até à penúltima edição antes do ato eleitoral e anunciando sessões em localidades demograficamente tão distintas como Lisboa, capital do país, ou a já referida vila de Celorico da Beira.

A cobertura jornalística efetuada à campanha para as eleições presidenciais de 1958 foi no grosso do panorama nacional bastante parcial – o que é facilmente compreensível se tivermos em conta o regime ditatorial vigente em Portugal, alicerçado que estava na Censura, integrada no Secretariado Nacional de Informação, e na polícia política e sua rede de informantes.

Relativamente ao *Diário da Manhã* e ao *Correio da Beira*, estes eram órgãos ligados ao Estado Novo e, mais especificamente, à União Nacional, como tal, a cobertura dada à campanha de 1958 foi parcial, indo o destaque para o candidato da situação. Muito provavelmente dado o seu alinhamento, não mencionam a campanha de Humberto Delgado em Gouveia e apresentam uma constante tentativa de associação do General Humberto Delgado ao caos, à desordem e à ameaça do comunismo. Comuns a ambos os jornais e às edições dos mesmos no período analisado são as mensagens de apoio ao regime e particularmente à figura de Salazar.

O *Diário de Lisboa* e *O Século* apresentam uma cobertura relativamente homogénea às três campanhas, principalmente a nível do espaço atribuído a cada candidato, sendo, no entanto palpável o peso da censura uma vez que a crítica ao regime e ao seu candidato é inexistente, contrastando com a crítica quase permanente aos candidatos da oposição. *O Século* chega, inclusivamente, a noticiar momentos da campanha do General em Gouveia, não omitindo os elevados níveis de participação popular.

Relativamente ao jornal *República*, sendo este um órgão republicano associado à oposição, apresenta uma cobertura também parcial da campanha, neste caso, dando claro destaque aos candidatos da oposição, na sua extensa cobertura da campanha presidencial.

A nível nacional, com exceção do *República*, que era, conforme referido anteriormente, o jornal português da época mais próximo da oposição ao regime vigente, e do jornal *O Século*, verificamos que a cobertura da campanha em Gouveia é inexistente, algo que

não é incomum dada a reduzida dimensão e importância no contexto sociopolítico nacional e uma vez que a recção popular e institucional verificada esteve de acordo com o verificado em muitas localidades, senão na maior parte. Mesmo o jornal *República* apenas dedica um artigo à passagem do general na vila de Gouveia, não referindo a sessão de propaganda e apoio à candidatura do mesmo, que teria lugar no seguinte dia.

## 4.2 Imprensa Regional

Fundado em 1930, como diário generalista, o *Diário de Coimbra*, afirma no seu estatuto editorial, ter como missão informar sobre Coimbra, a Região das Beiras, Portugal, a Europa e o Mundo. Afirma-se ainda como jornal “independente, de orientação liberal, defensor da democracia pluralista, da Liberdade de Imprensa, da total independência da imprensa” face ao poder político e económico e como opositor de qualquer ideologia que aliene ou escravize o ser humano, ao centralismo estatal e a todo o abuso de poder. É de notar que este diário regionalista era um jornal assumidamente republicano, órgão do movimento regionalista das beiras e único diário do centro do país (Diário de Coimbra, s.d.).

Provavelmente devido a este seu alinhamento, o *Diário de Coimbra*, que no âmbito da presente dissertação foi consultado de 9 de maio de 1958 a 9 de junho do mesmo ano, sendo, no geral das suas publicações, bastante imparcial e dando o mesmo destaque e espaço às três candidaturas existentes: Américo Tomás, Arlindo Vicente e Humberto Delgado.

Começa por noticiar no dia 9 de maio as eleições presidenciais e as três candidaturas, publicando no mesmo dia e na íntegra “O Manifesto do sr. Dr. Arlindo Vicente” e “A Proclamação do sr. General Humberto Delgado”. Nesta edição, poderíamos afirmar que o destaque, pelo menos em termos de espaço utilizado, vai para as duas candidaturas da oposição, uma vez que por não apresentar programa, o candidato da situação estaria em clara desvantagem em relação ao espaço utilizado na apresentação da sua candidatura no referido jornal.

No dia seguinte, o mesmo diário publica um artigo com o título “O candidato da União Nacional não apresenta programa”. Nesse artigo é transcrito o comunicado recebido pela redação daquele jornal dos Serviços de Imprensa da União Nacional, que entre outras coisas nos afirma que:

“O candidato à Presidência da República só pode ter um programa: cumprir a Constituição nas obrigações que deriva da sua letra e seu espírito, na obediência aos princípios que nela se consignam e na fidelidade ao imperativo do bem comum que as Forças Armadas proclamaram em 28 de maio de 1926.” (*Diário de Coimbra*, 10 de maio de 1958, p.10)

No dia seguinte, 11 de maio de 1958, o *Diário de Coimbra* publica artigos sobre as candidaturas de Américo Tomás e Humberto Delgado deixando de parte o candidato do Partido Comunista Português, Arlindo Vicente. No entanto, no geral, este diário daria igual cobertura às três candidaturas, até ao momento de abdicação do candidato comunista. Ainda na edição de 11 de maio o *Diário de Coimbra* noticia a célebre conferência de imprensa de Humberto Delgado no café Chave d’Ouro, em que o candidato terá afirmado que caso fosse eleito demitiria, obviamente, o Presidente do Conselho, Salazar.

Também este jornal publicaria artigos dando conta da enorme solidariedade do povo português com Salazar, noticiando que à Presidência do Conselho continuavam a chegar missivas de todo o país manifestando repúdio pelas afirmações proferidas por Humberto Delgado, se bem que a veracidade destes artigos será sempre par nós desconhecida dado o peso da censura e autocensura e das constantes manipulações e distorções do regime.

No seguinte dia, 12 de maio de 1958, o *Diário de Coimbra* destaca a bênção das fitas de finalistas relegando para o fundo da sua capa os artigos referentes ao período eleitoral. Assim, no canto inferior esquerdo temos o início de um artigo, que mais não era do que uma transcrição de um comunicado dos Serviços de Imprensa da União Nacional e que continuaria na sétima página e que tinha como título “Salazar e as acusações feitas pelo general Humberto Delgado”. No canto inferior direito, o artigo intitulado “A candidatura do general Humberto Delgado”, dá-nos conta da composição da Comissão Distrital de Viseu deste candidato. Finalmente na sétima página temos um pequeno artigo dedicado à candidatura de Arlindo Vicente.

A 13 de maio o *Diário de Coimbra* ignora Delgado, noticiando apenas as candidaturas de Américo Tomás e Arlindo Vicente.

Já no dia 14 de maio de 1958 o *Diário de Coimbra* volta ao seu «habitual» e noticia as três candidaturas. Se bem que o destaque dado aos artigos na capa seja igual, a extensão dos mesmos é bastante diferente, sendo que o artigo referente à campanha de Arlindo Vicente começa e termina numa caixa da primeira página e os artigos referentes às candidaturas do

candidato da situação, contra-almirante Américo Tomás, e do general Humberto Delgado, apesar de começarem por ocupar igual espaço na referida caixa, continuam na décima página, ocupando cada um cerca de ¼ da referida página.

A 15 de maio o *Diário de Coimbra* emite um comunicado recebido da Reitoria da Universidade de Coimbra demonstrando o seu apoio ao candidato da situação e noticia lado a lado a aclamação do general Humberto Delgado no Porto. Arlindo Vicente é novamente relegado para o meio do jornal, sendo o artigo referente à sua campanha de apenas quatro linhas e repetindo informação previamente publicada.

Sendo esta a semana da queima das fitas, época festiva na cidade de Coimbra, o jornal *Diário de Coimbra* acaba por dar maior destaque a esta festa, que ocupa frequentemente a capa da publicação, no entanto o fundo da capa é habitualmente reservado para o período eleitoral, e no dia 18 de maio o *Diário de Coimbra* transcreve textualmente uma nota oficiosa recebida no dia anterior e que narrava os acontecimentos registados em Lisboa e no Porto, leia-se as manifestações de apoio ao general que foram fortemente reprimidas pela polícia que não se inibia de usar a força. Obviamente sendo notas oficiais, as mesmas transferem a responsabilidade pela existência de feridos para o candidato da oposição e sua campanha. No entanto e ao contrário dos jornais mais alinhados, o *Diário de Coimbra* publica ao lado deste artigo uma pequena declaração sobre o sucedido e sobre a campanha em si até então, esta declaração havia sido proferida pelo general Humberto Delgado na sede dos serviços da sua candidatura à Presidência da República, na presença de representantes dos diversos diários portugueses. Nesta pequena nota da conferência de Imprensa decorrida na sede de candidatura, na Avenida da Liberdade em Lisboa, o general Humberto Delgado salienta alguns acontecimentos referentes à sua candidatura e campanha que considera inaceitáveis num país civilizado. Quando questionado pela United Press responde que levará a sua candidatura à Presidência da República até ao fim, ou seja, até às urnas.

No dia 21 de maio, o Contra-Almirante Américo Tomás é claramente destacado, aparecendo logo na capa do jornal um artigo em que se narrava que este candidato havia falado à imprensa no anterior dia. Este é o único artigo referente à campanha eleitoral presente no jornal de dia 21.

A 24 de maio de 1958 o destaque vai para Arlindo Vicente, uma vez que, no dia anterior, este havia presidido a uma sessão de apoio à sua candidatura, no conhecido Teatro Avenida, na cidade de Coimbra.

Na segunda feira dia 26 de maio, o *Diário de Coimbra* publica na capa dois artigos referentes ao período eleitoral, sendo que no primeiro noticia a vinda do Contra-Almirante Américo Tomás a Coimbra, no âmbito de uma sessão de propaganda da sua candidatura, e, de seguida, noticia a visita de Humberto Delgado à cidade de Aveiro. Novamente no seguinte dia 27 o mesmo tem na capa dois artigos em caixa referentes aos candidatos Américo Tomás e Humberto Delgado, dando conta o primeiro de que a sessão de propaganda havia decorrido com grande elevação e sendo o segundo uma descrição, feita por um correspondente viseense do jornal, da visita do general Humberto Delgado à referida cidade.

A 30 de maio de 1958 o *Diário de Coimbra* tem novamente na capa uma caixa dedicada ao período eleitoral, sendo esta dividida em três e repartida pelas três candidaturas, sendo que o texto continuará na sétima página deste diário. Nesta página, o artigo referente a Humberto Delgado, tem um subtítulo que imediatamente nos chama à atenção e que é “Uma sessão em Gouveia”. Nesta secção do referido artigo é listada a composição da Comissão Concelhia de apoio à candidatura do general Humberto Delgado e anunciado que a mesma realizará uma sessão de propaganda eleitoral que decorrerá no Cineteatro Império, da dita cidade, então vila, de Gouveia, no dia 3 de junho.

No dia seguinte o *Diário de Coimbra* noticia que a candidatura do general Humberto Delgado é agora a única da oposição e que o candidato Arlindo Vicente havia abdicado em favor da mesma. Novamente são descritas sessões de apoio aos candidatos, agora já só dois, e é descrita a sessão de Américo Tomás na cidade de Coimbra no anterior dia e como o general Humberto Delgado se deslocará à referida cidade no seguinte dia. Esta deslocação será feita no regresso de Gouveia, no entanto, a ida do candidato a esta vila não nos é anunciada neste artigo.

Também no seguinte dia 1 de junho, o *Diário de Coimbra* omite a passagem de Delgado por Gouveia, destacando apenas a sua passagem pela Guarda e chegada a Coimbra. Finalmente no dia 3 de junho a já referida caixa na capa dedicada ao período eleitoral anuncia lado a lado as sessões de propaganda aos dois candidatos na vila de Gouveia, sendo a do candidato da situação no dia seguinte e a do candidato da oposição no próprio dia. Para além

disso, o *Diário de Coimbra* noticia a passagem do candidato da oposição, general Humberto Delgado, na vila de Gouveia, que havia decorrido no dia 31 de maio. Este diário descreve-nos como o candidato independente à Presidência da República era precedido por um longo cortejo de automóveis e como foi recebido na vila por centenas de pessoas, que o aclamaram. Sendo recebido no Centro Republicano da vila, assomou à varanda onde o público novamente o ovacionou e cantou o hino nacional. Ainda segundo este jornal o serviço da ordem foi perfeito não se tendo registado quaisquer incidentes. Esta foi a última referência à campanha de Delgado em Gouveia por nós encontrada neste jornal.

O semanário *Correio da Beira*, que se afirmava defensor dos interesses do distrito da Guarda, era propriedade da Comissão Distrital da União Nacional e tinha como diretor o Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior, que na época acumulava funções de médico, diretor do referido jornal e Presidente da Câmara de Gouveia, tendo este jornal estado nas bancas de 1946 a 1974. Santos Júnior viria ainda a ser Ministro do Interior entre 1960 e 1968. Este facto parece-nos relevante para melhor compreender não só a reação institucional de Gouveia, como a reação popular, e, principalmente, o alinhamento do referido jornal. Naturalmente, dado o seu alinhamento e direção, faz poucas ou nenhuma referências a manifestações ou sessões de apoio ao candidato da oposição, fazendo, sim, a apologia do candidato da situação.

Nos números deste jornal por nós consultados não existe qualquer referência à sessão de propaganda e apoio ao general Humberto Delgado, efetuada em Gouveia, nem à passagem do mesmo pela vila.

No dia 12 de junho o *Correio da Beira* dá conta da “esmagadora vitória” do Almirante Américo Tomás, dando destaque a este assunto, ocupando com ele toda a capa e publicando uma tabela com os resultados obtidos nos vários concelhos do distrito da Guarda, Gouveia incluída. Na verdade, em contraste com a pouca importância dada à campanha, desvalorizada neste jornal, a vitória do candidato da situação, o Contra-Almirante Américo Tomás, irá ocupar uma significativa parte do mesmo até ao final do seguinte mês de julho.

Relativamente aos jornais regionais consultados, não foi com surpresa que verificámos a completa omissão da campanha de Humberto Delgado no *Correio de Beira*, dado o alinhamento e direção do mesmo. De igual modo, considerámos natural encontrar os dois momentos de campanha noticiados no *Diário de Coimbra*, que sempre tentou mesmo em tempos de ditadura, manter alguma independência editorial.

### 4.3 Imprensa Local

Apesar de, à semelhança do verificado no restante território nacional, a imprensa no distrito da Guarda, onde se insere o concelho em análise, ter proliferado, quer nas últimas décadas do século XIX, como, principalmente, nas primeiras do século XX, após a implantação da república, no período que pretendemos analisar, apenas existe na vila de Gouveia um jornal noticioso de periodicidade regular, neste caso semanal (Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2010). Caso o período em análise, tivesse sido anterior ter-nos-ia sido possível consultar *O Hermínio*, que foi publicado entre 1893 e 1936, ou o *Jornal de Gouveia*, publicado de 1952 a 1955, no entanto, no ano de 1958 ambos tinham já deixado de existir por não conseguirem garantir a sua subsistência financeira. A título de curiosidade, parece-nos interessante referir que o jornal gouveense consultado no âmbito desta dissertação, o *Notícias de Gouveia*, continua a ser o único periódico informativo, existindo para além do mesmo, hoje, como na altura, apenas algumas revistas e boletins informativos municipais e paroquiais, que não consideramos terem relevância para este trabalho.

Apesar de todas as publicações merecerem a nossa atenção, nem sempre é útil o acesso às mesmas e para os efeitos deste trabalho só foi considerada pertinente a análise do jornal *Notícias de Gouveia*. Assim, de todas as publicações existentes em 1958, o *Notícias de Gouveia* foi a que elegemos analisar em profundidade, uma vez que, os boletins paroquiais tratavam de assuntos religiosos e os municipais era a voz da situação, estando, portanto, reservado o papel de jornal noticioso e informativo ao periódico analisado.

Fazendo hoje parte do restrito «clube» dos jornais centenários portugueses, o *Notícias de Gouveia*, nasceu a 12 de fevereiro de 1914. Este periódico, que inicialmente se autoproclamava semanário evolucionista, uma vez que o Partido Evolucionista tinha na época muitos seguidores na vila, pôs rapidamente “de lado a sua raiz de nascença para se afirmar” como porta-voz e defensor dos interesses da região (ABPG, 2016). É nesta qualidade que se dirige a todos os gouveenses, quer os residentes em Gouveia, quer aqueles que se encontram espalhados pelo globo, propondo-se como elo de ligação entre todas estas comunidades gouveenses.

O *Notícias de Gouveia*, noticia a campanha e as futuras eleições, apesar de dar mais destaque a outros temas, em particular referentes à vila, algo que se explica facilmente por ser este o único jornal noticioso da vila e ser apenas de periodicidade semanal. O jornal *Notícias de Gouveia*, relata-nos em pormenor a visita do general Humberto Delgado na sua edição do

seguinte dia de 1 de junho de 1958. Assim na segunda página desta publicação podemos ler que:

“Cerca das 17 horas de ontem passou nesta vila o Candidato Independente à Presidência da República, senhor general Humberto Delgado que era precedido por um longo cortejo de automóveis.

Muitas centenas de pessoas de todas as categorias, agitando bandeiras nacionais aclamaram-no e vitoriaram-no, à sua passagem pelas ruas de Gouveia.”

A figura 5, previamente apresentada em capítulo anterior, ilustra precisamente o descrito neste primeiro parágrafo, sendo visíveis as bandeiras nacionais e as centenas de pessoas, claramente de estratos sociais bem diferentes dado o vestuário por si apresentado. De salientar, ainda, é o facto de o general ter passado pela vila de Gouveia por volta das 17 horas e como tal antes do final da jornada de trabalho na maioria das fábricas da vila, uma vez que, à época, o sábado, dia em que Humberto Delgado se deslocou a Gouveia, era dia de trabalho para a esmagadora maioria da população ativa portuguesa. (Decreto Lei nº 23048, 1933). Tal facto poderia levar-nos a supor uma drástica diminuição da multidão presente na receção ao general. Não é, no entanto, o que registam e ilustram as fotografias do dia 31 de maio de 1958 tiradas em Gouveia.

O mesmo jornal de dia 1 de junho continua:

“No Centro Republicano recebeu os cumprimentos da comissão concelhia da sua candidatura e de muitas pessoas, principalmente senhoras, que ali estavam para o receber. Pouco depois assomou à varanda e o público voltou a manifestar-se cantando em seguida o Hino Nacional.

Depois, no meio de manifestações patrióticas, o candidato Independente retirou para Coimbra. O serviço da ordem a cargo da Polícia de Segurança Pública foi perfeito, não se registando atos menos dignos.”

É precisamente o momento da chegada do «general sem medo» ao Centro Republicano da vila, descrito pelo *Notícias de Gouveia* que é ilustrado na figura abaixo apresentada.



*Figura 7 - General Humberto Delgado à chegada ao Centro Republicano Pedro Botto Machado  
Arquivo da Família Rebelo*

Ao chegar a esta zona da vila, o general foi ovacionado e entusiasticamente cumprimentado pela multidão gouveense que o aguardava, antes mesmo de poder entrar no Centro Republicano, onde alguns membros mais ativos da sua campanha na vila o aguardavam, juntamente com alguns apoiantes mais notáveis. Perante o entusiasmo popular, o candidato assomaria à varanda do já referido Centro Republicano para saudar a multidão e proferir algumas palavras de agradecimento.

Através destes testemunhos, artigos, entrevistas e fotografias, podemos melhor compreender a ativa participação que o povo de Gouveia teve na campanha de 1958, à semelhança do que decorreu em muitas outras localidades, não só pela presença marcada nas

ruas percorridas pelo candidato da oposição, como em sessões de propaganda, conforme veremos de seguida.

Na mesma edição, o jornal *Notícias de Gouveia* tinha ainda uma notícia referente a uma sessão de apoio à candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República, que se viria a realizar no dia 3 de junho de 1958, no Teatro-Cine Império na vila de Gouveia. Este seria um dos primeiros impactos visíveis da passagem do general pela vila.

A sessão de propaganda da campanha do general Humberto Delgado foi presidida por Acácio Gouveia, advogado em Lisboa, republicano, conhecido oposicionista e fundador do Diretório Democrato-Social. Para além de Acácio Gouveia, discursou também Fernando Rebelo, Presidente da Comissão Concelhia da candidatura do general Humberto Delgado.

Consideramos o discurso do Presidente da Comissão Concelhia de extrema importância para a compreensão do ambiente vivido na vila durante a campanha de Humberto Delgado.

Afirmava Fernando Rebelo, em discurso transcrito na segunda página do jornal *Notícias de Gouveia* de 1 de junho de 1958, que:

“(...) o homem sem medo esteve nesta terra que ama a Liberdade e quer a República. E a alma do povo aparece, porque a alma do povo de Gouveia, é republicana. Eles bem o viram – e ainda bem que o viram. Eles bem o viram – e não podem estar mais enganados. Viram o povo que trabalha vibrar, viram o povo que trabalha gritar. E porque vibrava esse povo e porque gritava esse povo? E porque vibrava, sem medo, esse povo, e porque gritava, sem medo, esse povo? Vibrava e gritava por um homem sem medo que neste momento em que o medo se perdeu simboliza as mais fundas aspirações da nossa pátria: o general Humberto Delgado.”

Estas palavras espelham o sentido dos cidadãos gouveenses aquando da receção a Humberto Delgado e para com a sua candidatura, assim como da maioria da população portuguesa ao fim de tantos anos de ditadura.

E mais do que os gritos, mais do que as palmas, mais do que as aclamações, traduziram a alma deste povo, a emoção viva que rodeou toda a manifestação, o abraço que se quis dar ao homem que veio caminhar entre o povo, sem medo, sem armas, sem polícia, sem carros blindados. E talvez mais do que isto ainda traduz a alma deste povo, o choro que não se conseguia verter, o pranto reprimido no peito durante 32 anos de clausura e brotou, irreprimível, num momento de libertação.”(Notícias de Gouveia, 1 de junho de 1958, p.2)

A edição de 1 de junho destaca na capa a passagem no dia anterior do candidato da oposição e de como a vila se engalanou e saiu à rua em plena jornada laboral de modo a saudar e receber o general. Este artigo é claramente destacado tanto em relação ao conteúdo geral do jornal como principalmente em relação às notícias referentes à campanha do candidato da situação.

Na seguinte edição do dia 8 de junho de 1958, o próprio dia das eleições, também a primeira edição após os acontecimentos recentes na vila, as sessões de propaganda de ambos os candidatos, e a segunda desde a passagem do general Humberto Delgado pela vila, destaca claramente a campanha presidencial. É de notar que nem neste jornal, o único da vila conforme referido, foi anunciada a passagem de Delgado, tendo esta sido uma verdadeira surpresa para os habitantes da vila.

Assim a edição de 8 de junho de 1958 do *Notícias de Gouveia* destaca largamente a campanha que antecedeu as eleições e, claro, as partes da mesma que haviam decorrido na vila. Dedicou a capa às Eleições Presidenciais, atribuindo um artigo a cada candidatura, começando na capa e continuando na sexta página. Descreve nestes artigos como e o que se desenrolou nas sessões de apoio às respetivas candidaturas decorridas na vila, acabando por com isso desrever também a passagem de Humberto Delgado na vila, uma vez que, tendo a sessão decorrido três dias após a passagem do general em terras gouveenses, este assunto foi amplamente discutido na dita sessão. Para além disso, neste extenso artigo, é citada grande parte do discurso do Presidente da Comissão Concelhia de Gouveia, Fernando Rebelo, em que o advogado relata entusiasticamente a visita do seu mandante.

A edição de 8 de junho de 1958, dia das eleições, descreve a sessão de apoio à candidatura do general, sendo que o Teatro-Cine se “encontrava apinhado de gente de diferentes classes sociais”. O mesmo artigo diz-nos ainda que João Gomes, advogado, republicano da Guarda e mandatário da candidatura de Humberto Delgado nesta cidade, onde viria a ser, décadas mais tarde, Governador Civil, proferiu um discurso, “evocando a passagem por Gouveia, no dia 31 de maio, do sr. general Humberto Delgado e felicitou o povo gouveense pelo civismo e comportamento manifestados”.

O *Notícias de Gouveia*, como único periódico local, faz a reportagem mais completa dos periódicos consultados no âmbito da presente dissertação, apesar da sua periodicidade ser semanal. De facto, a edição após passagem do general Humberto Delgado destaca este

momento da história local, colocando o mesmo na capa do jornal e dedicando-lhe ainda um extenso artigo e, numa pequena nota independente deste, publica um anúncio à sessão de propaganda que viria a realizar-se nesse mesmo dia, o único do género por nós encontrado. Em conjunto com o destaque dado à campanha presidencial e às sessões de propaganda dos dois candidatos em Gouveia, este é assim o jornal que mais relevo dá ao momento de campanha em Gouveia, facto que nos parece facilmente compreensível dada a proximidade geográfica do mesmo.

Não temos acesso a mais jornais noticiosos locais para comparar as informações dos mesmos, e o *Notícias de Gouveia* apenas tem este artigo referente à passagem do general na vila, sendo este um artigo extenso que ocupa duas páginas do mesmo, um jornal de cerca de 10 páginas, e que é claramente destacado do artigo referente à campanha e sessão de propaganda de Américo Tomás.

Na seguinte edição de 15 de maio de 1958, o *Notícias de Gouveia* apresenta apenas uma tabela com os votos do Concelho, não efetuando qualquer comentário ou menção à clara fraude eleitoral, não existindo, aliás, qualquer artigo referente à eleição, à vitória do almirante e à derrota do general, sendo possível especular que assim tenha sido devido à censura.

A visita do General a Gouveia não é mencionada na maioria da imprensa nacional, devido não só à Censura, que vigorava e já referimos, mas também à reduzida dimensão e importância da vila e ao seu afastamento geográfico e social dos grandes centros urbanos de decisão e, especificamente, da capital.

No entanto, apesar da falta de referência a nível nacional, a nível local o jornal *Notícias de Gouveia* não poupa louvores ao general e relata a visita deste como um acontecimento excitante e que servia de cataclismo para os gouveenses, já tão fartos de repressão político-social, à semelhança do que se verifica no resto da população nacional. O facto de ser permitido a este jornal fazer o elogio do General e uma descrição detalhada da maneira efusiva como foi recebido na vila pode ser explicado pelas “condições locais” (Delgado I. , 1998) ou seja, em boa parte também pelo já referido afastamento geográfico e social.

Numa então vila afastada como estava dos grandes centros urbanos e de decisão a passagem de um candidato à Presidência da República seria sempre um momento de óbvio

destaque, ainda mais marcante ao tratar-se de um candidato da oposição ligado ao ideal republicano, tão disseminado em Gouveia, e que prometia renovar o regime.

## Conclusão

Recorrendo a incontornáveis referências teóricas e a testemunhos de quem o viveu na primeira pessoa, propusemo-nos analisar um controverso período da recente história política nacional, período este ainda muito controverso, em parte devido à pouca distância temporal, e que viria a ser considerado o início do fim do fascismo em Portugal.

No período do universo político social português analisado, a crise nos meios rurais e agrícolas e a crescente industrialização, consequente dos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, modificaram as mentalidades portuguesas e o país modernizar-se-ia a despeito da vontade de Salazar.

As eleições presidenciais de 1958, foram uma tentativa deste ditador de mostrar ao mundo e, em particular, aos parceiros internacionais das Nações Unidas, que Portugal era um país democrático onde se efetuavam eleições livres, no entanto, o plano fracassou ao extravasar para a imprensa internacional o apoio popular à candidatura da oposição e as ilegalidades e fraudes que compuseram este ato eleitoral. Após o referido ato, o regime cerraria fileiras: aumentaria a repressão, a censura e a vigilância e modificaria constitucionalmente as eleições presidenciais que deixariam agora de ser diretas e como tal de constituir ameaça ao regime ditatorial vigente.

Relativamente à cobertura jornalística e, indo de acordo á hipótese anteriormente colocada, verificamos que a cobertura jornalística à campanha de 1958 foi, a nível geral, bastante parcial, sendo dado destaque ao candidato do regime na maioria das publicações, principalmente naquelas cujas linhas editoriais estava de acordo com o regime, como o *Diário da Manhã* ou o *Correio da Beira*. O *Diário de Lisboa*, *O Século* e o *Diário de Coimbra* apresentam uma cobertura da campanha para as eleições presidenciais de 1958, relativamente homogénea, pese embora o eventual peso da censura, sendo que os dois últimos noticiam inclusive, com um pequeno artigo, os momentos de campanha do general Humberto Delgado em Gouveia e nem mesmo após o exame da censura nos são omitidos os elevados níveis de participação popular que estes tiveram. O jornal *República* como já referimos, fazia parte da diminuta fatia da imprensa portuguesa da década de 1950 opositora ao regime, se assim se pode designar a mesma, enfraquecida que estava pelos abusos do poder na forma da censura.

O *República* é o único jornal noticioso nacional que dedica um artigo à passagem propriamente dita e consequente receção ao general Humberto Delgado em Gouveia.

Finalmente, o *Notícias de Gouveia*, como único periódico noticioso local, dá ampla cobertura ao momento anteriormente referido. Note-se que, talvez devido ao medo da eventual censura e consequentes represálias, a cobertura dedicada à campanha presidencial é bastante homogênea, mas, nas duas edições entre a passagem de Humberto Delgado pela vila de Gouveia, a 31 de maio de 1958, e as eleições presidenciais de 8 de junho de 1958, o destaque deste jornal vai claramente para o candidato da oposição que havia deixado a vila em alvoroço com a sua visita e posterior sessão de propaganda.

Apesar da grande importância que teve a passagem de Humberto Delgado pela vila de Gouveia no dia 31 de maio de 1958, tal não obteve destaque na imprensa nacional, sendo que a vila não é sequer mencionada na maioria dos grandes jornais de então. Apesar de haver clara referência à passagem e estadia do candidato independente pela Serra da Estrela, visto ser este um bastião republicano, em parte devido ao facto de grande parte da população ser operária, é no jornal da vila que encontramos uma descrição pormenorizada do acontecimento.

Esta falta de menção na imprensa nacional é explicada não só pela censura, mas também pelo afastamento geográfico e social que ainda se vivia naquela zona, e que fazia com que muitas notícias ali «morressem» ou ali não chegassem.

No entanto, e apesar desta falta de referência a nível nacional, a nível local o jornal *Notícias de Gouveia* não poupa louvores ao general e relata-nos a visita deste como um acontecimento excitante e que servia de cataclismo para as almas republicanas gouveenses, já tão fartas de repressão político-social. O facto de ser permitido a este jornal fazer o elogio do general e uma descrição detalhada da maneira como foi recebido na vila pode ser explicado pelas “condições locais que na província por vezes se sobrepõem a normas de âmbito nacional” (Delgado I. , 1998, p. 95), ou seja, em boa parte também pelo já referido afastamento geográfico e social.

Nos dias de hoje, é ainda visível a admiração do povo gouveense pelo «general sem medo», quer no sentimento ainda hoje expresso nas ruas da cidade, mas também na toponímia da Avenida Humberto Delgado, que mantém este nome há quase quarenta anos, sendo ainda hoje uma das maiores avenidas da cidade de Gouveia, à semelhança do verificado em muitas

outras localidades que, desta forma escolheram homenagear o candidato da oposição nas eleições presidenciais de 1958.

Relativamente à hipótese de a campanha do general Humberto Delgado ter deixado marcas na cidade de Gouveia, podemos responder afirmativamente, apoiando-nos nas homenagens efetuadas pela cidade, representada pela Câmara Municipal e Juntas de Freguesia, e pelo jornal, ainda único local, *Notícias de Gouveia*, assim como por diversas outras de menor dimensão efetuadas por personalidades da terra. Destas voltamos a destacar as homenagens efetuadas no quinquagésimo aniversário da passagem do general Humberto Delgado pela vila de Gouveia a 31 de maio de 1958 e que em muito contribuíram pela sua dimensão para retornar à memória local de uma cidade envelhecida os momentos da campanha de 1958 em Gouveia.

Como já referimos, estas homenagens tiveram como principal representação a publicação de um jornal de homenagem que nas suas páginas descreve os principais momentos de campanha do general em Gouveia, ou seja, a passagem do general e a sessão de propaganda e apoio da campanha do mesmo. Este jornal apresenta ainda diversas fotografias, o resultado oficial das eleições e o programa das comemorações do quinquagésimo aniversário desta campanha na vila. A esta publicação, juntaram-se artigos no *Notícias de Gouveia* e alguns eventos culturais como a visualização de um documentário sobre o tema e a apresentação da biografia do general, pelo autor, o neto Frederico Delgado Rosa, e que na nossa ótica nos parece indicativa da importância que este momento teve na vila. De destacar, no quinquagésimo aniversário foi o descerramento de uma placa evocativa da passagem do general, iniciativa esta que partiu de um grupo de populares que, de forma mais ou menos ativa, tinham participado na campanha de 1958 no concelho de Gouveia.

Tendo em conta a reduzida dimensão da vila de Gouveia no panorama nacional, torna-se claro que as posições político-ideológicas dos seus habitantes fossem quase públicas. Tal facto aumenta a importância de qualquer manifestação de repúdio pelo regime ou de apoio á oposição, uma vez que o risco de represálias aumenta consideravelmente.

Apesar de não ter tido um papel de relevo no panorama nacional, os momentos de campanha de Humberto Delgado em Gouveia tiveram enorme impacto na vila e nos seus habitantes, quer em 1958, como podemos comprovar pelas fotografias e notícias analisadas, quer no passado mais recente, como podemos comprovar através das diversas homenagens

efetuadas após 25 de abril de 1974, data da revolução que levaria à implantação de um regime democrático em Portugal.

De facto, numa vila afastada da capital e dos grandes centros urbanos e de decisão. A passagem de um candidato à Presidência da República seria sempre um momento de destaque no dia-a-dia e na história da vila, sendo ainda mais marcante ao tratar-se de um candidato da oposição ligado ao ideal republicano, tão disseminado em Gouveia, e que prometia renovar o regime.

Podemos afirmar que a campanha do General Humberto Delgado em Gouveia marcou a memória da vila, novamente à semelhança do panorama nacional, como se verifica nas fotografias e notícias analisadas durante esta dissertação. Estas marcas traduziram-se em diversas homenagens efetuadas ao longo dos anos, e principalmente nos aniversários da campanha, pela Câmara Municipal de Gouveia e Juntas de Freguesia, pelo jornal local *Notícias de Gouveia*; e por diversas associações e personalidades locais. Para além disso, a figura do General marca ainda a toponímia local, existindo ainda hoje uma Avenida Humberto Delgado, assim denominada pós 25 de abril e que é ainda hoje uma das maiores da atual cidade.

De destacar são as várias homenagens efetuadas no 50º aniversário da campanha de Humberto Delgado em Gouveia, como o jornal comemorativo publicado nessa ocasião, ao qual se juntaram artigos no jornal local e uma série de eventos culturais das quais se destacam a apresentação do documentário “Obviamente demito-o” de Lauro António e a apresentação da Biografia do General Sem Medo pelo autor, seu neto, Frederico Delgado Rosa. A própria apresentação pelo autor, no dia exato do aniversário da visita de Humberto Delgado a Gouveia, parece-nos já indicativa da importância que a campanha em Gouveia terá tido para a vila. Estas homenagens, pela sua dimensão, numa pequena cidade do interior, contribuíram para a manutenção da memória local, especificamente para a população mais jovem ficar a conhecer melhor a sua história local.

A presente dissertação teve como objetivo contar e recordar a história da campanha do general Humberto Delgado em Gouveia, que, consideramos, espelha o que foi vivido por todo o país.

No nosso ponto de vista a presente dissertação poderá contribuir para o enriquecimento da história local e em particular da história local da política contemporânea

que está, ainda hoje, pouco desenvolvida. De facto, para além do importante contributo na manutenção de certas «memórias» e na construção da identidade local, parece-nos imprescindível entender como estes momentos se viveram na vila, e moldaram a história local e, conseqüentemente, nacional e internacional.

## Bibliografia

- Alexandra, N. (1998). A Imprensa em maio e junho: estado de excepção? Em Mascarenhas, J., *As Eleições de 1958 e a Imprensa Portuguesa: colectânea de documentos censurados* (pp. 7-23). Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência.
- Andrade, C. (2010). *Eu fui um criminoso* (2ª ed.). Gouveia: Editorial Moura Pinto & Município de Gouveia.
- Arcanjo, E. (2012). *Sociedade musical Gouveense Pedro Amaral Botto Machado: centenário, 1911-2011: recordar, celebrar, projectar*. Gouveia: Sociedade Musical Gouveense.
- Caetano, M. (1968). *História Breve das Constituições Portuguesas* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Verbo.
- CATROGA, Fernando (2010). O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910 (Cultura, história e política). Porto: História - Revista da Faculdade de Letras, III Série, vol. 11 (pp. 95-119).
- Cunha, A. P. (2014). *Humberto Delgado - Nos bastidores de uma campanha*. Porto: Edições Afrontamento.
- Decreto-Lei nº 23048 de 22 de setembro de 1933. Diário da República: I série, nº 217. Obtido em 15 de dezembro de 2016
- Delgado, H. (1964). *Memórias de Humberto Delgado*. Londres: Cassel.
- Delgado, I. (1998). A campanha censurada. Em Delgado, I., Faria, T. % Pacheco, C., *Humberto Delgado - As eleições de 58* (pp. 79-99). Lisboa: Vega.
- Delgado, I. (1998). *Braga - cidade proibida: Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958*. Braga: Governo Civil do Distrito de Braga.
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2010). *A Imprensa Local e Regional em Portugal*. Lisboa: Rolo & Filhos.
- Ferreira, A. S. (2006). As eleições no Estado Novo: as eleições presidenciais de 1949 e 1958. Porto: História - Revista da Faculdade de Letras, III Série, vol. 7 (pp. 197-212).

- Gomes, J. (2006). *Os Militares e a Censura. A Censura à Imprensa na Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1945)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Guerrinha, J. (1985). *Conhecer Gouveia: Serra da Estrela (2ª ed.)*. Gouveia: Edição do Autor.
- Henrique, T., & Ramalho, M. (2008). *As Eleições de 1958 – Humberto Delgado na Campanha do Norte*. Lisboa: Prefácio.
- Instituto Nacional de Estatística. (2012). *Censos 2011 Resultados definitivos – Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística. (1950). *IX Recenseamento Geral da População*. Lisboa: Tipografia Portuguesa, Lda.
- Islenha. (2003). Dr. Fernando Rebelo (1919-2002). Funchal: Islenha, nº 33 (pp. 4-31).
- Mascarenhas, J. M., & Alexandra, N. (1998). *As eleições de 1958 e a imprensa Portuguesa - Colectânea de Documentos Censurados*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Bibliotecas e Documentação.
- Mónica, M. F. (2010). *Vidas - Biografias, Perfis e Encontros*. Lisboa: Alêtheia.
- Moura, M. L. (1996). *Viver e morrer em Gouveia nos alvares do século XX*. Viseu: Novelgráfica.
- Nogueira, F. (1977). *Salazar: estudo biográfico*. Coimbra: Atlântida.
- Pimentel, I. F. (2011). *A História da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores – Temas & Debates.
- Pinto, A. C. (2012). O Estado Novo e o fascismo europeu. Em Freire, A. (Eds.), *O sistema político português, séculos XIX-XX: continuidades e ruturas* (pp.149-166). Coimbra: Almedina.
- Pires, J. (2001). *História de Gouveia - A Princesa da Serra*. Lisboa: Âncora Editora.
- Ribeiro, L. (2011). *A popularização da cultura republicana: 1881-1919*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, E. (1997). Diário de Lisboa. Em Vários, *Biblos - Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (pp. 108-109). Lisboa: Verbo.

- Rodrigues, G. (1980). *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Rollo, Maria Fernando (2007). *Os Congressos dos Industriais e dos Economistas em 1957*. In Revista Ingenium N.º 101 - Setembro/Outubro de 2007.
- Rosa, F. D. (2008). *Humberto Delgado - Biografia do General Sem Medo*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Rosas, F. (1994). O Estado Novo: 1926-1974. Em Mattoso J., *História de Portugal*, Vol. VII. (pp. 239-245) Lisboa: Círculo de Leitores/ Editorial Estampa.
- (1996). *Dicionário de história do Estado Novo: 1926-1974*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- (2001). *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. In *Análise Social*, vol. XXXV (157), pp. 1031-1054.
- (2011). *História da Primeira República Portuguesa* (2ª ed.). Lisboa: Tinta da China.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- Soares, M. (1969). *Escritos Políticos*. Lisboa: Edição do autor.
- Vieira, J. (1999). *Portugal - Século XX: crónica em imagens 1950-1960*. Lisboa: Círculo de Leitores.

## Referências Eletrónicas

- Câmara Municipal de Gouveia. (2010). <http://www.cm-gouveia.pt/municipio/camaramunicipal/actas/Actas%20do%20Municpio%20do%20ano%20e%202010/Acta082010.pdf>. Consultado a 10 de fevereiro de 2015, de Câmara Municipal de Gouveia em <http://www.cm-gouveia.pt>.
- Diário de Coimbra. (2016.). [http://www.diariocoimbra.pt/estatuto\\_editorial](http://www.diariocoimbra.pt/estatuto_editorial). Consultado em 4 de dezembro de 2016, de Diário de Coimbra em <http://www.diariocoimbra.pt>.
- Faias, R., Guinote, P., & Nicolau, M. (1997). História do Jornal. Consultado em 3 de dezembro de 2016, em <http://www.eusou.com/republica/hist.html>
- Franklin, A. (2010). <http://www.asbeiras.pt/2010/10/gouveia-uma-estrela-da-republica/>. Consultado em 16 de dezembro de 2013, de Diário As Beiras em <http://www.asbeiras.pt>.
- Fundação Humberto Delgado (2012). <http://www.humbertodelgado.pt/biografia>. Consultado em 12 de dezembro de 2012, de <http://www.humbertodelgado.pt>
- Jornal Notícias de Gouveia (2016). [http://www.abpg.pt/canais.asp?id\\_canal=22](http://www.abpg.pt/canais.asp?id_canal=22). Consultado em 4 de dezembro de 2016 de ABPG em <http://www.abpg.pt/> .
- Marcos, L. H. (2004). <http://www.museudaimprensa.pt/galeriavirtualdacensura/>. Consultado em 5 de novembro de 2016, de Museu da Imprensa em <http://www.museudaimprensa.pt/>.
- Memórias de Delgado. (2015). Memórias de Delgado Em Visão História, <http://visao.sapo.pt/revistas/visaohistoria>. Consultado em 13 de fevereiro de 2015 em [http://visao.sapo.pt/revistas/visaohistoria/memorias-de-delgado=f810182Visão História](http://visao.sapo.pt/revistas/visaohistoria/memorias-de-delgado=f810182Visão%20História).
- Nunes, T. (2011). O Ideário Republicano de Ezequiel de Campos. Tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de doutor, orientada por António Ventura e João Graça, Lisboa. Consultado em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4469> a 8 de dezembro de 2016.
- Pacheco, A. J. (2003). <http://acmariofigueira.org.pt/>. Consultado em 6 de junho de 2014, de Associação Mário Gomes Figueira em <http://acmariofigueira.org.pt/mariofigueira>.
- Pinheiro, E. C. (2008). <http://turistrela.pt>. Consultado em 2 de abril de 2016, de Turistrela, em [http://turistrela.pt/download/Roteiro\\_da\\_La\\_web.pdf](http://turistrela.pt/download/Roteiro_da_La_web.pdf).
- Pinho, V. (2013). A Oposição nas Eleições Presidenciais Portuguesas de 1958: protagonistas, estratégias e balanço. Tese apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior para obtenção do grau de mestre, orientada por Alexandre Luís, Covilhã. Consultado em [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1608/1/Dissertação\\_Vitor\\_Pinho.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1608/1/Dissertação_Vitor_Pinho.pdf) a 10 de julho de 2016.

## **Jornais Consultados**

Correio da Beira 08/05/1958 a 12/06/1958

Diário da Manhã 08/05/1958 a 08/06/1958

Diário de Coimbra 08/05/1958 a 08/06/1958

Diário de Lisboa 08/05/1958 a 08/06/1958

Notícias de Gouveia 11/05/1958 a 15/06/1958

O Século 08/05/1958 a 08/06/1958

República 08/05/1958 a 08/06/1958

Publicação	Data	Título	Páginas
<b>Diário da Manhã</b>	<b>19/05</b>	“Há duas candidaturas da oposição, mas há ainda uma terceira e inoportuna presença – afirma-se num comunicado da U.N.”	2 <sup>a</sup>
	<b>20/05</b>	“Também o povo da Guarda responde – Presente!”	5 <sup>a</sup>
	<b>23/05</b>	“«Saltimbanco! Dentista! Deixe de ser pulha! Correram-no do Banco e tudo mudou...» disse Delgado a Cunha Leal.”	1 <sup>a</sup>
		“Atinge muitos milhares o número de mensagens de apoio dirigidas à obra e à figura de Salazar e contra as intenções do general Humberto Delgado”	1 <sup>a</sup>
<b>Diário de Lisboa</b>	<b>29/05</b>	“No lar do general Humberto Delgado a esposa e as filhas refletem a mentalidade que o candidato a Presidente desejaria à mulher portuguesa”	1 <sup>a</sup>
	<b>30/05</b>	“O general Humberto Delgado visita hoje Santarém e Covilhã”	6 <sup>a</sup>
<b>O Século</b>	<b>27/05</b>	“A propaganda eleitoral”	2 <sup>a</sup>
	<b>31/05</b>	“Sessão de propaganda do sr. Contra-almirante Américo Tomás”	4 <sup>a</sup>
		“Sessão de propaganda oposicionista”	4 <sup>a</sup>
		“A caminho da Covilhã o sr. General Humberto Delgado foi alvo de manifestações”	4 <sup>a</sup>
	<b>01/06</b>	“O Sr. General Humberto Delgado passou na Guarda onde lhe foi oferecido um almoço”	2 <sup>a</sup>
	<b>02/06</b>	“Uma sessão em Gouveia de propaganda da candidatura do senhor General Humberto Delgado”	4 <sup>a</sup>
<b>República</b>	<b>01/06</b>	“Uma sessão em Gouveia de propaganda da candidatura do senhor General Humberto Delgado”	4 <sup>a</sup>
	<b>02/06</b>	“Objectivo número 1” capa	1 <sup>a</sup>
	<b>03/06</b>	“Carta a um jovem eleitora	1 <sup>a</sup>
	<b>04/06</b>	“Venceremos se cumprirmos os nossos deveres de soldados da Pátria e da Liberdade”	1 <sup>a</sup>
		“O General que chegou na hora própria”	1 <sup>a</sup>

<b>Diário de Coimbra</b>	<b>09/05</b>	“O Manifesto do sr. Dr. Arlindo Vicente”	1 <sup>a</sup>
		“A Proclamação do sr. General Humberto Delgado”	1 <sup>a</sup>
	<b>10/05</b>	“O candidato da União Nacional não apresenta programa”	1 <sup>a</sup>
	<b>11/05</b>	“O candidato independente Sr. General Humberto Delgado fez ontem declarações à imprensa”	1 <sup>a</sup>
		“No supremo tribunal de justiça subscrito por centenas de pessoas das mais altas categorias foi ontem entregue o processo do candidato da União Nacional sr. Almirante Américo Tomás”	1 <sup>a</sup>
	<b>12/05</b>	“com toda a solenidade realizou-se ontem a bênção das pastas dos finalistas universitários”	1 <sup>a</sup>
		“Salazar e as acusações feitas pelo general Humberto Delgado”	1 <sup>a</sup> e 7 <sup>a</sup>
		“A candidatura do general Humberto Delgado”	1 <sup>a</sup>
		“A candidatura do dr. Arlindo Vicente”	7 <sup>a</sup>
	<b>13/05</b>	“Salazar e os portugueses do Brasil”	1 <sup>a</sup>
		“Serviços de candidatura do dr. Arlindo Vicente em Coimbra”	1 <sup>a</sup>
	<b>14/05</b>	“Sessão de propaganda em Gaia da candidatura do contra-almirante Américo Tomás”	1 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>
		“O candidato General Humberto Delgado queixou-se da falta de segurança a que está sujeita a sua residência particular”	1 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>
		“Sessão de propaganda da candidatura do dr. Arlindo Vicente”	1 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>
<b>15/05</b>	“Comunicado da Reitoria da Universidade de Coimbra”	1 <sup>a</sup>	
	“Numerosas pessoas aclamaram no Porto o General Humberto Delgado”	1 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>	
<b>18/05</b>	“Os acontecimentos registados em Lisboa e no Porto”	1 <sup>a</sup> e 13 <sup>a</sup>	
	“O General Humberto Delgado falou à imprensa”	1 <sup>a</sup> e 13 <sup>a</sup>	
<b>21/05</b>	“O candidato à presidência da República sr. Contra-almirante Américo Tomás falou ontem à imprensa”	1 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup>	
<b>24/05</b>	“O dr. Arlindo Vicente presidiu à sessão efetuada ontem no Avenida”	1 <sup>a</sup> e 32 <sup>a</sup>	
<b>Diário de Coimbra</b> <b>26/05</b>	“Sessão de propaganda da candidatura do contra-almirante Américo Tomás a realizar hoje em Coimbra”	1 <sup>a</sup>	
	“A visita do General Humberto Delgado a Aveiro”	1 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>	

<b>Diário de Coimbra</b>	<b>27/05</b>	“Decorreu com grande elevação a sessão realizada ontem no Teatro Avenida de propaganda da candidatura do contra-almirante Américo Tomás”	1ª e 7ª
		“A candidatura do General Humberto Delgado”	1ª e 7ª
	<b>30/05</b>	“A candidatura do contra-almirante Américo Tomás”	1ª e 7ª
		“A candidatura do General Humberto Delgado – declarações do candidato independente”	1ª e 7ª
		“A candidatura do General Humberto Delgado – Uma sessão em Gouveia”	7ª
	<b>31/05</b>	“A candidatura do dr. Arlindo Vicente – sessões de propaganda no distrito de Aveiro”	1ª e 7ª
		“A candidatura do contra-almirante Américo Tomás – teve ontem uma calorosa recepção nesta cidade”	1ª e 7ª
		“A candidatura do General Humberto Delgado – um único candidato da Oposição”	1ª e 7ª
	<b>01/06</b>	“Horas de grande entusiasmo viveu ontem Coimbra ao receber o sr. General Humberto Delgado”	1ª
	<b>02/06</b>	“A candidatura do contra-almirante Américo Tomás – sessão de propaganda eleitoral da União Nacional”	1ª e 2ª
“A candidatura do General Humberto Delgado – uma sessão de propaganda em Gouveia”		1ª e 2ª	
<b>Correio da Beira</b>	<b>12/06</b>	“As Eleições Presidenciais – o Contra Almirante Américo Tomás foi eleito por uma esmagadora maioria da Nação”	1ª e 8ª
<b>Notícias de Gouveia</b>	<b>01/06</b>	“Eleições Presidenciais – A visita do General Humberto Delgado a Gouveia”	1ª e 2ª
	<b>08/06</b>	“Eleições Presidenciais – Sessão de apoio à candidatura do sr. General Humberto Delgado”	1ª e 6ª
		“Eleições Presidenciais – Sessão de apoio à candidatura do sr. Contra-Almirante Américo Tomás”	1ª e 6ª
	<b>15/06</b>	“O Contra-Almirante Américo Tomás é o Presidente Eleito da República Portuguesa	1ª

## Índice remissivo

**1958** - 10, 12, 13, 14, 16, 17, 23, 26, 33, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56,  
57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80

**Censura** - 9, 12, 16, 17, 25, 41, 76, 77

**Eleições** - 10, 14, 17, 21, 23, 26, 33, 34, 41, 42, 43, 44, 50, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 70, 72, 73, 74, 76,  
77

**Gouveia** - 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 45, 46, 47, 48, 49, 50,  
51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80

**Humberto Delgado** - 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 26, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46,  
47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75,  
76, 77, 78

**Imprensa** - 16, 17, 24, 25, 39, 40, 41, 43, 44, 51, 62, 65, 66, 68, 72, 73, 77

## Anexo I – Jornal de homenagem a Humberto Delgado

Homenagem a

# Humberto Delgado

31 de Maio de 2008



### 50 ANOS DEPOIS - Comemorações das Eleições de 58 GOUVEIA - 31 de Maio de 1958 • 31 de Maio de 2008

Há 50 anos

A Associação Cultural Mário Gomes Figueira (Vila Franca da Serra – Gouveia) e a Editorial Moura Pinto (Coja – Arganil) associam-se na promoção do evento ocorrido há 50 anos e que constitui um marco na História de Portugal: a candidatura presidencial do General Humberto Delgado.

Efectivamente, Humberto Delgado, surge como um furacão que arrasta multidões em todo o país e alimenta a esperança de derrube de Salazar e do Estado Novo. Quem pode esquecer a célebre frase "Obviamente demito-o!"?

Gouveia não foge à onda avassaladora de entusiasmo e acolhe com grande fervor patriótico a passagem do General pelas suas ruas.

Quem não se lembra da multidão que desde a zona do Teatro-Cine acompanhou o General Sem Medo até ao Centro Republicano, tudo na melhor ordem?

Foi a 31 de Maio de 1958, faz hoje precisamente 50 anos! Apesar da derrota nas urnas, em eleições viciadas e fraudulentas, nada ficou como dantes e os acontecimentos irão precipitar-se.

Enumeramos alguns:

D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, escreve a sua famosa carta a Salazar, com denúncias da realidade portuguesa (13.7.1958); várias greves, seguidas de prisões ocorrem; dá-se o chamado Golpe da Sé; Delgado refugia-se na Embaixada do Brasil e parte para o exílio naquele país irmão, enquanto Henrique Galvão exila-se na Embaixada da Argentina; a Lei Eleitoral é alterada para evitar os riscos das presidenciais

por sufrágio directo (Lei nº 2.100 de 29.8.1959); desvio do navio S. Maria (21.1.1961); assalto a instalações policiais em Luanda (4.2.1961); tentativa de Golpe de Botelho Moniz (Abril 1961); invasão da Índia; início da Guerra Colonial em Angola a que se seguiriam as rebeliões na Guiné e Moçambique; desvio do avião da TAP para lançar panfletos sobre vários pontos do país (10.11.1961); assalto ao quartel de Beja (31.12.1961); lutas académicas especialmente em 1962 e 1969; assassinato de Humberto Delgado (Fevereiro de 1965); assalto ao Banco da Figueira da Foz (17.5.1967); afastamento de Salazar (Setembro, 1968) e consequente entrada de Marcelo Caetano, etc., etc.

E finalmente o 25 de Abril de 1974!

Há 50 anos, um passo decisivo foi dado no sentido da democratização de Portugal e, essencialmente, na devolução da Liberdade aos portugueses.

Não foi possível concretizar esse Sonho, personificado em Humberto Delgado. Deu a sua vida por esse Ideal. Dai que o mínimo que podemos fazer é recordar a sua memória, 50 anos após ter estado conosco em Gouveia.



EDITORIAL MOURA PINTO



ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
MÁRIO GOMES FIGUEIRA

# Homenagem a Humberto Delgado

## PROGRAMA

15h00 – Percurso a pé do Teatro Cine até ao Centro Republicano. Descerramento de uma lápide alusiva à efeméride.

16h00 – Auditório da Biblioteca Municipal – Exibição do documentário “Obviamente Demito-o” de Lauro António.

17h00 – Apresentação do Livro “Humberto Delgado – Biografia do General Sem Medo” com a presença do autor Frederico Delgado Rosa.



Fotografia de Alípio Melo

## Comissão Concelhia

A Comissão Concelhia de Gouveia era constituída por:  
Abel Lopes Barbas, professor  
António Lopes Tadeu, proprietário  
Casimiro Nunes de Andrade, guarda-livros  
Domingos Vaquero Monteiro, comerciante  
Dr. Fernando Rebelo, advogado  
José Mendes Cabral, professor  
Manuel Dias da Silva Lima, industrial  
Dr. Mário Gomes Figueira, médico  
Sebastião Aires de Albuquerque, proprietário  
Vasco Carvalho Correia de Castro, técnico têxtil

A ligação à Distrital era feita pelo Dr. Fernando Rebelo que também era o Procurador da Candidatura.

## Sessão Memorável

Na noite de 3 de Junho, no Cine-Teatro Império de Gouveia a abarrotar de gente, teve lugar a sessão de apoio à Candidatura do General Humberto Delgado.

Sessão memorável presidida pelo Dr. Acácio de Gouveia, vogal do Directório Democrático-Social, professor primário e advogado conceituado, ligado a Vila Nova de Tavem, por laços matrimoniais.

Na mesa estavam representantes das comissões de Gouveia, Seia e Fornos de Algodres, assim como os Drs. João Gomes e Álvaro Monteiro, das distritais da Guarda e Viseu.

Usaram da palavra o dr. Fernando Rebelo, ilustre advogado gouveense (ver texto

próprio, nesta edição), o dr. João Gomes que exultou com a recepção que Gouveia dispensara ao General e também o dr. Álvaro Monteiro que homenageou o povo de Gouveia.

A sessão foi encerrada pelo dr. Acácio de Gouveia que elogiou o candidato da Oposição e agradeceu à Autoridade presente (dr. Santos Júnior, presidente da Câmara) a anuência em prolongar a sessão para além da hora regulamentar.

Muitos aplausos, muito entusiasmo, vivas a Portugal, à Liberdade, à República e ao General Humberto Delgado.

Por fim, entou-se o Hino Nacional.

Muitos gouveenses, por certo, ainda hoje se lembram do tom vibrante desta sessão memorável.

## Discurso Empolgante

Na sessão o Dr. Fernando Rebelo fez um empolgante discurso de que transcrevemos alguns excertos, com a devida vénia do “Notícias de Gouveia”, de 8 de Junho de 1958:

*“Amigos, querida gente da minha terra. Esta é a nossa terra, esta é a terra de Pedro Botto Machado. Esta é a terra de Republicanos, esta é terra da gente que ama a Liberdade. Esta é a terra de Botto Machado, do homem a quem Gouveia mais deve, do homem que deu à nossa terra a sua maior grandezca, do homem que se sacrificou pelo seu progresso, do homem que deu a Gouveia o que de melhor tinha no seu coração, o que de melhor tinha na sua inteligência. Do homem que nunca recebeu nada de Gouveia e que, pelo contrário, a Gouveia deu muito do seu dinheiro.*

*Esta é a nossa terra, esta é a terra de Botto Machado, esta é a terra de Republicanos, esta é a terra de gente que ama a Liberdade. Esta é uma terra com alma, este é um povo com alma. Enganavam-se os que nos combatem. Enganavam-se quando viam frouxas, sem vida, sem alma, as festas que se organizavam, comemorações que promoviam. Festas sem calor, comemorações sem chama. Se as festas que eles*

*organizavam não têm vida, se as comemorações não têm alma, é porque essas comemorações não são comemorações da República, é porque essas festas não são festas da Liberdade. E com as comemorações que não sejam comemorações da República, esta terra nada tem a ver porque é uma terra Republicana. E com as festas que não sejam festas da Liberdade, este povo nada tem a ver, porque este povo ama a Liberdade. Mas o General Humberto Delgado esteve no sábado passado em Gouveia. Mas o Homem sem medo esteve nesta terra que ama a Liberdade e quer a República. E a alma do povo apareceu, porque a lama do povo de Gouveia é Republicana. Eles bem o viram – e ainda bem que o viram. Eles bem o viram – e não podem mais estar enganados. Viram o povo que trabalha vibrar, viram o povo que trabalha gritar. E porque vibrava esse povo e porque gritava esse povo? E porque vibrava, sem medo, esse povo, e porque gritava, sem medo, esse povo? Vibrava e gritava por um Homem sem medo, que neste momento histórico da vitória do povo português, dinamizou o país de norte a sul, deste Homem sem medo que neste momento em que o medo se perdeu, simboliza as mais fundas aspirações da nossa Pátria: o General Humberto Delgado. E mais que os gritos, mais do que as palmas, mais do que as aclamações,*

*traduziram a alma deste povo, a emoção viva que rodeou toda a manifestação, o abraço que se quis dar ao homem que veio caminhar entre o povo, sem medo, sem armas, sem polícia, sem carros blindados. E talvez mais do que isto ainda traduz a alma deste povo, o choro que não se conseguiu verter, o pranto reprimido no peito, durante 32 anos de clausura e que brotou, e irreprimível, num momento de libertação.”*  
(...)

*“Porque nunca teve uma doutrina a União Nacional, falhou e ficou, sempre, um corpo sem alma.*

*Para que serve então?*

*1ª. - E antes de mais nada – é uma agência de colocações e, neste capítulo funciona optimamente, temos de concordá-lo.*

*2ª. - E esta análise que considero profunda não é minha, a União Nacional foi montada para esta coisa; para o sr. dr. Oliveira Salazar, chefe da União Nacional dizer ao sr. dr. Oliveira Salazar, chefe do Governo, quem serão os deputados; para o sr. dr. Oliveira Salazar, chefe da União Nacional, dizer ao sr. dr. Oliveira Salazar, chefe do Governo, quem será o Presidente da República.*

*E é para fazer coro a isto, que existe a União Nacional e é para isto que nela militam homens, homens, meus senhores.*

*É precisamente para isto que na União Nacional não existem divergências ideológicas, não existem divergências de doutrina, como existem em qualquer partido a sério: não existem divergências ideológicas porque não há ideologia, não existem divergências doutrinárias porque não existe doutrina.*

Terminou com estas palavras:

*"Sem medo, como homens unidos, vamos às urnas votar pelo General Humberto Delgado, votar pela Liberdade."*

### Candidatura e a fundação do Sport Gouveia e Benfica

Até 1958 havia em Gouveia dois clubes federados: o Sporting de Gouveia e "Os Gouveenses", filiais dos clubes lisboetas.

No entanto, tal filiação não queria dizer que houvesse uma correspondência necessária entre adeptos e jogadores dos clubes gouveenses e os respectivos clubes titulares, ou seja, havia adeptos do Benfica de Lisboa que puxavam pelo Sporting de Gouveia, assim como adeptos do Sporting de Lisboa que apoiavam Os Gouveenses: locais de trabalho, o convívio com os amigos determinavam normalmente essas inclinações.

Ora, não se compreendia muito bem que Gouveia não tivesse uma filial do



Fotografia do arquivo da Família Rebelo

Sport Lisboa e Benfica e assim surge essa oportunidade com a candidatura de Humberto Delgado.

A sessão de constituição do Sport Gouveia e Benfica dá-se a 14 de Abril de 1958, com uma reunião no Cine-Teatro Império e em que falam Domingos Vaquero Monteiro, proprietário do Café Central, dr. Fernando Rebelo e Agripino Sérgio Pereira. Na reunião foram lidos os Estatutos do novo Clube. Servia de secretária provisória ao clube os baixos do Café Central, e as secretárias improvisadas eram as mesas de bilhar.

Os Estatutos foram para aprovação no Governo Civil que procurou informar-se sobre os desígnios da colectividade e sobre os subscritores dos mesmos.

Com a perspicácia que era habitual no Dr. Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior, Presidente da Câmara Municipal, encontramos

um ofício camarário de 20 de Agosto de 1958, em que se pode ler:

*"... tenho a honra de informar que a iniciativa da organização da agremiação desportiva denominada SPORT GOUVEIA E BENFICA, pertence a Domingos Vaquero Monteiro, que nesta vila explora o café Central. Este indivíduo salientou-se na última campanha eleitoral como principal e mais activo elemento da comissão concelhia oposicionista. O movimento para a organização do novo clube começou alguns meses antes do início da campanha eleitoral e teve aspectos que conduziram à suspeita de se tratar de uma preparação remota da mesma campanha. O certo, porém, é que se constituiu no meio, não só em Gouveia, como em todo o concelho, um ambiente de simpatia e interesse pela iniciativa, o que não é de admirar dada a popularidade de que desfruta em todo o país o Benfica.*

*Há portanto na massa associativa elementos de todos os matizes, sem preocupações de ordem política e atraídos somente pela sua inclinação clubista.*

*Não me parece fácil aduzir quaisquer razões que se oponham à aprovação dos Estatutos, uma vez que estes obedecem às leis e regulamentos aplicáveis."*

Termina o ofício com considerações

sobre os subscritores dos Estatutos: Domingos Luis de Azevedo Vaquinhos, (fiscal da F.N.LL.), Luís Pires da Fonseca (antigo proprietário da Pensão Estrela), Domingos Vaquero Monteiro (proprietário do café Central), Francisco Ferreira Alves (proprietário), António Ribeiro Rebelo (industrial) e Sebastião Nogueira Albuquerque (funcionário bancário).

Alguns elementos preponderantes na constituição do clube não subscreveram os Estatutos, por motivos óbvios. Mesmo assim, o Presidente da Câmara aponta, entre os citados as inclinações para o candidato da oposição de Domingos Vaquero Monteiro, António Ribeiro Rebelo e Sebastião Nogueira Albuquerque.

## Resultados Oficiais

Freguesias	Eleitores Inscritos	Total de Votantes	Almirante		General	
			Américo	Tomás	Humberto	Delgado
			Votos	%	Votos	%
Aldéias	151	116	41	35,3	75	64,6
Arcozelo	203	168	123	72,6	46	27,3
Catavelas	284	202	101	50	101	50
Fagoso da Serra	263	195	141	72,4	54	27,6
Folgosinho	191	123	68	55,2	55	44,7
Freixo da Serra	127	94	89	94,6	5	5,3
Gouveia (S Pedro e S Julião)	742	631	326	51,6	305	48,3
Lagarinhos	91	60	60	100	-	-
Mangualde da Serra	58	46	21	45,6	25	54,3
Melo	340	220	142	64,5	78	35,4
Momenta da Serra	244	225	211	93,7	14	6,2
Nabais	163	86	39	45,3	47	54,6
Nespereira	276	219	37	16,8	182	83,1
Paços da Serra	267	211	196	92,8	15	7,1
Passarela	27	27	27	100	-	-
Ribamonteiro	129	100	85	85	15	15
Rio Torto	226	231	194	83,9	37	16
S. Paulo	388	217	166	76,4	51	23,5
Vila Corês da Serra	165	129	32	24,8	97	75,1
Vila Franca da Serra	152	116	60	51,7	56	48,2
Vila Nova de Tazem	419	400	391	97,7	9	2,2
Vinhó	148	107	21	19,6	86	80,3
	<b>4.904</b>	<b>3.923</b>	<b>2.570</b>	<b>65%</b>	<b>1.353</b>	<b>35%</b>



Arquivo de Alípio Melo

## Obviamente demito-o

Frase chave da campanha de Humberto Delgado, por ele proferida a 10 de Maio de 1958, em resposta à pergunta de um jornalista: Senhor General, se for eleito, que fará do Sr. Presidente do Conselho?

«Obviamente demito-o» e assim a frase correu mundo e como disse Frederico Delgado Rosa: "Foi logo um antes e um depois daquela frase e daquele dia na história política em Portugal".

Para estas comemorações o cineasta Lauro António realizou um documentário intitulado "Obviamente demito-o" e que teremos oportunidade de o ver no dia de hoje.

Além de imagens da época das eleições, o documentário conta com os depoimentos de várias personalidades, entre as quais Mário Soares, Maria Barroso, Ramalho Eanes, Otelo Saraiva de Carvalho, Jaime Nogueira Pinto, Fernando Rosas, Iva Delgado, etc.

O próprio realizador também entra no documentário, referindo que na altura era um jovem de quinze anos, já se dedicava a escrever sobre cinema nos jornais de Portalegre.

Recordamos que Lauro António tem bastantes afinidades com a nossa região, pois é responsável pelo Festival Cine Eco (Seia) e realizou o filme "Manhã Submersa", baseado no livro do nosso conterrâneo Vergílio Ferreira.

## Um Livro Fascinante

Temos nas nossas mãos um livro fascinante – "Humberto Delgado – Biografia do General Sem Medo", da autoria de Frederico Delgado Rosa que nos dá o privilégio de estar connosco. Podemos considerá-lo um amigo nosso e também nosso conterrâneo, dado que parte das suas raízes estão em S. Paio.

A formação académica de Frederico Delgado Rosa é na área da Antropologia e Etnologia, sendo Doutorado pela Universidade de Paris X, tendo já publicado vários trabalhos.

Mas - e em boa hora o fez - dedicou os últimos anos a pesquisar a carreira militar e política de seu avô, o General Humberto Delgado. Pesquisou exaustivamente como é fácil depreender nestas 1343 páginas, o que já sucedera antes com a sua obra "Humberto Delgado e a Aviação Civil" (2006).

O que poderemos dizer do presente livro?

Antes de o lermos sabíamos pouco sobre o General Sem Medo. Porventura, recordávamos as Presidenciais de 58, a sua oposição ao regime vigente, o seu assassinato e mais tarde o processo judicial... enfim, muito pouco sobre um homem que deu a vida pela liberdade.

É necessário lermos esta obra, escrita em linguagem fluida, alicerçada nas mais variadas fontes, para também nós percorrermos o caminho de Humberto Delgado desde o seu nascimento em Boquilobos até à morte na fronteira espanhola. Percorremos os sonhos do jovem Humberto, a sua carreira militar feita a pulso e sem ajudas que o levam a ser o mais jovem General Português. Com ele assistimos

às diversas missões de que se houve com mérito - negociações das bases açorianas, organização da TAP, funções na Inglaterra, Canadá e Estados Unidos, etc. Juntamo-nos a ele nas ruas apinhadas de gente durante a campanha, sofremos a fraude eleitoral, acompanhámo-lo no exílio para o Brasil (com a preciosa colaboração desse grande embaixador brasileiro Álvaro Lima) e depois nas esporádicas notícias que nos chegavam das peripécias do Santa Maria, Beja, da sua estadia em alguns países particularmente na Argélia, até sucumbir aos algózes da PIDE.

O livro está repleto de fotografias que enquadram todo este percurso notável. O seu autor quis também homenagear-nos ao inserir uma foto da campanha que mostra o entusiasmo do povo de Gouveia nesse dia 31 de Maio de 1958, há precisamente 50 anos.

Muito ainda haveria a dizer sobre o livro mas sintetizamos o seu conteúdo com estas derradeiras palavras: Humberto Delgado é apresentado tal como foi na vida - um homem empreendedor, competente, leal, corajoso, conforme um dia lhe escreveu Henrique Galvão:

*"Entre os bons amparos morais e esperanças que levo comigo, guardo a lembrança e os factos da sua camaradagem, da sua bravura e da sua amizade. Nem tudo está perdido e haverá sempre que salvar e crer enquanto restar um ou meia dúzia de homens como Humberto Delgado. (...) Obrigada, Humberto Delgado tanto por tudo o que me disse e fez com por ser ainda quem é, contra o tempo e os costumes"*

E assim sucederia depois em Abril.

## Excerto do livro



"O tempo clareou na travessia das terras beirãs, por exemplo Gouveia, a Princesa da Serra, que viveu nesse dia uma experiência inédita na sua História, como sucedeu a tantas outras localidades comumente apartadas do epicentro político nacional. Havia gente de

todas as classes sociais para receber Humberto Delgado mas sobressaíram muitos operários das fábricas têxteis que ousaram escalar-se uma hora nesse dia, apesar de receberem salários de miséria por um trabalho que os alienava da pacatez granítica da Estrela, ao ritmo implacável e ensurdecedor das máquinas de tecelagem industrial da época. Desde São Lázaro até ao Centro Republicano "a vila viveu horas de fervor antifascista como nunca viveram", recordaria um dos presentes. "Foi a mais importante manifestação política participada e viva alguma vez ocorrida em Gouveia"



Frederico Delgado Rosa



Fotografia do aeroporto de Aljoze

Edição de 1000 exemplares, distribuídos gratuitamente, em Gouveia, no dia 31 de Maio de 2008.

Homenagem da Editorial Moura Pinto e da associação cultural Mário Gomes Figueira, na comemoração dos 50 anos depois das Eleições de 1958.



Design e Ilustração da Capa: Diana Gonçalves

Apoios:



FUNDAÇÃO GOUVEIA



## **Apêndice I – Entrevista a Iva Delgado**

### **Entrevista efetuada no âmbito da realização de tese de mestrado subordinada ao tema “A campanha do General Humberto Delgado para as eleições presidenciais de 1958 na Vila de Gouveia”**

#### **Identificação do entrevistado:**

**Nome** Iva Humberta Delgado

**Naturalidade** Lisboa

**Idade** 74

#### **Percurso Profissional**

Filha do General Humberto Delgado, é licenciada em Filosofia e investigadora de História Contemporânea. É autora e tradutora, assim como Presidente da Fundação Humberto Delgado, criada em 1998 para “perpetuar a memória” de seu pai. Foi durante muitos anos funcionária pública, tendo trabalhado no Ministério da Cultura.

#### **Já exerceu algum cargo político? Se sim, antes ou depois de 1958?**

Não

#### **Que imagem tinha do Presidente do Conselho de Ministros António de Oliveira Salazar?**

Era uma imagem vaga. Ele era uma pessoa que aparecia pouco e criava aquela imagem de mistério do poder político. De tal forma que uma vez fui a uma manifestação que as senhoras do regime convocaram por causa das palavras do obviamente demito-o e elas foram até s bento para desagravo dessas palavras que elas consideravam insultuosas, e fui lá. Fui lá vê-lo porque nunca o tinha visto. E, portanto, foi assim uma impressão ao mesmo tempo de mistério e não perceber porque era tão temido, porque ele tinha um ar de avô, simpático. Recebeu as senhoras, as senhoras rodearam-no, queriam beijar-lhe a mão e ele não deixava e, portanto, não era a imagem de um ditador ao estilo hitleriano ou ao estilo do ditador militarista. Era a imagem de um homem pacífico calmo tranquilo que não tinha a imagem de ódio estampada na cara. Também não era o que se chama hoje uma pessoa carismática. Estava nessa fronteira

entre o simpático e o levemente arrogante. Foi isso que eu colhi de o ver pela primeira vez na minha vida, nesse dia. Claro que fui levada para a PIDE para a [rua] António Maria Cardoso. Fui levada num carro, perguntaram-me o que é que eu estava ali a fazer e eu disse que tinha ido ver a manifestação das senhoras e eles disseram que não devia estar ali, mas depois quando souberam que eu era filha do Humberto Delgado, que estava em plena campanha e que ele ia fazer um grande chinfrim quando soubesse levaram-me para casa.

Esta é então a imagem que tenho de contacto direto. De resto há todo um caudal de retratos políticos históricos sociológicos do que era Oliveira Salazar. No fundo era um homem da província, um homem que fazia os seus comunicados para a Europa em Santa Comba Dão e que tinha uma visão não direi provinciana, mas talvez provincial de Portugal pequenino, o Portugal das quintas e que são muito importantes na hierarquia social e era aí que ele se instalava muito bem e também foi seminarista, portanto era um homem metido nos recantos de si próprio. Tinha uma vida familiar pelo menos estranha, não se sabia muito bem como era, qual era a amplitude dos seus afetos, portanto é um homem que vai dar ainda pano para mangas, para as pessoas escreverem sobre ele.

### **E do General Craveiro Lopes, Presidente da República de 1951 até 1958?**

Uma imagem institucional. Surpreendeu-me o fim dele, foi misterioso e saber que a policia politica andava a vigia-lo, sendo ele presidente da republica é uma coisa um bocado estranha. O meu pai dizia sempre se o Craveiro Lopes aceitar ficar na presidência da republica eu desisto a favor dele. Mas o Craveiro Lopes tinha sido vitima das circunstâncias. Salazar é que mandava, era ele que tinha o poder político e o craveiro Lopes não soube ver que era uma espécie de boneco, de marioneta nas mãos de Salazar. E, portanto, retirou-se e o resto do tempo que viveu foi de mágoa e até de perseguição e a morte dele é uma coisa assim um bocado estranha.

Foi um homem que foi devorado pelas circunstâncias do poder político.

### **Votou nas eleições de 1958? E nas eleições anteriores de 1951? E nas eleições seguintes de 1965?**

Não tinha idade.

**Tem memória da campanha eleitoral de 1958? Teve nela algum papel? Se sim, qual?**

Andei com ele na campanha. Tinha 18 anos. Foi o meu acordar político porque eu estava bem instalada na minha vidinha pessoal, era uma adolescente e não tinha preocupações e ávida corria-me bem. Era boa aluna, tinha estado nos Estados Unidos, no Canadá e depois voltámos para cá. Tinha os meus amigos, enfim, tinha uma vida normal. Portanto aquela campanha entrou de repente em casa e surpreendeu-me como é que o meu pai saberia o que é que estava a fazer. Achava eu absolutamente incompreensível, porque eu achava que estava tudo normal e porque é que era preciso... e só percebi na repressão na rua, que foi em Santa Apolónia quando eu fui esperá-lo com aquela multidão toda, porque havia morras ao Salazar e vivas a Delgado e vivas a Humberto, Humberto, Humberto... E, portanto, quando eu vi o povo agir foi quando tive consciência daquilo que o meu pai queria fazer. Porque antes disse quando ele disse que ia demitir o Salazar eu fiquei em estado de choque. Eu disse, mas como é que se pode demitir o homem que está à frente do estado?? Eu achava que era impossível de maneira que abri os olhos e foi de repente. Tudo aquilo foi em menos de um mês. E, portanto, andei com o meu pai precisamente em Gouveia e lembro-me do Joaquim Bastos que estava ao meu lado dizer: temos de sair desta varanda antes que as palmas terminem. Foi onde eu aprendi o que eram as palmas em teatro.

Em minha casa havia um conflito latente entre a minha mãe e o meu pai. Porque a minha mãe achava que o Salazar é que tinha salvo o país das finanças tortas da república e estava-me sempre a contar episódios da república em que não havia nada para comprar nas mercearias ou então que preciso ir para a bicha do pão ou coisas assim. Porque a minha mãe tinha horror à república e o Salazar para ela significou a regularização das finanças públicas de maneira que havia este conflito.

E uma história engraçada quando o meu pai tratou da aviação civil com o Salazar era eu miúda e a minha irmã fez anos e o Salazar julgava que o meu pai só tinha a minha irmã, que era só uma. Então deu-lhe uma boneca holandesa com aquelas taiocas e eu fiquei com uma raiva ao Salazar muito grande.

O Salazar era uma pessoa falada lá em casa. E o meu pai era uma pessoa que gostava do ar livre e do desporto e de aviação e os ares e essa coisa toda e o Salazar era o oposto disso. Gostava do seu «xailinho» nas costas e quer dizer era uma pessoa completamente diferente. E

como não existia ministro dos transportes o meu pai despachava com ele e, portanto, conheciam-se muito bem.

E, portanto, havia aquela imagem do Salazar mascarado de D. Afonso Henriques nas escolas. E dele com aquele críptico. Portanto isso era a identificação de Salazar com o estado, com a nação, com a história e com a pátria que nos era impingido e muito bem impingido porque nos aceitávamos tudo isso como normal. De repente vir dizer que ia demitir esse homem e ver a população na rua que eu nunca tinha visto. Quer dizer eu sabia que havia multidões no futebol, mas na rua não, nunca tinha visto. E nas procissões, mas multidão política, a gritar com vontade política foi a primeira vez que vi e, portanto, aderi logo a ideia de liberdade.

Eu lembro-me uma vez falei com um militar um soldado que morava em Elvas e disse que quando abriu a porta de casa e viu um cartaz com a figura do meu pai e a palavra liberdade teve uma comoção tão forte, tão forte, tão forte que desatou a chorar. Nunca tinha visto a palavra liberdade escrita, porque era a autocensura dos jornalistas e das pessoas. Já sabiam que não podiam utilizar a palavra e foi precisamente a palavra que o meu pai pôs nos cartazes dele e utilizou. E não é só isso há uma coisa que é muito importante que é o seguinte, alias já se escreveu muita coisa sobre o assunto: o que é que faz um herói, por exemplo o Mandela, o que é que fez do Mandela um herói universal? Porque ele falou na palavra reconciliação porque ele pôs um povo inteiro, o povo africano a aceitarem viver com os brancos. Isso era impensável e o meu pai pôs o povo inteiro a dizer subitamente que Portugal era viável sem o Salazar era impensável. O meu pai disse o que ia no coração das pessoas, que era acabar não era com o regime era com o Salazar sobretudo porque numa ditadura a figura do ditador é muito importante. Normalmente quando um ditador morre a ditadura muda. É por exemplo comparar Salazar e Caetano. Salazar era de facto a mente, a imagem, a força política, o mistério, o enigma do poder e portanto dizer assim de chofre obviamente demito-o é duma coragem que hoje não podemos imaginar e isso correu pelo país todo porque naquela altura não havia telemóveis mas havia uma maneira de passar as coisas que era através dos pontos cívicos que eram os alunos do liceu, porque os alunos do liceu, pense em Jorge Sampaio e nessa malta que estava aí no 7º ano na altura ficaram também erradicados do seu estar bem com o regime. De repente toda a gente deixou de estar bem, foi um acordar ao nível horizontal e vertical e esse acordar teve sobretudo... quando não se tem a juventude, quer dizer o regime passou anos e anos com a doutrinação da mocidade portuguesa e não tinha pegado porque a juventude virou-se logo quando viu esta abertura no horizonte, portanto o

regime falhou e falhou na juventude já não se consegue dar-lhe a volta porque quando a juventude esta contra uma coisa e esta a favor de outra. Portanto eles são o futuro inevitavelmente... aliás provou-se depois houve as greves depois de 58 é que começou a haver as greves

### **Recorda a declaração de candidatura do General Humberto Delgado?**

Isso foi uma coisa anterior à campanha porque o meu pai estava em Washington e foi contactado por umas pessoas, que ele não nos dizia quem porque ele não nos dizia nada a nos para a PIDE não no chatear eventualmente um dia, para vir para Portugal, mas eles do lado do Salazar não queriam que ele viesse e iam prolongando a estadia dele lá, porque lá estava a fazer um papel importante diplomático e militar na NATO [OTAN] e essa coisa toda, mas isso eram argumentos e o meu pai já estava farta. Era um homem de família, gostava de viver com a família e, portanto, quando ele veio nos já estávamos com a ideia de que ele vinha para se opor ao Salazar porque alguém o tinha contactado. Esse alguém era nada mais, nada menos do que o Henrique Galvão. Praticamente a única pessoa que visitava Henrique Galvão era o meu pai quando ele estava preso e até o Marcelo Caetano conta a historia de que um dia o meu pai disse: “ó senhor doutor dê lá uma máquina de escrever ao Henrique Galvão, que ele pediu para ele conseguir escrever os seus livros e tal”. E o Caetano mandou entregar uma máquina de escrever ao Galvão o que é um gesto de intelectual para intelectual, é bonito.

Portanto o Henrique Galvão é que teve a ideia de pôr um general no ativo, o meu pai era muito novo, tinha 52 anos, e um general no tempo de Salazar era uma figura importante, embora fossem um bocado generais de aviário como se dizia. Portanto nos já tínhamos a noção de algo ia mudar, não sabíamos é que era para a presidência da república, mas depois começou a falar-se dentro de casa e, portanto, não tive assim nenhum choque de ir a uma sessão e saber la ou algo assim porque a família era muito unida e falava-se a as coisas sabiam-se. E depois a minha mãe dizia meninas não se diz nada disto lá fora e tal, portanto nos já percebíamos, era como se fossemos adultos.

### **Tem alguma imagem da campanha de Humberto Delgado no Porto e em Lisboa?**

No porto não eu não estive no porto porque eu estava a fazer o 7º ano e tinha de passar. O meu pai quis levar-me para perceberem que ele era um homem de família porque a propaganda do regime era péssima. Chamavam-lhe o Anticristo e coisas muito pouco... e lembro-me que em Almada foi com a minha mãe e comigo e há uma fotografia da minha mãe

a dizer adeus porque eu lembro-me do meu pai estar no palco la dum teatro qualquer e de o meu pai dizer assim: a esses senhores que me chamam o Anticristo eu aponto para a lapela do casaco da minha mulher e da minha filha e tínhamos o emblema das noelistas, o agrupamento de senhoras católicas e portanto que faziam obras de caridades e assim e a minha mãe fazia muitas coisas desse género. De maneira que ele para contrapor não só no aspeto familiar, mas também no aspeto político porque era uma família e ainda por cima ativistas.

De maneira que foi assim, e de repente apanhei-me no meio do turbilhão da campanha e aprende-se, cortam-se etapas, não é preciso aprendizagem política, aprende-se no duro e depois, não sei, tive contacto com o povo, ver as pessoas que se agarravam ao meu pai, porque o meu pai tinha essa coisa chamada carisma. A falar era um sedutor, era um orador nato. Ele chegou ao fim [da campanha] sem voz, praticamente. O único registo de voz que temos foi do discurso de Chaves.

### **E noutras zonas da Serra da Estrela, como Guarda, Covilhã, Fundão ou Celorico da Beira? E em Coimbra?**

Recordo-me muito bem de Coimbra, foi fantástico. Recordo-me de ir no carro com os Pides atrás, noutros carros e ao meu lado o professor Vieira de Almeida, que era o secretário geral da campanha do meu pai, ofereceu pão e queijo aos Pides, porque não havia áreas de serviço e estávamos cheios de fome, de maneira que resolvemos ser generosos. De maneira que havia um misto de cumplicidades e um misto de terror porque nós percebíamos... Mas eu quando andei em campanha apercebi-me que a minha vida ia mudar completamente, a maneira de pensar já estava aí... A mentalidade é a coisa mais difícil de mudar, num povo é terrível, leva décadas, mas às vezes muda de repente.

Lembro-me muito bem da chegada a Coimbra porque foi engraçadíssima. A cidade estava sitiada eu até me lembro do nome do chefe da PIDE que estava lá [Sachetti] e ele queria provar que não deixava entrar e a população tinha-se reunido naquele largo onde era o consultório do Miguel Torga [largo da portagem] e a população era imensa e nós vínhamos de Gouveia, estávamos a tentar chegar a Coimbra e havia barragens e disseram ao meu pai assim não vamos chegar lá, eles vão-nos impedir de chegar. Até que a certa altura entrou-se numas ruelas e veio o Alberto Vilaça e disse senhor general venha por aqui e levou-nos lá por umas ruelas e ele apareceu lá no hotel [Astória] e eu fiquei no carro com várias pessoas que ficaram que era para irem os carros andando para desviarem os PIDES para cima de nós. E o meu pai

chegou lá por via desses rapazes que o levaram, depois puseram-no lá na varanda daquele hotel e eu lembro-me de estar cá em baixo, porque eu, entretanto cheguei porque tinha sempre a função de ir onde estivesse o meu pai e estar ali discreta e quietinha. Ele disse-me não te percas, tu vês onde é que eu estou e fazes de povo e eu estava cá em baixo a aplaudir e a dizer vivas e assim, disfarçada de mim própria e veio uma velhota destas da província com lenço preto e o meu pai estava em equilíbrio assim com os braços apertados, tinha saltado para a murada, portanto eu nunca pensei que ele fizesse isso. E a mulher disse-me assim: “ah menina que coragem”. E eu disse-lhe: “é meu pai”! E ela: “pois é também é meu”. E eu achei graça porque ela não acreditou que fosse meu pai. Como é que podia ser? Estar ali a filha daquele homem? Era uma impossibilidade.

**Pode caracterizar brevemente a vila de Gouveia em 1958?** Não. Não conhecia nada de Gouveia a não ser a família do meu marido que era de lá. Portanto era totalmente diferente a experiência que eu tinha na minha quinta que era uma coisa rural com uma aldeiazinha. Ali não. Era a província organizada. E foi essa a experiência que eu tive em Gouveia.

**Lembra-se da campanha de Humberto Delgado em Gouveia (comícios, reuniões, sessões de apoio à candidatura...)? E da ação de campanha que trouxe o próprio General Humberto Delgado à vila?**

Sim, recordo-me de Gouveia. De estar na varanda [do centro republicano] e da população estar a clamar e darem palmas e do Dr. Joaquim Bastos, irmão da Alcina Bastos a dizer: “Vamos sair da varanda antes que as palmas acabem”. E eu perguntei: “porquê”? E ele respondeu: “Porque não se deve estar quando as palmas já se esgotaram”.

**Qual a reação institucional que pôde observar? (Da parte da Câmara Municipal, Junta de Freguesia...) E a reação da polícia?**

Eu acho que era o retrato do país. Qualquer local onde fôssemos já sabíamos o que nos esperava: primeiro era a tentativa da PIDE de nos cortar o acesso à caravana, se o meu pai levasse vinte carros atrás ou trinta aparecia lá com um e o da PIDE atrás que era para cortar o acesso dos apoiantes. Depois sucedia-nos chegar a uma praça e não estar ninguém, daí a dez minutos começavam a aparecer e enchia-se a praça, passava a palavra no café e tal.

Portanto esse retrato da repressão e da resistência do povo a essa repressão isso é que foi um quadro novo. Nem a própria PIDE estava preparada para isso. Há imensas informações que

dão vontade de rir. Do tipo a fulana tal mulher de tal colocou uma colcha na janela para receber o General Humberto Delgado ou fulana tal mulher de não sei quantos ou professora não sei de que deu um beijo no General Humberto Delgado, informações do tipo básico porque não estavam a perceber que o país estava a mudar ali na rua, naquele momento. Só a aparição do meu pai tirava o medo as pessoas, o meu pai disse isso muitas vezes: “O medo está a passar para o lado deles, eles agora é que têm medo do povo”. E Gouveia não foi diferente. Houve alguma repressão e houve a coragem do povo em ir para as ruas. Nas terras não tão grandes como Lisboa isso as vezes é mais difícil porque se conhecem todos e sabe-se quem vai e quem não vai. Portanto o medo estava a ser vencido porque julgavam que ia cair e eu também julgava que o regime ia cair. Depois de saber o que se passou no Porto e o que se passou em Lisboa, em Coimbra, no Alentejo e pelo país inteiro estávamos todos convencidos. Mas o meu pai tinha a sensação de que só com eleições o regime não ia. Havia a fraude eleitoral e tudo isso. E tinha de ser pela força.

O próprio Marcelo Rebelo de Sousa disse num programa de televisão onde eu também entrei que em 1958 tinha sido o início do fim do salazarismo e é dito por alguém que estava dentro do esquema salazarista porque o pai dele era ministro. Eles apanharam um grande susto, mas depois, a meio do caminho, com Santos Costa, que era ministro da defesa.... Percebeu o que se estava a passar e então as medidas começaram a ser muito mais rígidas, não era só policiamento, era a engrenagem paramilitar toda porque esse teve a noção de que ou travava o meu pai ou o regime caía. Eles no Porto apanharam o maior susto da vida, estavam lá 200 mil pessoas, era muita gente, começaram a chegar às cinco da manhã. Eram rios de gente. Portanto aí apanharam um grande susto, em Santa Apolónia já reprimiram mais, já não pudemos subir pela Avenida da Liberdade, porque naquela tarde ganhava-se o país, caía o regime. Talvez não caísse, mas levava um abanão muito grande e não nos deixaram seguir.

### **Qual a memória do ato eleitoral de 8 de junho de 1958?**

A grande mudança de 58 percebi-a na rua, mas percebi-a através do meu pai. Eu apercebi-me que o meu pai estava a transmitir aquilo que as pessoas queriam ouvir e eu nunca mais me esqueci desse acordar de toda uma geração e pensei como é que eu vivi ao lado dele estes anos todos e nunca me apercebi que ele tinha esta “grandeza” de saber o que dizer e o que fazer e ainda hoje as pessoas que estudam o que é isto do nascimento de um herói não sabem dizer ainda muito bem se é essa pessoa que define o pensamento da época ou se é o pensamento da época que vai definir essa pessoa e essa pessoa vai encarnar isso.

Quem viveu essa época é como o 25 de Abril, não se pode explicar muito bem às pessoas. Viveu-se na rua, percebeu-se que estávamos a fazer parte de um coletivo e isso é muito importante para um povo, sobretudo para nós que somos um povo muito disperso e muito pequenino esses momentos heroicos e patrióticos, fazem muito bem ao povo porque sacodem os ditadores ou candidatos a ditadores e dão-lhe força [ao povo]. E, portanto, embora parecesse que o meu pai tinha saído derrotado ele não saiu derrotado, foi uma batalha perdida, mas a guerra não. A guerra ficou para depois.

### **Como compara o ato eleitoral de 1958 com atos eleitorais anteriores e posteriores?**

Não é uma comparação muito fácil de fazer porque este caso foi um caso que teve muito a ver com a personalidade do candidato. E também com a personalidade do candidato do outro lado, da UN, porque o Tomás era um homem realmente ínfimo em certos aspetos, não tinha carisma nenhum, não sabia falar e logo automaticamente o Salazar é que apareceu em primeiras páginas e quem era de facto o candidato nos bastidores era Salazar. E o Salazar apanhou pela frente pela primeira vez na vida dele a unificação da oposição porque ele ria-se consigo próprio e dizia vocês não conseguem estar juntos nem meia hora dizem que não assinam tal papel porque se traz tal fulano já não quero. E era verdade, a oposição estava sempre esfrangalhada e quem funcionava na oposição, clandestinamente, era o Partido Comunista. E isso era o papão que o regime sempre utilizou, eu julgava que os comunistas comiam criancinhas ao pequeno-almoço e essa era a propaganda que eles impingiam.

De maneira que pela primeira vez a unidade do estado novo, representado por Salazar, teve um oponente, só um! E isso via-se nos jornais, estava uma fotografia de um lado e outra do outro, e quem falava era o Salazar e o Tomás não tinha qualquer envolvimento, porque não era um orador não sabia o que estava ali a fazer. Era o que se chamava uma testa de ferro. De maneira que esta oposição o Salazar teve e ainda por cima numa pessoa que trabalhou junto com ele e que o conhecia bem.

Houve muita repressão, houve muitas prisões na época e, portanto, o povo sentiu bem. E as gerações mais novas acordaram e isso é muito importante porque sem as gerações novas não havia futuro. O regime tinha provado que não tinha conseguido que a sua política de juventude fosse para a frente, portanto não tinha formado uma geração a favor

### **Acompanhou o percurso de Humberto Delgado após 1958?**

O meu pai manteve a esperança aberta e por isso é que o perseguiram. Ainda agora estava a ver o funeral do Mandela e estava a pensar bem a ele não o mataram. E ao meu pai sentiram necessidade de o matar porque ele era extremamente perigoso porque ele conhecia os meandros da NATO lá fora, era um homem muito habituado ao estrangeiro e, portanto, quando foi para o exílio foi um pânico aqui. Não tinha acabado.

### **Qual a marca que na sua opinião deixou a presença do General Humberto Delgado em Gouveia naquele dia 31 de maio de 1958?**

Foi um corte transversal na sociedade portuguesa. Portanto havia pessoas que eram de direito e que se deixaram emocionar, como havia pessoas de estrato social, próximo de uma burguesia rural que também se deixaram apanhar e como havia pessoas do próprio PCP, porque as multidões não eram só feitas de adepto de Humberto Delgado, era pessoas de todos os estratos sociais. E isso é que eu chamo o despertar do povo porque não foi só uma classe, não foi um elitismo, não foram só os militares, nada disso. Houve um despertar e eu vi isso nas ruas, vi isso em Gouveia. Vi muito isso: pessoas ao lado umas das outras que eram de estratos sociais mais elevados, mais baixos e isso deu-me a dimensão do que era o povo com o seu querer e a sua verdadeira forma de luta que é na rua. E provou-se isso depois com o 25 de Abril que se fez na rua, não houve sangue derramado nem nada foi com o povo a apoiar os militares. E aqui era um militar que não era conotado com o regime, embora fosse do regime, era um dissidente se podemos usar essa palavra, não podemos bem, era um opositor que encarnou o sentido popular. É essa a imagem que eu guardo.

Entrevista efetuada por Carolina Carvalho de Freitas

16 de dezembro de 2013, Parede, Cascais.

## **Apêndice II – Entrevista a Alípio de Melo**

### **Entrevista efetuada no âmbito da realização de tese de mestrado subordinada ao tema “A campanha do General Humberto Delgado para as eleições presidenciais de 1958 na Vila de Gouveia”**

#### **Identificação do entrevistado:**

**Nome:** Alípio de Melo

**Naturalidade:** Benguela, Angola

**Idade:** 72

#### **Percurso Profissional**

Fez os estudos primários em Arcozelo, Gouveia e Rio Torto e os liceais em Gouveia, Viseu e Coimbra. Licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Coimbra. Foi professor e Diretor da Escola Industrial e Comercial Vasco da Gama de Inhambane, em Moçambique. Foi ainda professor na Escola Secundária de Gouveia, Escola Secundária Jaime Cortesão em Coimbra e no Instituto de Gouveia. Exerceu funções de Presidente da Câmara Municipal de Gouveia de 1976 a 1983. Foi administrador de empresas e tem colaboração dispersa por vários jornais e revistas. Estudioso de Vergílio Ferreira preside ao júri do prémio Vergílio Ferreira, instituído pela Câmara Municipal de Gouveia.

#### **Já exerceu algum cargo político? Se sim, antes ou depois de 1958?**

Fui presidente da Câmara Municipal de Gouveia de 1976 a 1983 e fui mandatário da recandidatura do General Ramalho Eanes à recandidatura à presidência da República em 1980, mandatário distrital do Manuel Alegre agora em 2006 e 2011 também.

#### **Que imagem tinha do Presidente do Conselho de Ministros António de Oliveira Salazar?**

É preciso ver que vivi essa época e depois quando fui para Coimbra para o 7º ano porque aqui acabou e depois entrei na faculdade estando na República dos Kágados. Ora, as repúblicas, a

maior parte delas, eram nessa altura, enfim, um alfobre da geração que mais tarde viria a estar na democracia. De forma que tudo isso me levou a ter uma experiência cívica e política que se não tivesse lá estado se calhar não teria tido. Recordo-me que em fevereiro de 1969 eu já não estava na república, já estava casado, vivia em frente, estava a acabar o serviço militar em Coimbra e a nossa república fez um dia de reflexão em que veio o Doutor Mário Soares, a Maria Barroso, o Vasco Fernandes, o Doutor Fernando Vale e o Doutor Rogério Fernandes, de maneira que, vivi as crises de 1962 e depois a de 1969, mas já não era estudante estava no serviço militar. Como estava na altura de férias do serviço militar assisti à célebre inauguração do edifício das matemáticas cá fora quando o Alberto Martins pediu para falar e não lhe foi concedida a palavra.

Assinei todos os manifestos, juntamente com centenas de colegas meus. Manifestos não só a pedir a demissão de Salazar, mas também contributivos para a rotativa da república, do jornal e também daquelas lutas internas da academia defendendo sempre os projetos de esquerda que foram liderados, sobretudo, pelo Carlos Candal, já falecido.

### **E do General Craveiro Lopes, Presidente da República de 1951 até 1958?**

Sabia que era conotado com o regime, era um militar aprumado digamos assim e que na fase final do seu mandato tentou, e nós soubemos mais ou menos naquela altura, arranjar um golpe para destituir Salazar o que não foi bem-sucedido e por isso é que foi substituído pelo almirante Américo tomas

### **Votou nas eleições de 1958? E nas eleições anteriores de 1951? E nas eleições seguintes de 1965?**

Não, só votei após 1974.

### **Tem memória de Humberto Delgado antes de 1958? Sabia quem era? Já tinha ouvido falar do General?**

Não, pouca gente conheceria o Humberto Delgado na altura, a não ser pelas conotações que ele teve com o estado novo e só naquela altura é que se veio a saber que ele tinha sido o mais novo general no ativo. Depois começam a constar determinados valores que ele defendia, mas por exemplo o Doutor João Gomes contava-me que quando conheceu o General Humberto Delgado foi numa célebre sessão da União Nacional na Guarda em que o Doutor Aureliano Dias Gonçalves, que era advogado aqui em Gouveia e que era conotado com o regime,

intervinha de vez em quando dando vivas a Salazar e Humberto Delgado é que estava a presidir esta sessão, o Doutor João Gomes estava com outros oposicionistas e às tantas o Humberto Delgado levantou-se e disse: “ou esse senhor se cala com os vivas para deixar os outros falar ou então tenho que o por fora da sala”.

**E da campanha eleitoral de 1958? Teve nela algum papel? Se sim, qual?**

Sim tenho memória dada a minha participação. Tive só o papel de distribuir os boletins. Na altura as coisas eram difíceis e nos éramos jovens sobretudo eu e outro. Pois tínhamos essa incumbência, tínhamos um sector ao qual íamos meter os votos dois ou três dias antes da eleição, sem saber se por acaso teriam direito a voto. Nessa altura não se sabia.

**Recorda a declaração de candidatura do General Humberto Delgado?**

Lembro-me de em Gouveia ter sido no escritório do Doutor Fernando Rebelo.

**Tem alguma imagem da campanha de Humberto Delgado no Porto e em Lisboa?**

Não.

**E noutras zonas da Serra da Estrela, como Guarda, Covilhã, Fundão ou Celorico da Beira? E em Coimbra?**

Na Guarda teve uma grande receção. Recordo ter visto fotografias do Dr. João Gomes com o pessoal da Guarda, portanto ele da Guarda veio por Gouveia e salvo erro foi para Coimbra. De maneira que recordo ter visto varias fotografias do Doutor João Gomes na Guarda.

**Pode caracterizar brevemente a vila de Gouveia em 1958?**

Gouveia era um meio essencialmente operário e o operariado teve uma função bastante importante em varias décadas. Nos anos 40 alguns aderiram a greves, levando a solicitar a vinda de tropas com receio de que houvesse alguma alteração da ordem. Baixos salários evidentemente, com muitas dificuldades. Alias no discurso que fiz agora no 5 de Outubro na homenagem que fazemos todos os anos a Pedro do Amaral Botto Machado, tive o ensejo de referir que a miséria das décadas do inicio do século levou a que a loja maçónica existente em Gouveia que é a estrela beneficente cujo venerável era o Pedro Botto Machado e foi-me contado que os operários mais carenciados durante a manha quando abriam a porta encontravam um envelope com dinheiro, e mais tarde vim a saber em conversas com gente

que sabia disso, que eram os maçons da estrela beneficente que ajudavam e portanto para n se saber quem tinha sido davam um envelope c dinheiro p suprir as varias carências

Essencialmente era uma terra dominada pelos senhores das fabricas e grandes proprietários, o operariado tinha também uma certa subsistência porque cultivavam o quintal ou ate uma pequena quinta, para além do que davam os turnos que era pouquíssimo.

Depois deu-se toda esta revolução em q todas estas fabricas começaram a desaparecer. A maquinaria veio substituir os braços e depois com as crises sucessivas e hoje não temos nenhuma em Gouveia e também não temos praticamente em parte nenhuma no nosso concelho.

### **Quem se preocupava com a atividade política?**

Havia os lideres de opinião por parte da oposição e na parte da situação o Dr. Santos Júnior era o principal, antes ainda o conde de Vinho, os da legião portuguesa, portanto estes eram da situação. Tinha bastante influencia o professor Antunes Varela que tinha casado aqui em Gouveia que era ministro da justiça nessa altura e Dr. João Ubach Chaves ali de São Paio, tio do Frederico Delgado Chaves Rosa, subsecretário de estado da industria durante pouco tempo e que veio a falecer dois ou três meses antes do 25 de Abril. O comandante Henrique Tenreiro que não era daqui natural, era de Lisboa, mas ligado a Figueiró [da Serra], também tinha a sua influencia neste meio.

Curioso que o Dr. Marcelo Caetano passou aqui dois a três meses nos anos quarenta aqui na zona de Gouveia. Em ferias digamos assim. Penso que ficou em casa do Dr. Manuel Alçada que também pertencia à situação, ali na quinta de Sto. António em Vinhó, ou então na casa do Dr. João de Vasconcelos, mas nessa altura talvez já não, porque o Dr. João de Vasconcelos era de folgosinho tinha uma grande quinta entre folgosinho e o freixo. Esteve aqui dois meses e isso está documentado, mandava relatórios ou procurava auscultar o q as pessoas iam dizendo.

Nessa altura já tinha sido comissário nacional da mocidade portuguesa de maneira que estaria encaminhado para um futuro lugar de prestígio o que veio a ter muito mais tarde.

### **Existiam discussões políticas nos cafés?**

Algumas, mas com o receio natural da altura. A política viveu-se e falou-se [mais] só nesse período porque as pessoas tinham muito receio. Recordo em Coimbra nos cafés que frequentava quando víamos um estranho ali no meio havia um certo receio.

### **Que jornais chegavam a/ eram lidos em Gouveia?**

O Notícias de Gouveia, O Século, o Jornal de Notícias, o Comércio do Porto e o Primeiro de Janeiro eram os principais. O Diário da Manhã não recordo que chegasse. Havia o República e havia um semanário bastante lido que era a Gazeta do Sul do Montijo, um bocadinho com artigos de esquerda, digamos assim, perante a situação. É preciso referir a importância do centro republicano, porque era aí que os democratas se reuniam em jogos e também nas suas posições, de certa maneira contrapondo aqui ao clube Camões que era o clube dos industriais de forma que havia. Eu penso que cheguei a conversar com o Vergílio Ferreira sobre isso, mas o livro, o romance dele “Mudança” contrapõe dois clubes existentes na vila e eu tenho a sensação de que ele se tinha baseado aqui nos dois clubes, Camões e centro republicano. E esse livro sugere que ele conhecia também a situação que havia aqui na terra. O clube Camões mais para a elite e ali cozinhava-se também um pouco da política local em termos de câmara de vereação e a oposição reunia-se lá em baixo no centro republicano

### **Eram discutidos? Que rádios eram ouvidas?**

Emissora nacional, renascença através do Miramar que era uma nova emissora

### **Quais as posições políticas dos notáveis da vila? Do farmacêutico ao notário ao professor primário?**

O professorado primário estava todo ou quase todo enfeudado no regime na verdade foi a classe que menos beneficiou do regime, mas estava com ele bem a exceção de dois ou três professores, entre eles o falecido professor Artur Castelejo de Vila Cortez que quando o Humberto Delgado passou ele levou os alunos dele a passagem do cortejo de automóvel no centro da terra. Mas a maior parte estava conotado com o antigo regime. Uma das figuras também importante era a do médico, que era o Dr. Mário Figueira que fazia parte da concelhia, foi sempre um opositor e pagou caro algumas das situações porque era preterido em relação a outros, mas ele foi sempre um vigoroso, um combativo que nunca se deixou abater.

De resto a todas essas figuras (notários, farmacêutico...) eram conotadas com o regime. O Dr. Santos Júnior, o Dr. Aureliano, o Dr. Aragão, o Dr. Pupo Correia que era o notário e que presidiu à mesa de votos.

De forma que os campos estavam normalmente assim divididos. Houve alguns mesmo no concelho que não se importaram de dar a cara e isso sei através da análise dos estatutos do Benfica de Gouveia que o Dr. Santos Júnior fez em que ele fala num que era secretário da junta em Cativelos e que estava com o HD, fala do Sr. António Ribeiro também tinha apoiado o Humberto Delgado. De maneira que o operariado é que foi a mola principal desta questão.

**Lembra-se da campanha de Humberto Delgado em Gouveia? (comícios, reuniões, sessões de apoio à candidatura...)**

A Sessão foi presidida pelo doutor Acácio Gouveia, advogado em Lisboa, opositorista e que tinha casado em Vila Nova de Tazem e falaram também o Doutor João Gomes que era uma grande referência a nível distrital a nível da oposição, que era advogado na Guarda e o Doutor Fernando Rebelo que era presidente da comissão concelhia.

Há mais uma série de republicanos e opositoristas dessa altura, estou-me a recordar do Senhor Casimiro de Andrade, do Sr. Castro que era trabalhador da sociedade industrial, Sebastião Aires de Albuquerque que era um comerciante de vinhos da Póvoa da Rainha casado com uma professora primária de lá e enfim eu tenho pena de não ter aqui comigo mas se der algum tempo a minha mulher talvez consiga... é que eu editei um jornal nas comemorações dos 50 anos das eleições em 2008, um jornal de 4 páginas já não me recordo de quem colaborou nele ... mas eu arranjo-lhe um exemplar.

Tem um excerto do Frederico, nós pusemos uma placa à entrada do centro republicano na altura e um dos textos que publico lá e que é a realidade é que havia nessa altura até Abril de 1958, portanto antes de se entrar propriamente na campanha havia dois clubes de futebol aqui em Gouveia que era o Sporting de Gouveia e os gouveenses, e o Benfica era uma surpresa não ter nenhuma filial em Gouveia portanto o nascimento do Benfica de Gouveia a 14 de Abril de 1958 com uma sessão aqui no cinema onde o Dr. Fernando Rebelo também discursou veio na sequência da campanha do Humberto Delgado porque todos os que fundaram o Benfica ou quase todos pertenciam a oposição e estavam do lado do Humberto Delgado. Eu tenho isso escrito e também num livro que vai sair agora sobre o desportivo de Gouveia que comemora 50 anos de existência é o Dr. Santos Júnior que era presidente da câmara de Gouveia e que

veio mais tarde a ser ministro do interior, quando o governador civil lhe perguntava em confidencial a que eu tive acesso, sobre o estatutos do Benfica, se havia alguma ilegalidade que era para enfim se calhar não legalizar, o Dr. Santos Júnior que era perspicaz diz eu sei que isto é tudo consequência da campanha de Humberto Delgado mas não há juridicamente nenhum entrave de maneira que terá de ser promulgado e então caracterizava todos os subscritores dos estatutos e o que é que tinha feito o Benfica e portanto também a oposição, pôs alguns daquela faixa cinzenta que não se sabe bem se são contra ou a favor e ele caracteriza cada um. Claro que o mais visado foi aqui o Sr. Monteiro que era o dono do café central nessa altura, mas era um fanático do Benfica e que, portanto, não podia estar de fora. Mas o Dr. Fernando Rebelo não esteve e muitos outros, portanto arranjaram ali uma faixa de personalidades que, efetivamente ele dizia: “não sei bem qual é a orientação política deste ou daquele ou de aqueloutro”. De maneira que o Benfica nasceu precisamente dessa campanha de Humberto delgado.

Parece-me que no jornal transcrevo a sessão ou parte dos discursos não me lembro agora, mas com certeza arranjo-lhe um exemplar.

Anos antes na campanha do Norton de Matos em 1949 também houve aqui um grande comício, ele estava programado para Seia, mas à ultima da hora não deixaram por qualquer motivo, parece que tinha de ser em sala fechada e então vieram para Gouveia e aqui também discursaram varias personalidades entre eles o Dr. Almeida Santos que era ainda estudante na universidade de Coimbra e o discurso dele vem publicado em 1949 aqui no Notícias de Gouveia e é um discurso bastante interessante.

Nós de vez em quando editamos algum jornal através da nossa editora, temos uma editora ali em Coja, Arganil e fazemos às vezes alguns jornais e outras publicações sem intuítos comerciais digamos assim

De forma que lançamos agora no dia 1 de junho a propósito dos 50 anos do falecimento do Aquilino Ribeiro e fiz com um colega meu uma conferencia em Viseu sobre o aspeto jurídico do espólio dele e editámos também um jornal em que colaboro eu, o Dr. Almeida santos, o Dr. Mário Soares e com um excerto dum prefácio do Dr. Álvaro Cunhal sobre o Aquilino Ribeiro.

**E da ação de campanha que trouxe o próprio General Humberto Delgado à vila?**

Recordo uma multidão enorme, eu tinha 17 anos e a minha falecida irmã e o meu falecido cunhado tinham-me dado nessa altura uma máquina fotográfica, daqueles chamados caixotes e uma das primeiras reportagens que fiz foi precisamente isso. E tenho duas fotografias que estão publicadas nesse jornal, numa vê-se um polícia de costas e a multidão aqui junto ao cinema, junto ao Clube Camões, nos passeios e noutra vê-se Humberto delgado sufocado pela multidão que o queria vitoriar.

Foi bastante interessante, recordo-me perfeitamente disso e de ter estado também nesse comício aqui no cinema, portanto o Humberto passou aqui no dia 31 de maio ou coisa assim parecida. As eleições foram a 8 de junho. E eu também tenho, mas não sei aonde o jornal república da campanha, portanto ao jornal republica foi-lhe permitido durante a campanha que fossem escritas algumas coisas, não há grande coisa (referente à passagem por Gouveia) mas tem a constituição da comissão concelhia.

E tenho também comigo um boletim de voto do Humberto Delgado e o manifesto da campanha. Do boletim não sei, mas tenho aqui o manifesto, se quiser tira fotocópia e depois devolve-me. Isso é uma preciosidade. Não sei se sabe que os boletins eram diferentes... Cada candidato tinha o seu boletim impresso. A sede de campanha era no escritório do Dr. Fernando Rebelo ali junto ao centro republicano e alguns de nós, eu nessa altura tinha 17 anos, andava aqui no 6º ano, alguns de nós durante a noite metíamos os boletins por baixo das portas embora não sabendo se toda a gente tinha direito a voto, mas à cautela. Eram metidos debaixo da porta porque ninguém se queria manifestar abertamente. Por outro lado, a textura dos boletins era diferente, portanto na medida em que, e isso contou-me o meu pai, que quando foi votar o presidente da mesa fazia assim [ao dizer isto exemplifica esfregando o polegar nos dedos médio e indicador] para saber em quem é que tinham votado, portanto por causa da textura do papel.

Era muita gente aqui à entrada de Gouveia. Ele veio da Guarda. Muita gente aqui nos passeios do cinema até lá a cima. Depois acompanhámo-lo a té ao centro republicano onde ele subiu a uma varanda e onde acenou por isso é que esta lá a tal placa. Sei que não demorou muito tempo porque tinha de ir para Coimbra. Disse poucas palavras. Depois aqui no comício é que me lembro de terem falado em nome dele o Dr. Fernando rebelo e o Dr. João Gomes que era um tremendo orador, muito ardente, era um tribuno que arrastava multidões. Que eu saiba não existe ata porque com as obras que andaram a fazer lá em baixo [no centro republicano] as pessoas que lá andavam nas obras deitaram fora muita coisa, muitos papéis. Escaparam alguns

da Associação de Socorros Mútuos e penso que também alguns do Centro. O Centro teve uma dimensão enorme na sua altura, mas para o final estava caduco e foi o Sr. Casimiro de Andrade que aguentou aquilo até onde pode e depois fez-se a cedência das instalações ao clube desportivo. Uma coisa que eu sei que foi recuperada são algumas propostas de sócio. Aumenta o numero de sócios do centro republicano depois da campanha de Humberto Delgado e de algumas pessoas que enfiam até julgávamos que não queriam dar a cara e estariam ate talvez um pouco conotadas com o antigo regime, mas há pessoas que subscreveram a partir dali e que fazem até uma certa gala.

**Qual a reação institucional que pôde observar? (Da parte da Câmara Municipal, Junta de Freguesia...) E a reação da PSP?**

O Dr. Santos Júnior assistiu quer ao comício quer lá em baixo numa casa à receção no centro. No comício, que era suposto acabar à meia-noite, foi-lhe pedido, enquanto Presidente da Câmara que era na altura a autoridade máxima, autorização para continuar depois da hora e ele deu.

Não houve reação da polícia foi tudo ordeiro, pacifico apesar de estar mesmo muita gente.

**Tem alguma memória do ambiente na vila aquando da presença de Humberto Delgado? E após a sua partida?**

Ordeiro, foram todos para casa. Não houve nada de especial

**Qual a memória do ato eleitoral de 8 de junho de 1958?**

Lembro-me do ato e do meu pai ter ido votar. Nesse dia mesmo fomos ao Arcozelo, de onde eram os meus pais, e fomos confrontados com a noticia de que na verdade nas barbas do representante do Humberto Delgado os homens da mesa fizeram o que quiseram dos votos. Ficámos um bocado chocado porque o representante era medico la uma figura com certo prestígio e que se deixou digamos assim levar.

**Como compara o ato eleitoral de 1958 com atos eleitorais anteriores e posteriores?**

Não há comparação. Do ato anterior de 1949 tenho alguma noção porque estava a passar uns dias em Lisboa e havia nessa altura punham os panos com frases, havia um candidato que era almirante e apesar de ser miúdo lembro-me perfeitamente dum pano que dizia senhor almirante não queremos navegar em águas turvas.

Os posteriores como sabe o Presidente da República passou a ser eleito por colégio eleitoral, ou seja, a partir daí houve diversas eleições para o parlamento ou para a assembleia nacional e é daí que nasce a famosa ala liberal de Sá Carneiro, Pinto Balsemão e outros assim e depois recordo-me da campanha presidencial que o general Ramalho Eanes ganhou.

**Recorda os resultados eleitorais em Gouveia? E a reação popular aos mesmos?**

Sim como já referi. Bom os resultados precisos recordo vagamente.

**Acompanhou o percurso de Humberto Delgado após 1958? (exílio, assassinato...)**

Sim através de notícias clandestinas que me chegavam a Coimbra. E também do caso do Henrique Galvão, da sua fuga e depois do Santa Maria e da LUAR do Palma Inácio, estava em Coimbra quando foi o assalto ao banco na Figueira da Foz e nessa altura eu estava até em serviço militar e houve até um certo reboiço por ter sido tudo ali nas barbas, porque eles foram de avioneta chegaram ao aeródromo de Cernache do Bonjardim que fica aí a 10 km de Coimbra. De maneira que, acompanhei o percurso do general Humberto Delgado do pouco que se sabia.

E depois soube do assassinato algum tempo depois. Recordo também a tentativa de revolta do quartel de beja

**Qual a marca que na sua opinião deixou a presença do General Humberto Delgado em Gouveia naquele dia 31 de maio de 1958?**

Muito forte não só em Gouveia como em todo o país mesmo nas nossas chamadas colónias eu vivi alguns anos em Moçambique e recordo-me de falar com muitas pessoas que referiam que na altura estiveram do lado de Humberto Delgado. Foi uma marca forte! Claro que depois houve as dissidências que houve em torno dele, mas se não tem sido assassinado era bem capaz de ter havido um 25 de Abril mais cedo porque, enfim, a guerra colonial estava a levar não só os nossos recursos financeiros, mas também os recursos humanos e é preciso vermos que, na verdade, a guerra não conduziria a lado nenhum. Os outros países colonizadores tinham estado a dar independência aos respetivos povos e continuaram lá, nós com este tipo de atuação só conseguimos o retorno de cerca de meio milhão de pessoas ou mais. Portugal não soube aproveitar essa circunstancia porque nós fomos os menos colonizadores de todos

esses povos, pode haver racismo, não discuto se há se não há, mas na verdade não há uma interação como a nossa entre os povos de diferentes raças.

Entrevista efetuada por Carolina Carvalho de Freitas

05 de novembro de 2013, Gouveia.

